

# Defesa Nacional



DE AGOSTO

9 4 3

NÚMERO

3 5 1

CEL. RENATO BATISTA NUNES

TEN. CEL. LIMA FIGUEIREDO

TEN. CEL. D'ALMA DIAS RIBEIRO

TEN. CEL. BATISTA GONÇALVES

# A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXX

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1943

N.º 351

## SUMARIO

	Págs.
Editorial	137
Escola de Comando (destinada à preparação de oficiais de Estado Maior) — (Trad.) — Ten.-Cel. Paulo Mac Cord	141
O Infante, o Adebri e a sua história — Cel. Ademar Brito	153
Captura de uma cidade — (Trad.) — Ten.-Cel. A. N. Pereira	159
A economia na guerra totalitária — Ten.-Cel. Armando Vasconcelos	167
Emprego de profetores A.Aé. na zona do interior — (Trad.) — 1.º Ten. Propício M. Alves	183
Transferidor de derivas e alcas — Cap. Lindolpho Ferraz Filho	203
Esquadras de caçadores — (Trad.) — 1.º Ten. Antonio Carlos do Nascimento Jr.	217
Monumento aos defensores de S. Borja — Cap. De Paranhos Antunes	223
Cooperação entre a Infantaria e os Sapadores, no ataque — (Trad.) — Cap. Riograndino da Costa e Silva	231
Teoria e uso da regua "Cricklow" — (Trad.) — 1.º Ten. Newton C. A. Mello	243
Métodos de assalto da artilharia soviética — (Trad.) 1.º Ten. Franklin Serrano	251
Conferência feita pelo engenheiro Urbano Setembrino de Carvalho, no Instituto de Engenharia de São Paulo, em 2-7-1943	263
As Indústrias Máquinas Agrícolas Romi Ltda. trabalham para o esforço de guerra	279
Noticiário & Legislação	289



Quando o  
**SOL**  
está preguiçoso...

...a **LUZ** se põe a trabalhar

A luz elétrica torna possível a execução de trabalhos que pela sua delicadeza exigem uma visão perfeita dos menores detalhes. Nesta época de mobilização total dos recursos industriais do país, a boa iluminação é o fator primordial do aumento crescente da produção. Faça da luz elétrica o seu melhor auxiliar.



PROCURE ouvir os programas "ONDAS MUSICAIS" irradiados todas as 3as. feiras das 13 às 14 hs.



**COMPANHIA de CARRIS, LUZ e FORÇA**  
do Rio de Janeiro Ltda.

Sirva-se da

Caixa Postal 571



Eletricidade

Telefone 43-4848

Standard

## Indústrias "Cama Patente" - L. Liscio S. A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

**Prefira a Cama Patente  
Legítima só com a faixa azul!**

Grande  
fornecedora  
dos Exércitos  
Nacional  
e Americano



**Matriz e Fábrica:** Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

**Fillais:** RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 — Loja:  
— Rua 7 de Setembro, 177.

— BELO HORIZONTE, RECIFE, BAÍA, PORTO ALEGRE e  
— PELOTAS.

**Agências:** MANÁUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e  
— MACEIÓ.

## Produtos Químicos Para Indústrias



Ácidos clorídrico, nítrico e sulfúrico (puros e comerciais) — Ácido sulfúrico para acumuladores (puro e diluído) — Ácido Sulfúrico para análise de leite — Alumen de Potássio — Amoníaco — Bióxido de Manganês — Carbonatos — Clorêtos — Carvão Ativo "KEIROZIT" (clarificante, descorante e absorvente para todos os fins, químicos e industriais) — Litargírio — Nitratos — Perclorêto de Ferro — Solução "Júpter" (para envenenar couros) — Sulfatos (puros e comerciais) — Tintas para marcar carne, etc., etc.

**PRODUTOS QUÍMICOS "ELEKEIROZ" S. A.**

RUA S. BENTO, 503

São Paulo

Caixa Postal, 255

Representante no Rio de Janeiro:

**RAUL AZAMBUJA** - Beco Manoel de Carvalho, 16 - 7.º pav.



# ESPONJA ARTIFICIAL

# Esponja

## A BASE DE CELULOSE NACIONAL

Três tipos : Para banho  
Para copa e cosinha  
Para limpeza de veículos e vidraças

CREAÇÃO DA

## S/A Industrias Reunidas F. Matarazzo

PRÉDIO CONDE MATARAZZO

Praça do Patriarca • Fone 3-5151 • São Paulo

## DESDE AQUELE DIA



parece que  
os negócios tomaram  
novo impulso...

A direção da firma cabia a um sócio apenas. Por isso, os Bancos limitavam seu crédito. Não havia pleno desenvolvimento. Um dia, porém, os três sócios resolveram proteger a firma e protegerem-se mutuamente, instituindo um Seguro Comercial, na Sul America. Desde então o crédito firmou-se, os negócios aumentaram e os lucros multiplicaram-se. Siga este exemplo, o Sr. que também é comerciante!



### SUL AMERICA

Companhia Nacional de  
Seguros de Vida

Quando fôr a  
S. Paulo, visite

OS MAIORES  
ESTABELECIMENTOS  
DE MODAS  
DO BRASIL

CAK. **INGLO BRASILEIRA S.A.**

SUCESSORA DE  
MAPPIN STORES

Suc. de Mappin Storel

## MALTE

— o ingrediente revigorante do **BRAHMA CHOPP**

Malte é a cevada germinada. A germinação da cevada torna as suas qualidades tônicas e nutritivas ainda mais vivas. Há séculos que o malte é uma das mais ricas fontes naturais de energia. É utilizado, porém, em grande escala pelas cervejarias. Na fabricação do Brahma Chopp, entra somente malte de alta qualidade. É por isso que o Sr. sente essa sensação de bem estar, essa ação revigorante, depois de saborear um Brahma Chopp. Beba-o sempre gelado. É uma delícia! O Brahma Chopp, é leve... saudável... e dissipa a sede.

## BRAHMA CHOPP

SÓ FAZ BEM!

EM GARRAFA E BARRIL

## EDITORIAL

A personalidade do Duque de Caxias é inexgotável. Quanto mais aprofundamos o estudo da sua vida de homem, de soldado e de cidadão, maiores lições recolhemos. Para qualquer emergência da existência nacional haverá, sempre, no exemplo de Caxias uma orientação segura, uma inspiração saudável.

O Império deve-lhe a existência e o esplendor. O Duque foi, na verdade, o gênio tutelar dessa larga quadra de consolidação da nacionalidade. A sabedoria do Império consistiu em confiar-lhe, nas horas supremas, nos instantes cruciais, a solução das grandes crises brasileiras.

E Caxias nunca falhou. Mesmo naqueles lances mais perigosos, quando as paixões avassalavam os homens com que teria de se haver, quando os erros anteriores já haviam comprometido profundamente a causa que lhe tocava conduzir, mesmo quando os anos já lhe pesavam e a saúde estava minada, Caxias não falhou, não fraquejou, sequer. E' que a sua força não era só a do bravo ou do general irresistível. O soldado máximo do Brasil era também um espírito ágil, flexível e cultivado.

Esse aspecto da personalidade do Duque de Caxias nem sempre tem sido apreciado na suas exatas proporções. Mas, o fato é que o herói impar de Itororó foi também um valoroso mane-

jador das armas do espírito, um sincero cultor das coisas da inteligência.

Diversos fatos históricos documentam as virtudes intelectuais de Caxias.

No domínio da sagacidade bastará lembrar aquela extraordinária resposta dada ao Ministro Norte Americano em Assunção, e que o procurou, insinuado por Lopez, no acampamento de Tuiuti, disferindo-lhe esta pergunta embaraçosa:

— “Tem V. Excia. muita vontade de prender Solano Lopez?”.

Se Caxias respondesse que sim, arriscar-se-ia a ouvir alguma observação irônica do diplomata; se retrucasse pela negativa podia vir a ser envolvido numa manobra política. Então, o Marquês, comandante supremo das forças aliadas, teve uma saída verdadeiramente primorosa:

— “Certo que não vim ao Paraguai para lhe dar escapula... Por conseguinte, se acaso está ele com intenções de fugir, faça-o muito embora, mas de maneira que não me caia nas garras...”

Também não lhe faltava a replica pronta e fulminante, quando era o caso. Assim, ao prender Diogo Feijó este lhe observou ferinamente:

— “Então, General, ontem ao lado do povo, hoje contra ele”.

E Caxias revidou a pé da letra:

— “Engano, Eminência, ontem ao lado da lei, hoje ainda ao lado da lei”.

Senador, suportou muitas vezes cerradas cargas parlamentares, e seus discursos são modelos de equilíbrio e clareza. Sabia afinar, porém, se necessário, uma nota maliciosa, digna da mais sutil

inteligência parlamentar. E' disso exemplo o trecho que se segue de uma oração de Caxias no Senado:

— “Snr. Presidente é preciso que se fique sabendo que o nobre senador não é aquele homem que parece ser à vista do que nesta casa costuma dizer; e peço ao Senado que haja de o não julgar pelas palavras que profere. O nobre senador é um bom pai de família, grande cidadão, excelente cavalheiro, um completo homem de bem. Quando eu não conhecia de perto S. Excia. fazia dele uma idéia muito diferente da realidade, por causa das palavras que costumava proferir nesta casa. Depois que servi com o nobre senador e com ele tive relação de amizade, reconheci, com grande satisfação minha, que S. Excia. não era nem por sombra esse homem que constantemente ameaça a todos e a tudo com bacamarte e balas na cabeça. Não senhores, o nobre senador é incapaz de matar um passarinho; ainda não ouviu zunir uma bala. Diz aquelas coisas com as melhores intenções do mundo e sem dar-lhes o alcance que parecem ter a quem as ouve...”

Nas posições administrativas deu Caxias numerosas demonstrações da sua alta visão, da sua extraordinária capacidade de apreensão e de domínio dos problemas públicos. Para citar algo diretamente ligado ao Exército mencionemos as suas idéias sobre o serviço militar. Pois bem, naqueles tempos recuados e incultos, Caxias reclamava aquilo que só teríamos 60 anos mais tarde, uma “lei de recrutamento fundada nos sãos princípios da justiça e da equidade, uma lei que

obrigue todos os cidadãos, de qualquer condição, em circunstâncias bem determinadas, a prestar seu contingente de serviço militar na força armada regular”.

Aliás, cumpre acentuar que o duque de Caxias sempre elevou o nome do Exército em todas as funções civis que desempenhou, e foram muitas, além de altas e por vezes sumamente difíceis. E' que o duque, sirva-nos isso como um dos seus maiores exemplos, conservou em todas elas, fossem quais fossem, o seu espírito militar e o seu amor ao Exército intactos. Jamais se deixou entorpecer nas suas virtudes de soldado quando ausente da caserna. Pelo contrário, levava para os outros setores o mesmo espírito e até as mesmas normas, quando, naturalmente, se tornavam de oportuna aplicação. Essa é uma face da personalidade do nosso patrono e uma lição da grande obra que devemos recordar permanentemente.

Caxias era membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do que muito se orgulhava, como manifestou repetidas vezes, inclusive numa mensagem escrita que enviou do seu Q. G. em Pará-Cué em 1868.

Foi, pois, o nosso patrono, além de soldado e cidadão exemplares, também um homem ilustre, sensível às coisas do espírito, que prestigiava, e a cujo serviço punha uma parte da sua poderosa personalidade. Vai nesta lição de Caxias ao Exército muito que meditar, sobretudo agora, quando se apresentam tantos e tão imprevistos os nossos encargos.

# ESCOLA DE COMANDO

## (DESTINADA À PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DE ESTADO MAIOR)

Traduzido da revista "Life" e adaptado  
pelo Ten. Cel. PAULO MAC CORD

Em todas as batalhas, a inteligência exerce papel preponderante na obtenção da vitória. Em igualdade de condições materiais e mesmo, até certo ponto, com maior escassez de recursos, leva a palma o exército que sabe combinar a iniciativa audaz com a elaboração meticulosa de seus planos. O cérebro que o dirige é constituído pelo estado-maior, grupo anônimo de oficiais, que assegura a manutenção dos efetivos e os abastecimentos de toda espécie, concatena os elementos informativos referentes ao inimigo e sugere medidas adequadas ao comando, cujas decisões materializa no papel e no terreno.

No Exército dos Estados Unidos, os oficiais de estado-maior, em sua quasi totalidade, preparam-se na Escola de Comando e Estado-Maior General de Forte Leavenworth, Kansas. Presentemente, durante nove laboriosas semanas, ali estudam todo o tempo possível, debruçados sobre mapas, compulsando manuais e destringendo problemas, nos limites do minucioso programa que até então se realizava em um período de dois anos. Nenhuma outra escola do mundo é, no momento, mais exaustiva. A instrução básica de recrutas e o curso de formação de novos oficiais podem ser considerados *jardins de infância*, por sua relativa brandura, quando comparados a essa universidade de guerra. Depois que um oficial é diplomado, está em condições de assumir responsabilidades que envolvem a segurança de milhares de vidas, a salvaguarda de milhões de toneladas de material e o próprio destino político do mundo. Para

admissão à Escola é selecionada a fina flor da officialidade. Os alunos devem ter posto gual ou superior ao de capitão e estar servindo, ou escolhidos para servir, nos estados-maiores de exércitos, corpos de exércitos, divisões, brigadas, regimentos ou batalhões. O estudante mal sucedido no curso tem sua carreira militar seriamente prejudicada.

Foram os conhecimentos de estado-maior postos em prática pelos diplomados de Leavenworth, quando investidos de funções de comando na França, que permitiram as vitórias americanas da Primeira Grande Guerra. Analogamente, o êxito ou o insucesso da Segunda Grande Guerra está na dependência final dos militares que hoje frequentam a Escola de Comando e Estado-Maior General. As lições que recebem no presente momento revestem-se de cunho sintomático da vontade de vencer: os temas de defensiva foram relegados para segundo plano e todo o esforço é absorvido no estudo dos elementos reais do ataque.

O curso é orientado no sentido de tornar os oficiais aptos a dirigirem uma das quatro secções de estado-maior.

Cada secção tem encargos determinados. A primeira, G-1, trata do pessoal: completamento dos efetivos, registro das alterações, sobrevigilância da hygiene e da conduta da tropa, guarda dos prisioneiros. A segunda, G-2, de informações, colhe, coordena e distribue os dados referentes ao inimigo. A terceira, G-3, elabora os planos de operações e redige as ordens consequentes, dentro da idéia de manobra. A quarta, G-4, requisita, armazena e fornece as provisões, organiza os transportes, dirige o tráfego, zela pelos feridos e faz sepultar os mortos.

Durante os seis primeiros meses de aulas, em Leavenworth, os assuntos de todas as secções estudam-se em comum. Findo esse prazo, passam os alunos a especializar-se nos de cada uma delas. Quaisquer considerações de ordem teórica são sempre postas de lado. Realizam individualmente um trabalho completo por dia, acompanhado de mapas, planos de operações e quadros de organização. Um exemplo simplificado das atividades de cada Secção, no estudo de determinado tema, é descrito nas linhas seguintes.

*Primeira Secção (Figura 1).*

A operosidade do oficial desta Secção está intimamente relacionada com o pessoal da 1.<sup>a</sup> Divisão. Por isso, quando o comando decide atacar, todas as providências são tomadas para que os homens das unidades escaladas para o avanço alcancem os pontos de destino à hora exata. No barulho e confusão da batalha, muitos soldados erram o itinerário e têm de ser reconduzidos a seus lugares. São os "extraviados". Um pouco atrás da linha de frente é designada uma estrada, ao longo da qual patrulhas da polícia militar encarregam-se de reuni-los e encaminhá-los novamente para o "front".

Em seguida é convencionado o local para onde devem ser remetidos os prisioneiros de guerra durante a progressão do ataque. E' também delimitada a área para o cemitério da Divisão, no qual se organizará um obituário. Após o ataque, a Secção relacionará as baixas, remeterá ao Quartel General do Exército as propostas de recompensas e citações, inspecionará as condições sanitárias do local do novo estacionamento, distribuirá a correspondência, concederá licenças e fará vir da retaguarda tropas frescas para preencherem os claros. O oficial apresentará, finalmente, ao seu general, um relatório sobre o estado dos efetivos.

Releva não esquecer que os mapas constantes das figuras são reproduções simplificadas dos originais em poder dos oficiais alunos, os quais, muito mais completos, mostram o terreno da área de batalha com assinaladas minúcias.

*Segunda Secção (Figura 2).*

Nesta Secção, o oficial está empenhado em conhecer o potencial destruidor do inimigo e desvendar seus propósitos, surpreendendo-o pela observação, já quando marcha, já quando se desloca. Para tanto, examina detidamente as fotografias aéreas de suas organizações defensivas, ouve os espiões e refugiados que tenham estado em seu território e expede turmas de reconhecimento além das linhas avançadas, em busca de novas

admissão à Escola é seleccionada a fina flor da officialidade. Os alunos devem ter posto gual ou superior ao de capitão e estar servindo, ou escolhidos para servir, nos estados-maiores dos exércitos, corpos de exércitos, divisões, brigadas, regimentos ou batalhões. O estudante mal sucedido no curso tem sua carreira militar seriamente prejudicada.

Foram os conhecimentos de estado-maior postos em prática pelos diplomados de Leavenworth, quando investidos de funções de comando na França, que permitiram as vitórias americanas da Primeira Grande Guerra. Analogamente, o êxito ou o insucesso da Segunda Grande Guerra está na dependência final dos militares que hoje frequentam a Escola de Comando e Estado-Maior General. As lições que recebem no presente momento revestem-se de cunho sintomático da vontade de vencer: os temas de defensiva foram relegados para segundo plano e todo o esforço é absorvido no estudo dos elementos reais do ataque.

O curso é orientado no sentido de tornar os oficiais aptos a dirigirem uma das quatro secções de estado-maior.

Cada secção tem encargos determinados. A primeira, G-1, trata do pessoal: completamento dos efetivos, registro das alterações, sobrevigilância da hygiene e da conduta da tropa, guarda dos prisioneiros. A segunda, G-2, de informações, colhe, coordena e distribue os dados referentes ao inimigo. A terceira, G-3, elabora os planos de operações e redige as ordens consequentes, dentro da idéia de manobra. A quarta, G-4, requisita, armazena e fornece as provisões, organiza os transportes, dirige o tráfego, zela pelos feridos e faz sepultar os mortos.

Durante os seis primeiros meses de aulas, em Leavenworth, os assuntos de todas as secções estudam-se em comum. Findo esse prazo, passam os alunos a especializar-se nos de cada uma delas. Quaisquer considerações de ordem teórica são sempre postas de lado. Realizam individualmente um trabalho completo por dia, acompanhado de mapas, planos de operações e quadros de organização. Um exemplo simplificado das atividades de cada Secção, no estudo de determinado tema, é descrito nas linhas seguintes.

*Primeira Secção (Figura 1).*

A operosidade do oficial desta Secção está intimamente relacionada com o pessoal da 1.<sup>a</sup> Divisão. Por isso, quando o comando decide atacar, todas as providências são tomadas para que os homens das unidades escaladas para o avanço alcancem os pontos de destino à hora exata. No barulho e confusão da batalha, muitos soldados erram o itinerário e têm de ser reconduzidos a seus lugares. São os "extraviados". Um pouco atrás da linha de frente é designada uma estrada, ao longo da qual patrulhas da polícia militar encarregam-se de reuni-los e encaminhá-los novamente para o "front".

Em seguida é convencionado o local para onde devem ser remetidos os prisioneiros de guerra durante a progressão do ataque. E' também delimitada a área para o cemitério da Divisão, no qual se organizará um obituário. Após o ataque, a Secção relacionará as baixas, remeterá ao Quartel General do Exército as propostas de recompensas e citações, inspecionará as condições sanitárias do local do novo estacionamento, distribuirá a correspondência, concederá licenças e fará vir da retaguarda tropas frescas para preencherem os claros. O oficial apresentará, finalmente, ao seu general, um relatório sobre o estado dos efetivos.

Releva não esquecer que os mapas constantes das figuras são reproduções simplificadas dos originais em poder dos oficiais alunos, os quais, muito mais completos, mostram o terreno da área de batalha com assinaladas minúcias.

*Segunda Secção (Figura 2).*

Nesta Secção, o oficial está empenhado em conhecer o potencial destruidor do inimigo e desvendar seus propósitos, surpreendendo-o pela observação, já quando marcha, já quando se desloca. Para tanto, examina detidamente as fotografias aéreas de suas organizações defensivas, ouve os espiões e refugiados que tenham estado em seu território e expede turmas de reconhecimento além das linhas avançadas, em busca de novas

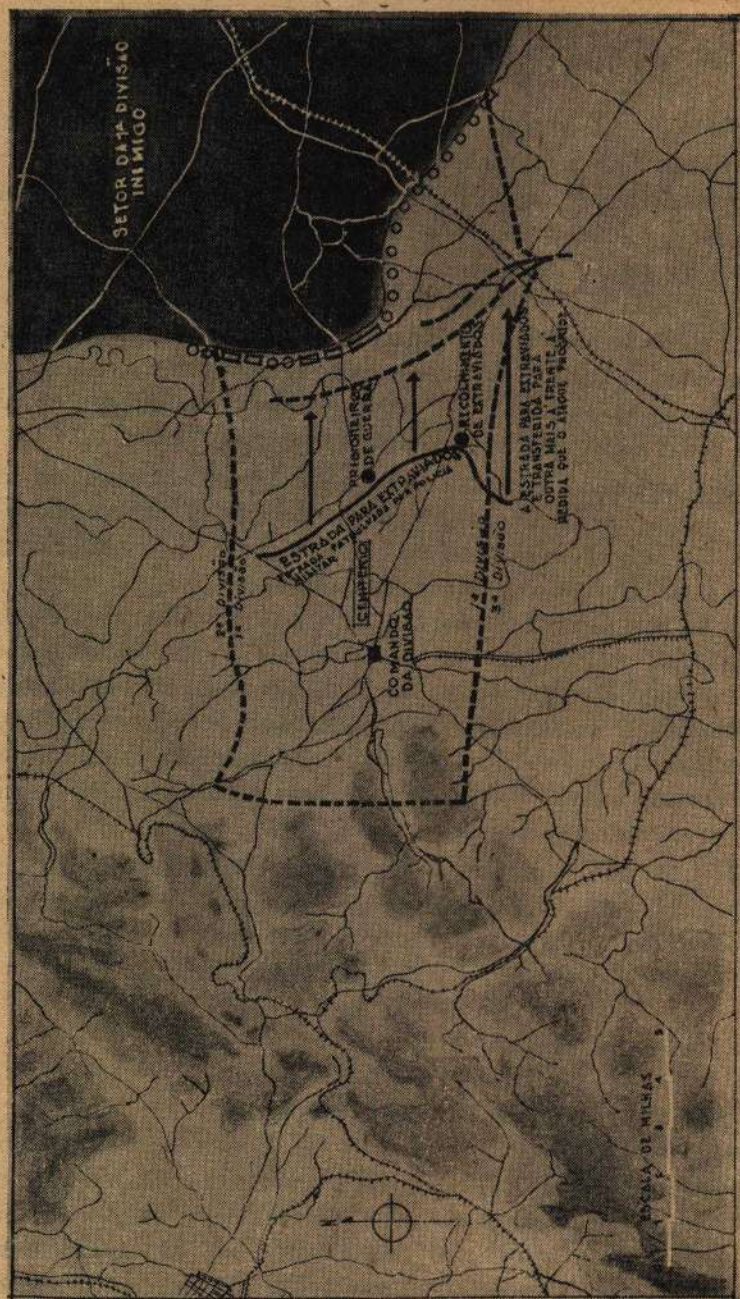


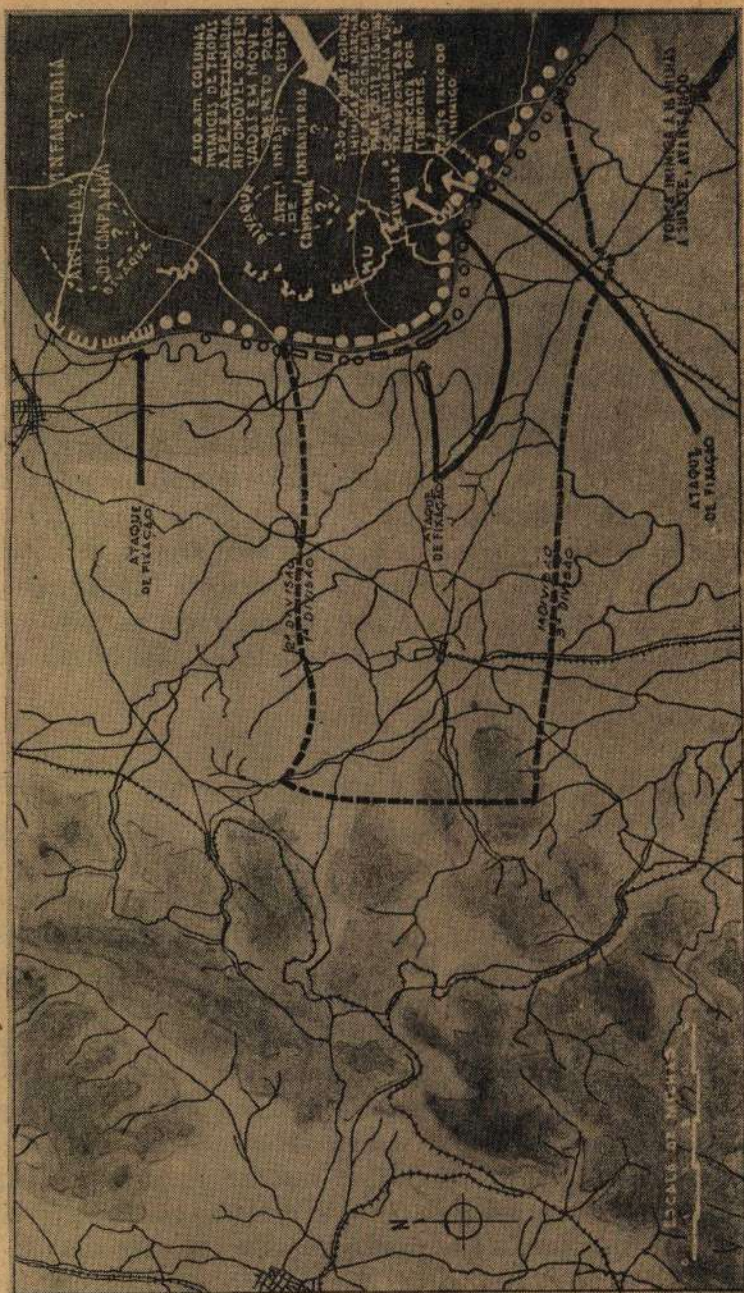
Fig. 1

informações. Depois de apreender tudo o que é possível a respeito do adversário, elabora mapas elucidativos que junta ao seu relatório, base do plano de ataque da Divisão.

No mapa da figura 2 foram representados os movimentos inimigos além da linha de frente. Acha-se, também, indicada a natureza das tropas dispostas ao longo da referida linha. Os círculos representam a cavalaria, os retângulos — a infantaria, as linhas cheias irregulares — as posições fortificadas. Os pontos de interrogação significam incerteza a respeito do efetivo da tropa existente em determinada área. A descoberta mais importante feita pela Secção consiste não só em um grande bivaque de tropas inimigas, atrás das posições fortificadas, em frente da 1.<sup>a</sup> Divisão, mas, também, na existência de um ponto fraco nas linhas do adversário. Através desse ponto fraco o General comandante decide atacar com suas tropas de choque, enquanto as restantes empreendem operações frontais, de fixação. Depois de penetrarem pelo ponto fraco, as tropas móveis manobrarão no sentido de destruir o inimigo no bivaque.

### *Terceira Secção (Figura 3).*

O papel deste ramo do Estado-Maior é fazer executar as decisões do comando. Proferida essa decisão, que tem por base o relatório da Segunda Secção e é sugerida pelo próprio Estado-Maior, a Terceira Secção encarrega-se de fixar, dentro de certos limites, os pormenores dela decorrentes, transmitindo-os aos diversos escalões por meio de planos e ordens. Determina o deslocamento das unidades para as novas posições, de acordo com a situação em que se acham, com os efetivos que possuem na ocasião e levando em conta o estado do material e da tropa. Concentra forças móveis nas proximidades do ponto fraco inimigo e distribue a infantaria em toda a extensão da linha de frente, com o objetivo de realizar ataques destinados a fixá-lo. Ordena a instalação dos quartéis-generais na vizinhança das unidades. Em prosseguimento, entende-se com as Terceiras Secções das Divisões confinantes, para se certificar de que os planos destas não colidem com o seu. Quando tudo



so estiver realizado, poderá admitir que a grande unidade apresenta o máximo de condições favoráveis para se engajar no ataque.

Mas a Terceira Secção deve estar em condições de enfrentar todas as contingências. O Serviço de Informações (segunda Secção) informou-a de que uma coluna mecanizada inimiga avança de sueste, ameaçando surgir no seu flanco durante a operação. Por isso, manda construir obstáculos para tanques em todos os pontos perigosos e coloca um regimento blindado em posição favorável a realizar um possível contra-ataque. Atrás dos obstáculos deixa um batalhão de engenhos anti-carros, com canhões automores, afim de deter os tanques diversos que porventura se infiltrem. Mais à retaguarda, faz estacionar as tropas encarregadas da guerra química, com as lança-chamas. A 1.<sup>a</sup> Divisão, pode, agora, atacar com segurança.

#### *Quarta Secção (Figura 4).*

Todos os percalços dos abastecimentos recaem sobre a Quarta Secção. O oficial que a chefia deve prever o completo fornecimento de água, alimento, material, munição, medicamentos e transportes necessários à tropa. É informado da hora do ataque e do local em que o mesmo terá lugar, ficando então sob sua inteira responsabilidade a execução das medidas que assegurem o recebimento pelos corpos de tudo que se lhes faça mister, a tempo e a hora.

Primeiramente, entra em contacto com o Centro de Distribuição do Exército, muito à retaguarda, núcleo de abastecimento para todas as divisões. Certifica-se de que esse Centro tem abundância de alimentos, combustíveis e munições e informa-o das suas prováveis necessidades. Em seguida, instala estações distribuidoras dentro do seu próprio setor, as quais devem deslocar-se durante o ataque, afim de se conservarem junto às unidades, utilizando-se, para isso, de caminhões. Outra atribuição sua é abrigar e remover os feridos e inumar os mortos, todos provenientes das estações de recolhimento

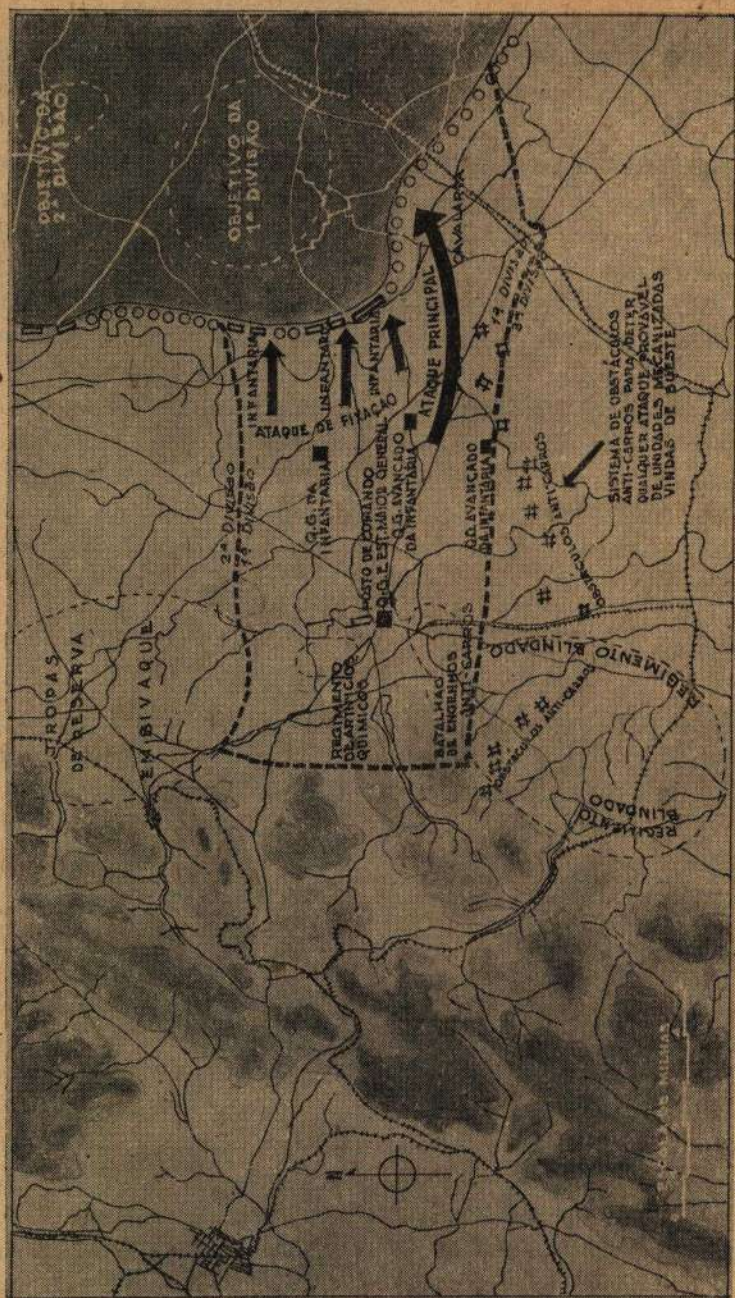


Fig. 3

por êle localizadas perto do "front". O contrôlê de todos os veículos também lhe é atribuído, havendo necessidade de ser cuidadosamente regulados os enredosos sistemas de tráfego, sob pena de ficar de muito reduzido o rendimento que devem oferecer. Ainda: quando o ataque está quasi terminado, cabe-lhe promover a remessa para a frente das unidades de recuperação e de trabalhadores, com o encargo de consertar o material danificado, recolher o que estiver inutilizado e preparar as estradas para novo avanço da grande unidade.

### *Trabalho no campo.*

Nem todos os temas da Escola de Comando e Estado-Maior General são resolvidos em sala. Pelo fato de ser a eficiência de cada Secção resultante, também, da identificação rápida e segura, do terreno e do conveniente aproveitamento dos seus acidentes, a Escola muitas vezes se desloca para as colinas das circunvizinhanças, na faina da realização de exercícios. A Primeira Secção estuda as estradas a serem patrulhadas com o objetivo de colher os extraviados das unidades da frente. Escolhe as melhores posições para cemitérios e postos de recebimento de prisioneiros de guerra. A Segunda Secção reconhece o inimigo figurado. A Terceira dispõe simbolicamente as forças para o ataque. A Quarta examina as ferrovias e as linhas de abastecimento.

Os trabalhos de campo são de importância vital para o completo treinamento dos oficiais de estado-maior. As batalhas são vencidas mediante a conquista continuada das elevações, cursos d'água e estradas. Em dia próximo, os oficiais que agora se encontram movimentando homens e combóios imaginários, sôbre uma paisagem do Kansas, ver-se-ão à testa de fatores concretos nos territórios da China, Rússia ou Europa Central. Será então muito tarde para cometerem desacertos.

### *Estudos complementares.*

Na última fase do curso, os alunos são grupados em estados-maiores hipotéticos, onde concentram o cabedal adqui-



rido na realização conjunta de temas destinados a aferir o seu grau de aproveitamento. Postos ao corrente das últimas ocorrências militares na China, Rússia e Egito, faculte-se-lhes, simultaneamente, a leitura dos relatórios confidenciais dos adidos militares e das melhores obras sobre a arte da guerra existentes no país.

## Biblioteca de "A Defesa Nacional"

### Livros à venda :

Caderneta do Capitão de Infantaria . . . . .	Cr\$ 13,00
Cinzelização a Braço e Ótica — Cel. Lima Figueiredo. . . . .	Cr\$ 3,00
Coletânea de Leis e Decs., 1544-1938 — Maj. Bento Lisboa . . . . .	Cr\$ 13,00
Combate e Serviço em Campanha — Cel. Araripe . . . . .	Cr\$ 13,00
Contribuição para a História da Guerra entre o Brasil e B. Aires — Trad. Gen. Bertoldo Klinger. . . . .	Cr\$ 13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da S. Filho . . . . .	Cr\$ 27,00
Curso de Topografia Militar — Cap. Olívio Gondin de Uzeda . . . . .	Cr\$ 27,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga . . . . .	Cr\$ 7,50
Ensaio sobre Instrução Militar — Trad. Cap. J. Horácio Garcia . . . . .	Cr\$ 13,06
Escola de Pelotão — Cel. Araripe. . . . .	Cr\$ 13,00
Equitação em Diagonal — Major Oswaldo Rocha . . . . .	Cr\$ 13,00
Exemplo de Sessões de Estudo de Elemento — Cap. José J. Ramos . . . . .	Cr\$ 3,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. M. N. Assumpção . . . . .	Cr\$ 11,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos. . . . .	Cr\$ 3,00
Educação Física Militar — Major Guttenberg Ayres de Miranda . . . . .	Cr\$ 10,00
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota . . . . .	Cr\$ 8,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolívar Teixeira . . . . .	Cr\$ 17,00
Exercício de Combate de Companhia — Major Alcebiades Tamayo . . . . .	Cr\$ 18,00
Fichário para Instrução de Educação Física — Cap. Jair Jordão Ramos . . . . .	Cr\$ 16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles . . . . .	Cr\$ 5,00
Formulário Processual — Major Niso Viana Montezuma. . . . .	Cr\$ 7,00
Guia para Instrução Militar — Major Ruy Santiago . . . . .	Cr\$ 17,00
Guerra da Secessão — Ten.-Cel. Arthur Carnauba . . . . .	Cr\$ 5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso . . . . .	Cr\$ 13,00
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo . . . . .	Cr\$ 13,00
Indicador Paranhos até 1935 . . . . .	Cr\$ 13,06
Invasão e Tomada das Ilhas Balticas . . . . .	Cr\$ 5,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	Cr\$ 3,00
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto . . . . .	Cr\$ 11,00

**SIRCULO OSBRIANO**

**3** anos  
de

**Ortografia**  
**Simplificada**  
**Brazileira**

"Devéras simplifica e uniformiza. Solução  
rational, por iso e para iso, radical.

Nada invênta, nem subvért: aproveita tudo  
quanto ezistia de aproveitavel e estabelése dis-  
ciplina perficsa onde imperava atrevida, petulante  
anarcia".

**OPUSCULO 4.º :**

Comemorativo do 3.º aniversário da publicação da OSB.

Pelo **Jeneral KLINGER**

Colaborasão de vários Osbrianos

À venda na Biblioteca de "A DEFESA NACIONAL"

Preço : **16,00** - Para os assinantes : **12,00**

# O INFANTE, O ADEBRI E A SUA HISTÓRIA

*Ao valoroso 3.º R. I. como  
preito de saudade...*

Cel. ADEMAR BRITO

— Como nasceu em minha imaginação o adebri? — Não foi por certo um ovo de Colombo!... Não, mera percepção oriunda de uma observação, por vezes renovada... Quando não arregimentado, procurava sempre assistir a formatura das fôrças em parada, propositadamente integrado na massa anônima, para que pudesse melhor apreciar o detalhe, e assim sem o querer, ia colhendo farta messe de impressões dos que se agrupavam em meu derredor. Os efeitos produzidos eram os mais dispare, refiro-me, a confusão que faziam, em distinguir as unidades pelas suas respectivas insígnias... Havia uma exceção, todavia, para a 3.ª Cia. Mtrs. Pesadas, com sede em S. Cristóvão, na entrada da Quinta (hoje C.P.O.R.). Esta sub-unidade se distinguia das demais, pelo seu pessoal selecionado, garbo, disciplina, instrução aprimorada e brilho com que se apresentava em público. Era uma tropa de elite que atingiu o seu apogeu nos comandos dos então Caps. Alvaro Alencastro e Daltro Filho. Usufruiu conceito elevado dos Chefes e até hoje mantem essas honrosas tradições vivificadas na paz e na guerra. O mais destacado elogio que se lhe pode fazer é que, integra a brilhante Cia. de Mtrs. P. do glorioso 3.º R. I. Mas não se destacava somente pela apresentação, outrossim, pela mascote que possuía, um “gerico”. Verifiquei ainda, que para alguns, a Cia. despertava a atenção, pelo

contraste, que apresentava, pois não trazia na testa, o clássico carneiro acompanhante da banda de música e sim um burri-co... Daí concluir e martelar no bestunto, que se tornara necessário criar um objeto simbólico, um emblema, que precedesse a tropa em marcha, identificando logo à primeira vista, a que unidade pertencia... Lembrava-me do balisa, importado de outras terras, que gingando e fazendo molinetes na frente da banda marcial, provocava muitas vezes a hilariedade e não satisfazia... Esta idéia conservou-se latente em o meu espírito só conseguindo materializá-la em 1931.

Como Cmt. do I Btl., trocando impressões com o Cmt. do Regimento, o então Cel. Daltro Filho, fiz-lhe sentir a lacuna existente, que urgia preencher, afim de que o nosso povo pudesse identificar as unidades do seu Exército. O Comando acordando, consegui, através da boa vontade e feliz entendimento com o maioral da Casa Guaraní, dar corpo e vida à minha idéia aproveitando o ensejo do novo instrumental encomendado, e assim, surgiu o que se há muito ansiava... A sua nomenclatura e emprêgo, por deferência ao Chefe e por um escrúpulo de minha parte, ficou afeta ao Cmt. do R. I., que o denominou pelo nome que possui, formado pela junção das primeiras sílabas do meu nome e sobrenome: "ADEBRI".

Quanto ao seu emprêgo, resolveu, outrossim, que precederia a unidade nas formaturas externas e seria um prêmio ao mais digno, ao Cabo que mais se distinguisse na instrução, decoro militar e de físico atleta. Premiava assim o graduado que atingisse o máximo na instrução técnica e cultura física, o qual seria o porta-adebri. De então para cá, o 3.º R. I. se tornou por demais familiarizado com o povo, e quando aparecia em formatura, ainda ao longe, a multidão já o reconhecia pelo símbolo, e era comum ouvi-la exclamar: "Lá vem o 3.º, o 3 de Ouro!..."

Quando organizei a banda de música do Btl. Esc., que tive a honra de comandar, dotei outrossim aquela unidade de um adebri. O distinto e provecto Chefe Cel. Adriano Massa, atual Cmt. do 3.º R. I., e um dos brilhantes ornamentos da nossa Infantaria, houve por bem criar um ambiente de emula-

ção incentivando, cada vez mais, a instrução nas sub-unidades, sendo como paradigma a posse do adebri.

Intenção sobremodo feliz e cujos frutos tem dado o melhor resultado no trabalho, preparo, eficiência e apresentação da tropa, bem como uma verdadeira escola de aperfeiçoamento entre Cmts. de Cia. Fez mais ainda, regulamentou como galardão o mais distinto entre eles e, com todas as formalidades da boa ética militar. Assim é imprescindível que se faça, para estimular por todos os meios a instrução e apresentação da tropa. A discutida ordem unida, que para alguns, deve ser relegada a um plano secundário, merece um carinho todo especial. Na minha labuta de troupiier, sempre constatei: a tropa que sabe marchar, evoluir e manejar a arma com perfeição, é uma tropa disciplinada, coesa, que tem alinhamento e cobertura... Sabe atirar e tem o flexionamento necessário para o combate... Tudo isso consegue, enrijando os músculos dos homens através da educação física, vencendo no terreno o campo de obstáculos, na luta-ataque e defesa, na esgrima de baioneta, no tiro e no combate, culminando na ordem unida que faz o indivíduo vibrar no tan-tan ritmado da marcha cadenciada, na correção dos movimentos, na oscilação dos braços, no alinhamento das armas... No meu tempo os Chefes controversos à ordem unida, apresentavam sempre uma infantaria sem "élan", e quando chegava a parte de combate, em que se faziam os mais capazes, fracassavam, porque a tropa não tinha coesão, o controle, o hábito do pormenor e a disciplina que só se adquire com a ordem unida, que mantém altaneiro o patache da Infantaria! Mas existe ainda uma outra força de coesão, que se impõe à Infantaria cultivar, como disciplina para as massas e apanagio da cultura dos seus homens!... Refiro-me ao canto orfeônico, criação vitoriosa de Vilas-Lobo, que apenas começado nos bancos das escolas, resplandece hoje em fulgurante realidade, nos Orfeões Escolares de Professores, e no recém-criado, do Ministério da Educação. Não basta ao soldado possuir moral elevada e estar adestrado para a luta, é preciso, outrossim, fazer vibrar as cordas emotivas de sua alma, fazê-lo sentir a magia dos sons, conciente que é parte

de um todo harmonioso, que deleita o seu ouvido, espadanando em o seu espírito e no coração alvoradas de luz fulgente!... Disciplinar vontades dessemelhantes, unificar sentimentos e emoções às vezes variadas, através do canto orfeônico e, a um simples gesto, unissonos, viverem a mesma emoção, já atinge o grandioso, o sublime!... E' educar, despertar e desenvolver a sensibilidade artística de cada um, fazendo-os per-lustrar a gama dos sentimentos!... Parece que estou ouvindo a "legião do contra" proclamar logo: — Mas que idéia esta-pafúrdia, fazer dos homens cantores!... Coitado dos solda-dos, se já não lhes sobra tempo sequer para a lavagem da roupa!... Nada mais inverossimil... O corpo de tropa é como um organismo humano, que vive, sente, palpita, trabalha e produz... Um corpo de tropa é uma oficina de trabalho de organização eficiente... Onde há organização, subentende-se, trabalho metodisado, esforços conjugados, rendimento de pro-dução e tempo para a obrigação, a devoção e a diversão... Não deslembremos que o pão do espírito é imprescindível à vida, como o sangue que circula em as nossas artérias... Pra-tiquei o canto orfeônico no 17.º B. C., em Corumbá, com re-sultados apreciáveis, modulando a canção do "Pagé". Infeliz-mente, com a minha saída do batalhão, feneceu, como tudo mais que havia delineado e executado... A exaltação de qua-lidades morais deve se fazer sentir no indivíduo, desde a sua incorporação... Mostra-lhe que, ao transpôr os humbrais da caserna, a mutação de sua vida cotidiana é completa... Per-tence doravante a uma família, que difere mesmo daquela a que está ligado pelos vínculos do sangue, isto é, a família mi-litar, onde a igualdade e a fraternidade irmanam pobres e ricos, analfabetos e letrados, homens de todos os matizes e de todas às posições sociais!... O serviço na caserna, é o grande nivelador social!... Recepcioná-los, incorporá-los e desin-corporá-los às fileiras, em uma cerimônia tocante, que lhes fale de perto ao coração, que os emocione... Entreguem-os-lhes, pois, logo de início, no ato solene de incorporação, um livrete, que deverá ser o seu catecismo predileto na vida mi-litar, e que, por certo lhes deixará recordações indeléveis, cons-

tituindo até uma relíquia de família e de saudade... Este livrete seria o "Breviário do Soldado", que em sua capa traria estampado: o distico e a insignia da Unidade, bem como, o Pavilhão Nacional; no texto: a sinopse do histórico da Unidade, o juramento à Bandeira e às Virtudes Militares, individualizadas. Viver a cada momento, às virtudes militares, exemplificando-as, ressaltando-as e mostrando àqueles que souberam morrer, glorificando-as... No término do serviço, desincorporá-los, outrossim em uma solenidade sugestiva e afetuosa, que lhes fique gravada no pensamento, feita no âmbito das sub-unidades, com a presença dos seus respectivos chefes, oficiais e camaradas, ao invés, do que soe acontecer, a simples entrega da caderneta, como se fossem indesejáveis, que se desejasse ver pelas costas o mais depressa possível... Fazer-lhes sentir que embora ausentes, continuam a pertencer à mesma família... Falar amiúde ao coração dos homens, maximé, em sua despedida da caserna... Não olvidemos que a última impressão perdura sempre... E que de recordações vividas, quando na madureza da vida, reservista, contemplasse o seu Breviário, a sua Caderneta e o de um filho ou neto, quicá da mesma unidade em que servira em a sua mocidade?!... Torna-se necessário, elevar, elevar sempre e cada vez mais, o infante no seu próprio conceito, preparando-o para vencer os escolhos do caminho a percorrer... Em a época presente, em que se faz a apologia da máquina e que, a cada passo, nos defrontamos com golpes fulminantes, aberturas de brechas, ruturas, tenazes que se fecham, ferindo o adversário. Vimos de constatar, n'esta guerra que incendeia continentes, que mesmo explorando o sucesso da surpresa e da traição, quando há paridade de armamentos entre os combatentes, as vitórias sobrevindas, são vitórias de Pyrrho... — E quem manejará a clava forte, que derrubará por terra o inimigo exanime?!... — Quem lhe dará o golpe de graça?!... — O infante, que desdobrando-se em fuzileiro, granadeiro, artifice da arma branca, da automática e do petrecho, sapador, condutor, artilheiro, observador, agente de ligação, corneteiro e, para o qual, na exação do cumprimento do dever, não têm significação topo-

gráfica, os aclives e declives por mais escarpados que o sejam... De alma couraçada, dotado de pulmão, coração e músculos de aço, trabalhos na dureza do exercício na caserna, sempre renovado e nunca terminado, o infante, continuará a manter as gloriosas tradições da Rainha das Armas!... Nada o deterá para alcançar uma posição inacessível e, ao atingí-la, no fragor da batalha, ao terçar as armas com o adversário, tendo na face a máscara do ódio ou do escarneio, com os nervos tensos, rindo e chorando, no auge da peleja e na fereza da luta, saberá com a sua baioneta desferir-lhe o golpe mortal... Mas se a sorte lhe fôr adversa, saberá ainda, morrer cantando pelo Labaro Sagrado, pelo Pavilhão de sua Unidade!... E finalmente, quando os imperativos da técnica e da tática, impuzerem a criação e adoção do soldado mecânico, ainda assim, será a imagem e semelhança do Infante!... Como lidimo representante da Infantaria, o brioso e valoroso 3.º R.I., que sempre teve atuação impar entre os seus pares, quer na paz como na guerra, apesar das vicissitudes por que passou, quando a peçonha da inveja e a cupidez de alguns, pagos pelo ouro mercenário, tentaram marear um renome inatacavel, de unidade cujo lema sempre foi: "Para a frente", continua e prosseguirá em a sua trajetória luminosa, que rutilante, esplende na insígnia do Regimento!...



# CAPTURA DE UMA CIDADE

Ten. Cel. P. W. THOMPSON

Tradução do "Infantry Journal"  
pelo Ten. Cel. A. N. PEREIRA

O inverno de 1941-1942, na frente russo-germânica, encheu uma boa parte das "manchettes" dos jornais, principalmente as super-otimistas, com grande escassez de pormenores relativos a ações específicas.

Desde que a significação desta campanha de inverno deva derivar completamente da extensão das perdas infligidas aos defensores germânicos e desde que uma boa estimativa das perdas deva ser baseada no verdadeiro conhecimento do tipo de combate e da pequena tática adotada, essa penúria de minúcias torna a questão mais séria. Teve, por certo, o propósito de evitar a verdadeira compreensão da campanha, em seu conjunto.

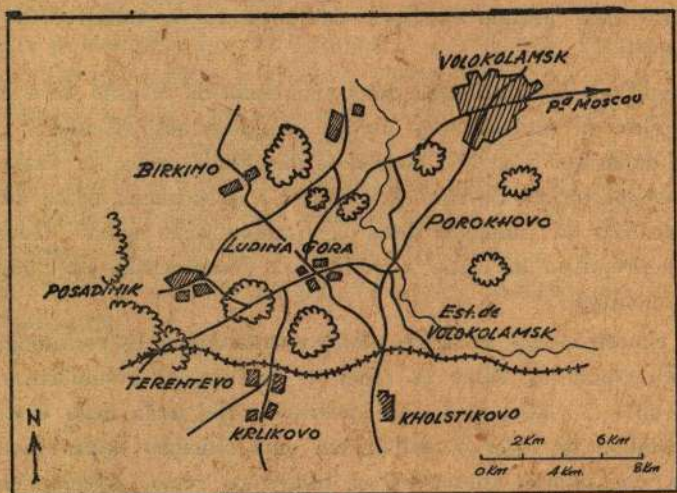
A exposição que se segue, não pretende conter os esclarecimentos tão muito esperados, sobre as ações de inverno, na frente russa. Minúcias, ah!... são por demais escassas. Ela nada mais é do que uma tentativa de fazer o melhor em uma situação desfavorável. É baseada em relatos aparecidos na imprensa russa, especialmente no órgão oficial do Exército Vermelho — o "Estrela Vermelha".

Se bem que a maior parte de tais relatos sejam vagos, a ponto de se tornarem inúteis, há uma exceção ocasional: é a descrição do ataque à aldeia de Ludina Gora.

Não começamos bem, entretanto, neste caso de Ludina Gora, pela impossibilidade de determinar com precisão as ações, relativamente ao tempo em que ocorreram. Todavia, consideramo-nos felizes (sendo os relatos da imprensa soviética o que são), por podermos localizar aproximadamente os lugares: Ludina Gora é uma aldeia a cerca de 10 quilômetros NW de Moscou, em direção a Staritza.

O avanço alemão contra Moscou foi detido a 6 de dezembro; e, nesta circunstância, a sua parada fundiu-se quasi imperceptivelmente na grande contra-ofensiva russa.

A 20 de dezembro os russos atacam e ocupam a cidade de Volokolamsk (ver o mapa geral). Isso levou os contra-atacantes a cerca de 13 quilômetros (ao alcance da vista) do seu próximo objetivo: a aldeia de Ludina Gora. (Eis aqui o ponto característico n.º 1 desta descrição: — o fato de consistir a ofensiva russa, de inverno, em um sem número de ataques a numerosas cidades e aldeias, defendidas pelos alemães, algumas com instalações levadas a um surpreendente grau de conforto).



A aldeia de Ludina Gora ocupa uma elevação (ou taboleiro) dominante. Nosso cuidadoso cronista do "Estrela Vermelha", diz que a altitude da aldeia é "206,3" — presumivelmente metros. Mas logo depois, pela preocupação de não ser indiscreto, nada esclarece sobre as alturas circunvizinhas, resumindo a situação com as palavras "elevações dominantes". Acentua, nitidamente, contudo os magníficos campos de tiro comandados por essas elevações — campos planos e inteiramente abertos, num raio de dez quilômetros em torno. Na época desta ação, o solo estava coberto por uma espessa camada

grande quantidade de aparelhos remanescentes da guerra achar-se-ão disponíveis, e as nações não mais estarão despendendo fabulosos milhões em bombardeiros e caças.

Ao considerar estes fatos, os construtores de aviões dos Estados Unidos mostram-se apreensivos e desanimados. É que a indústria que exploram representa um empreendimento da ordem de vinte milhões de dólares, deixando em nível muito inferior a de automóveis, que cresceu até três bilhões e setecentos milhões, um ano antes de guerra. Inúmeras serão as dificuldades a vencer na administração dos seus dois milhões de operários, do seu volumoso acervo e de suas imensas fábricas recém-montadas. Mas, tais dificuldades estão intimamente ligadas aos problemas da transmutação que se seguir imediatamente à guerra. A única coisa que interessa realmente ao poderio aéreo dos Estados Unidos é a que envolve a possibilidade de conservar a indústria de construção de aeroplanos em condições de vitalidade, prosperidade e crescimento, não obstante a procura grandemente reduzida de aparelhos.

Muitos aviões do Governo podem ser vendidos às linhas aéreas que necessitarem desde logo novos equipamentos. Muitos serão transferidos ou vendidos a países estrangeiros, ou, com estes, objeto de barganha. Muitos continuarão a serviço dos militares. Mas, grande quantidade ainda sobrarão abarrotando o mercado, em constante ameaça aos fabricantes de aparelhos, devendo até surgir a tendência de se transformarem bombardeiros em aviões, de transporte, apesar de não ser econômica a providência. Além de tudo, um aeroplano nunca se gasta completamente: as asas, a fuselagem e a hélice duram quase indefinidamente; os motores podem ser reformados ou substituídos.

Depois da última guerra, havia tantos motores Liberty à venda por baixo preço que foi difícil ao Exército conseguir recursos do Congresso para adquirir motores aperfeiçoados e mais eficientes. Durante anos, a própria indústria de aviões ficou marcando passo. Para que isto não se reproduza, seria de toda a conveniência que, depois da atual guerra, os aparelhos militares ficassem imobilizados, prontos para alguma emergência, mas afastados de quaisquer cogitações mercantis.

Nem todas as fábricas do Governo, especialmente construídas para a guerra, poderão continuar em funcionamento. Mas é preciso conservar a capacidade de produção exigida pelos imperativos da defesa nacional e, com muito maior relevância, assegurar a continuidade dos conhecimentos técnicos, tanto de gabinete como de bancada.

A técnica receberá possivelmente o bafejo da expansão da aviação civil. Ainda não foi encontrado o aparelho realmente satisfatório para o uso particular — o que desenvolvesse 250 km por hora, tivesse um alcance de 800 km, transportasse quatro passageiros, permitisse dobrar

as asas de modo a ser conduzido pelas estradas, entre a casa e o aeroporto — e fosse vendável por menos de 3.000 dólares. Os helicópteros ainda não pousarão nos quintais imediatamente após a terminação da guerra; serão provavelmente utilizados, a princípio, mais como ônibus aéreos do que como autos particulares aéreos. O aumento do número de pilotos, do de aeroportos e da eficiência dos motores e combustíveis será um incentivo para a rápida generalização do emprego dos aparelhos leves.

### *CABERÁ AOS NORTE-AMERICANOS O DOMÍNIO DOS ARES?*

Mais do que a qualquer outra nação, a guerra deu o domínio dos ares aos Estados Unidos. As centenas de milhares de norte-americanos que aprenderam navegação aérea, a multidão de aviadores para os quais uma viagem de ida e volta à Índia é acontecimento tão natural

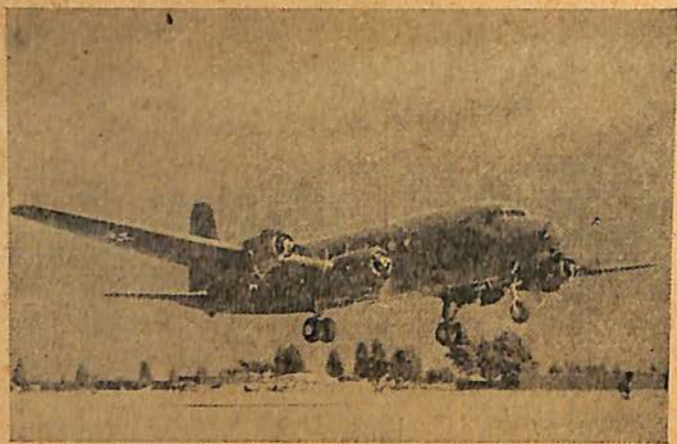


Fig. 6 — O Douglas C-54 é um aparelho que inspira confiança, maior do que duas vezes o conhecido DC-13, desenvolve uma velocidade de 320 quilômetros por hora, transporta 40 passageiros e tem uma autonomia de voo de 2.400 quilômetros.

como uma excursão de fim de semana e que contemplaram do alto oceanos e continentes em desfile, sentindo a terra diminuir de tamanho — nenhum deles há de querer abrir mão desse patrimônio aéreo, com grande sacrifício conquistado. E' que tal patrimônio encerra entusiasmo e glória, oferece perspectivas de abastança e proporciona vasto campo para novos êxitos. Parece até, as vezes, que, nos ares, não há lugar para mais ninguém, a não ser para os norte-americanos.

Mas os Estados Unidos, conquanto se tenham tornado a maior po-

tência aérea do mundo, não possuem a preempção do elemento gasoso. Não lhes é possível serem os senhores de todos os aviões, das bases e do comércio, nem podem esperar ter permissão para sobrevoar terras alheias, sem que outros possam, também, sobrevoar as suas. Até o momento presente, todas as negociações estão calcadas na preferência generalizada pelo céu aberto, mas fortemente entravadas pelo apêgo à noção do céu fechado. Já é tempo de admitir abertamente que só uma política semelhante a do céu aberto é a que mais convém a todos, como a única capaz de desenvolver o intercâmbio aéreo internacional.

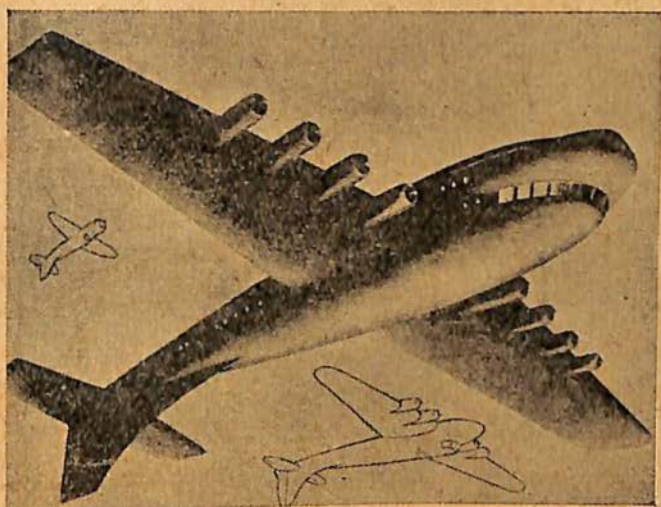


Fig. 7 — A BARCA VOADORA de Henry Kaiser, comparada com um Bombardeiro e um avião de combate — já está sendo construída, devendo aparecer em 1945.

Os ríspidos senadores que regressaram recentemente de uma excursão mundial, deplorando que os Estados Unidos nada fizessem para conservar a propriedade ou o controle das bases que haviam construído por toda parte, estão ao mesmo tempo com a razão e sem ela. Com a razão, porque não encontraram, claramente definida, uma política de garantia para aquelas bases. Sem razão, por pensarem que a construção das mesmas devesse dar aos Estados Unidos o direito de usá-las para todo o sempre. Ficamos, sim, moralmente autorizados a utilizá-las dentro de certos limites. Mas o direito de comerciar por intermédio delas, ou de incluí-las, como elos, em uma cadeia de contorno mundial constituída de aeroportos, é um direito que resultará de acordos recíprocos mais amplos.

Muito cômodo e seguro é pisar com firmeza o solo e emitir conceitos arrojados sobre o domínio dos ares no após guerra. Os entendidos no assunto podem estar de acôrdo no que se refere aos tipos de aviões, ao número provável de passageiros e às características, tomadas em comparação, dos outros meios de transporte. Para o período inicial, isto parece suficiente. Mas o mundo precisa conceber quão pequena ainda foi nesta guerra a demonstração do terrível efeito de que é capaz o poderio aéreo, quando pequenos e ridículos nossos atuais aparelhos parecerão aos olhos da história, ao serem comparados com os que virão a dominar no futuro a navegação aérea. Contudo, é animadora a situação



Fig. 8 — A ASA VOADORA — Planejada para quando houver necessidade de aparelhos cinco vezes maiores que os atuais clippers — O modelo, em miniatura, jô foi submetido a experiência de vôo.

presente, em que grande se mostra a afluência de candidatos à carreira aeronáutica, cuja importância parece estar, porisso, no consenso geral. Poderão eles forçar os dirigentes das nações a cuidarem do problema com tenacidade, ou, pelo menos, induzir os líderes norte-americanos a formularem uma política concreta, antes de a magna questão se diluir em um debate estéril de palavras convencionais ou num programa de meros paliativos.

### OS TIPOS DE APARELHOS

Provavelmente, os aparelhos que voarem através da estratosfera dos céus do futuro serão verdadeiros gigantes aeronáuticos, sem fuselagem, só com asas, acionados por propulsão pirotécnica (foguetes), ao invés de hélices. Mas, imediatamente após a guerra, ainda domi-

nação os ares os aparelhos que hoje conhecemos, com motores e asas nos lugares habituais e guardando proporções que nos parecem as mais adequadas.

O avião que desde já parece estar destinado a se tornar o transporte preferido no imediato após guerra é o Douglas C-54 (fig 6), modificação aperfeiçoada do DC-4. Nenhum outro aparelho de grande porte, completamente experimentado, atualmente em fabricação, pode com êxito competir. Douglas possui uma fábrica exclusivamente para sua produção. Depois da guerra, o C-54 encontrar-se-á muito à frente dos seus congêneres, no campo das realizações aviatórias.

Apenas um outro avião de transporte, experimentado e em fabricação, existe atualmente: é o Curtiss-Wright C-46, bi-motor e menor do que o C-54, possuindo menor velocidade e autonomia de voo. Acha-se em experiências o Lockheed Constellation, ultra-rápido, próprio para grandes altitudes, parecendo o mais naturalmente indicado para os longos voos diretos.

As mudanças verdadeiramente revolucionárias operadas no equipamento aéreo nada têm a ver com o tamanho ou a forma dos aviões, mas com dois dispositivos destinados a sobrepujar o seu maior inimigo: o mau tempo. Um deles evitará a formação de gelo nas asas e na cauda, fazendo circular os gases aquecidos da descarga do motor pelo interior daquelas partes do aparelho. Outro é o *radar*. Com tais aperfeiçoamentos na técnica, os aviões poderão voar em todas as estações e enfrentar as intempéries. Apenas continuarão a existir inconvenientes meteóricos de menor extensão: tempestades violentas, rajadas repentinas de vento forte, etc.

### APARELHOS COM QUE SE SONHAM

Toda empresa de aviões de grande porte projeta possuir outros ainda maiores e mais rápidos. A grandiosidade desses projetos e o grau de possibilidade de execução constituem segredos militares, mas pode-se afirmar que deixarão em situação ridícula os atuais Douglas C-54 e Lockheed Constellation. Henry Kaiser está construindo uma *barca voadora*, de 180 toneladas (fig. 7). A *asa voadora* (fig. 8), para futuro ainda remoto, poderá torna-se um avião comercial muito útil quando houver necessidade de aparelhos cujo peso oscile pela ordem de 200 toneladas.

---

## Os Militares e os Bancos

Nenhuma classe tem tanta necessidade de recorrer aos serviços bancários como a militar. As obrigações de serviço criando-lhes uma instabilidade constante, as necessidades de estagiar em guarções diversas e distantes, as viagens de estudo e inspeção, as fainas exercidas pelo Brasil além, demarcando, abrindo caminhos, articulando seguramente o território da Pátria, obrigam o soldado a recorrer constantemente ao banco que é o seu correspondente, o seu procurador, o instrumento que acode ás necessidades da família frequentemente ausente ou a defesa de pequenos interesses particulares abandonados. De quando em quando, é sempre possível fazer uma economia que um dia servirão aos filhos. Esta situação determinou a criação desta seção que aparecerá, a partir de agora, em todos os números desta revista, feita para os militares do Brasil.

---

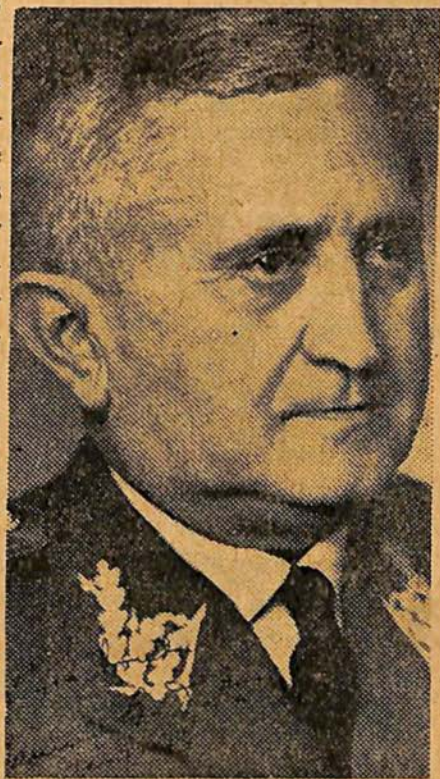
# ○ Grande Realizador

O comentarista que escreve sob o pseudonimo de *Gil*, publicou n' *O Estado de S. Paulo* a seguinte nota :

“A chegada da Força Expedicionária Brasileira a Napoles e os comentários honrosos feitos á sua disciplina e forma militar — comentários unisonos, partidos de técnicos e de correspondentes militares os mais autorizados — vêm por em relevo o trabalho extraordinário desse illustre organizador que é o General Eurico Gaspar Dutra.

Foi realmente o nosso Ministro da Guerra o espírito disciplinado e esclarecido que cuidou de todos os detalhes da organização do Corpo Expedicionário do Brasil. Brilhante e experimentado militar soube o General Eurico Gaspar Dutra preparar, desde o inicio, quando ainda coisa alguma estava assentada, o moral do soldado brasileiro. Foram suas diretrizes corretas e sábias que deram esse poder ofensivo magnifico,

essa estrutura de legitimos combatentes que marcam os soldados brasileiros e que, agora, no teatro da guerra, são ressaltados, unanimemente, por quantos vêem desfilar e treinar os comandados do General Mascarenhas de Moraes.



*General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra*

“A chegada da Força Expedicionária Brasileira a Nápoles e os comentários honrosos feitos á sua disciplina e forma militar — comentários unissonos, partidos de técnicos e de correspondentes militares os mais autorizados — v êmpor em relevo o trabalho extraordinário desse ilustre organizador que é o General Eurico Gaspar Dutra preparar, desde o início, quando ainda coisa alguma estava assentada, o moral do soldado brasileiro. Foram suas diretrizes corretas e sabias que deram esse poder ofensivo magnifico, essa estrutura de legitimos combatentes que marcam os soldados brasileiros e que, agora, no teatro da guerra, são ressaltados, unanimemente, por quantos veem desfilar e treinar os comandados do General Mascarenhas de Moraes.

Vale acentuar que, desde que se encontrou á frente da pasta da Guerra, o ponto capital do programa do ilustre ministro foi sempre organizar, de maneira absoluta, os metodos que até então vinham sendo observados em nosso Exército.

Estudioso, observador por excelencia, acompanhando de perto a evolução técnica operada nos grandes exércitos do mundo, o General Eurico Gaspar Dutra lançou-se, com decisão e brilho, á tarefa de modernizar e engrandecer o Exército de Caxias. Fazendo da disciplina, a mais rigida, o alicerce de sua obra, o correto soldado pôde, em pouco tempo, armar a estrutura e traçar os prismas que tornaram os soldados brasileiros iguais, em todos os sentidos, aos melhores combatentes de outras grandes nações.

Graças á realização dessa tarefa foi possível ao Brasil, quando agredido pelo inimigo, ousado e impiedoso repelir o insulto e, logo, porque soubera preparar seus soldados, cogitar de mandar ao campo da luta um corpo de exército devidamente forte e pronto para as mais difíceis e arduas tarefas.

Ainda nesse instante decisivo foi o Ministro Gaspar Dutra o centro de gravidade, fazendo-se presente nos Estados Unidos, onde combinou minucias; selecionando oficiais para o comando, supervisionando a seleção de voluntarios, e acompanhando, de

perto, o intenso preparo de toda a tropa destinada a combater nos campos da Europa.

O fruto de tanto esforço, de tanta dedicação; o premio justo á sua capacidade de chefe e de organizador dos maiores que temos tido conquistou-o agora o ilustre Ministro da Guerra e dedicado colaborador do Presidente Getulio Vargas com os louvores gerais e entusiasticos tecidos ao Corpo Expedicionário Brasileiro.

Os nossos soldados, prestes a defrontar o inimigo, já se impuseram á admiração geral, e isso num teatro belico, onde se reúnem os maiores exércitos, os melhores comandantes e os mais decididos combatentes de todo o mundo! — G. I. L."

# Cerâmica São Caetano S/A

## ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6.º andar

Fones : { Secção de Refratários — 3.4952  
 { Secção Interior — 2.4229  
 { Gerência e Compras — 2.7636

Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fore 1124 — Linha 140

## TELHAS "BRILHANTES"

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos

TIJOLOS PRENSADOS para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros

## MATERIAIS REFRACTÁRIOS

de alta classe, para todos os fins industriais

Fornecedora das principais indústrias do País —

Fábrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários

"São Caetano"



se caracterizam pela sua qualidade e esmerada fabricação

*Mascotes*



Não garantem...

Há quem acredite em mascotes. Mas é preciso construir o futuro sobre bases mais sólidas. É por isso que o Sr. já deve ter pensado no seguro de vida, garantia de tranquilidade futura para o Sr. e para os seus. O Agente da Sul América mostrar-lhe-á, sem compromisso, qual o plano de seguro que melhor se adapta ao seu caso particular.



**Sul America**

Cia. Nacional de Seguros de Vida  
Fundada em 1895

J.W. T.

**METALÚRGICA**

**ABRAMO EBERLE LTDA.**

CAXIAS - Rio Grande do Sul

FILIAL EM S. PAULO

Rua Florêncio de Abreu 793

Caixa Postal 1282

AGÊNCIA NO RIO

Av. Rio Branco, 106 - 16.º andar

Caixa Postal 69

End. Tel. **EBERLE**

Fabricantes e fornecedores de ferragens para equipamentos e "montaria militar.

Espadas para oficiais do Exército, Marinha e Aviação. Talheres em geral, e outros artigos para fins militares.

**MATADOURO  
DA PENHA**

CARNES VERDES

Caminho Maria Angú, 226

Telefone 30-3612

**Irmãos Goulart & Cia.**

SUCCESSORES de FRANCISCO VIEIRA GOULART

ESCRITÓRIO SÉDE:

Rua Buenos Aires, 104

2.º ANDAR - SALA 21

TELEFONE 23-5109

# A CAVALARIA MODERNA

II

## O NOVO AKVAS

Pelo Ten.-Cel. *ARTHUR CARNAÚBA*

Este artigo é a continuação do que tivemos a honra de apresentar aos leitores desta Revista no seu número de julho último, sob o título "*A CAVALARIA MODERNA*".

E' a campanha sistemática que prossegue...

E' a propaganda que continua...

Ainda mais uma vez, insistimos no nosso trabalho inicial — *ESTA E' A VERDADE SÔBRE A CAVALARIA*", — publicado em Agosto de 1942.

Procurando — num sobrehumano esforço de síntese — mostrar aos leitores a evolução da Cavalaria, afirmámos, naquele trabalho, ao assinalarmos a crise por que havia passado a nossa Arma, quando foi obrigada a combater a pé, diante das tirânicas imposições da guerra de 1914-18... que um "*novo akvas*" se impunha, um novo *meio*, capaz de fazer o que o antigo (o equino) já não podia realizar no campo de batalha: *alçar-se acima da massa dos combatentes* e deslocar-se no inferno de fogo que caracteriza o combate moderno.

Ora, todos nós sabemos que o "*novo akvas*" é o *carro de combate*, isto é, o *cavalo mecânico*, o moderno instrumento de reconhecimento e de manobra e a nova arma da cavalaria.

Dotada desse poderoso engenho, ela poderá, outra vez, *combater à akva*, que é no que consiste seu *processo específico de luta*, como o demonstrámos no nosso artigo inicial de 1942, à luz do interessantíssimo estudo do *Cap. Serpa*.

E' evidente que não poderemos substituir, duma só vez, os nossos cavalos pelos carros.

Impõe-se uma fase de transição... E é nessa fase que nos achamos. Somos obrigados a aceitar a organização mixta das nossas G. U., apesar dos sérios e graves inconvenientes que ela apresenta.

E se tentássemos uma outra solução ?

Qual ?

— A de realizarmos a combinação cavalo-motor, — não dentro da D. C., — mas pela organização de dois tipos de Divisão :

— a Divisão hipomóvel, tendo apenas um órgão de reconhecimento moto-mecanizado;

— a Divisão moto-mecanizada (haveria possibilidade de organizarmos umas duas).

Parece-nos que essa combinação seria mais feliz do que a concepção atual da D. C. e do R. C. D. mixtos.

Aqui fica a idéia...

Que outros, mais competentes e com mais experiência, discutam o assunto.

Ele é deveras empolgante!...

Recife, 24-4-44.

## **LABORATÓRIO KALMO**

### **Secção de VICENTE AMATO SOBRINHO & CIA.**

**Especialidades Farmaceuticas**

**Consultores Científicos :**

**Prof. Dr. Rubião Meira e Prof. Dr. A. Maciel de Castro, da Universidade de S. Paulo**

**MATRIZ: Praça da Liberdade, 91 — São Paulo**

# Evolução da Engenharia

*Ten.-Cel Felisberto Estevam de Oliveira Baptista*

Dos jornais :

*Cabeça de Ponte do Quinto Exército em Anzio, 25 (Associated Press)* — Exatamente às 7 horas, na região pantanosa de Pontino, um oficial de engenharia das forças desta cabeça de praia e outro do mesmo posto e da mesma arma, que vinha à frente das forças procedentes de Terracina, apertaram mutuamente as mãos.

O capitão Ben Sousa, de Honolulu, mandou uma patrulha de 20 homens fazer alto quando viu aproximar-se o capitão Francis Buckley, de Filadelfia.

“Onde vai?” — perguntou o capitão Sousa.

“Vou entrar em contacto pessoal com a cabeça de praia” — respondeu Buckley.

“Está feito o contacto” — disse o primeiro.

Ambos trocaram vigoroso apêto de mão, marcando os seus relógios-pulseira a hora exata do auspicioso acontecimento. O local do encontro foram as vizinhanças de Boro Grappa, cinco milhas a leste do antigo front “cabeça de praia”, denominado canal Mussolini. Às 10.15, acompanhado pelo “jeep” que conduzia os correspondentes de guerra, chegava ao local o general Mark Clark, enquanto as duas forças de reconhecimento se confraternizavam.

Junto a uma ponte semi-destruída, o general Clark disse aos correspondentes :

“Hoje foi um grande dia”.

Os correspondentes retiraram-se para Voltanzio, enquanto os homens da engenharia iniciavam os primeiros trabalhos

*para a restauração da ponte danificada.* Durante o regresso, os jornalistas que haviam presenciado o feliz acontecimento puderam ver numerosos civís italianos que regressavam de Sabaudia, na extremidade meridional de Pontine, a caminho de Littoria, já libertada.

Ségundo as informações prestadas por êsses civís, os *alemães se retiraram, desde ontem, daquele trecho*".

Na frieza deste telegrâma encontra-se uma conclusão muito grata ao coração de um engenheiro. Terminou o complexo de "seguro de vida" atribuído à arma de Engenharia! Ela hoje, na ofensiva, ABRE CAMINHO PARA AS OUTRAS ARMAS !

Foram elementos *de Engenharia que, de um lado e de outro* das forças aliadas em avanço, estabeleceram a LIGAÇÃO. Atravessaram um terreno abandonado *na véspera* pelo inimigo e, após o reconhecimento mutuo, feito com simplicidade emocionante, puzeram-se em conjunto a reconstruir uma ponte.

Aí está nitidamente marcada a evolução do Emprego Tático da Engenharia. De Arma que, marchando a coberto da Infantaria ou da Cavalaria, trabalhava quasi exclusivamente para o Grosso, assumiu a Engenharia, por força da utilização intensiva, pelo inimigo, dos Obsáculos — principalmente *campos minados* — o honroso posto de precursôra dos *primeiros elementos* de suas irmãs; e nem por isto deixou de, mais modestamente, continuar na sua tarefa antiga, não menos decisiva porém infinitamente menos espetacular, de *restabelecer as vias de comunicações*.

Este é o ensinamento daquele telegrâma.

Poderíamos ainda fazer ressaltar a magnifica recompensa concedida aos soldados da Engenharia: O comparecimento pessoal do Comandante do Exército...

E' uma consequência da importância que tomou essa Arma na Guerra moderna.

Que vem ela fazendo?

Continúa a construir estradas de rodagem e o faz com rapidez assombrosa devido à desenvolvida maquinária que possui (na Sicília, uma unidade de Engenharia do Exército Americano construiu uma estrada de 80 quilómetros, através de uma região montanhosa, *em 4 (quatro) dias*. Essa via de comunicação, ligando Capizza a Monte Albano, deu à 9.<sup>a</sup> Divisão a possibilidade de desdobrar a estrada real, batida pela artilharia alemã, para juntar-se às forças anglo-americanas em Randazzo e expulsar definitivamente os alemães da Sicília).

Póde desviar o curso de um rio de 15 metros de profundidade, em poucas horas. Limpar campos de minas com não menor rendimento de trabalho (outra unidade de Engenharia do Exército Americano, retirou, na Tunísia 20.000 minas terrestres *em uma semana*).

Elementos de Engenharia, lançados em paraquédas atacam fortes (o de Eben-Emael, na Bélgica, é um exemplo) e casa-matas, com explosivos e lança-chamas.

Vias férreas são restabelecidas e postas em funcionamento pela Engenharia que (como em Nápoles, no momento) esforça-se também para dar aos portos reconquistados, suas primitivas condições de serventia.

O combate *pelo trabalho* de que nos falam nossos Regulamentos, evoluiu muito.

Hoje a Engenharia está armada de fusís, metralhadoras e granadas de mão, não só para a defesa de seus próprios locais (canteiros) de trabalho, como para auxiliar a Infantaria, em caso de necessidade.

E é de ver o desempenho e a férrea fibra dos "engenheiros". Adaptam-se a todas as tarefas; desde a simples colocação de uma ponte ou abertura de uma brécha em um obstáculo (El-Alamein é um belíssimo exemplo) ou a conquista de uma fortaleza considerada inexpugnável.

E morrem com os demais soldados, deixando uma sensível laguna no moderno Exército de especialistas...

\* \* \*

Neste momento, em que um sopro renovador agita o nosso Exército, é de se apelar para os nossos Chefes no sentido de olharem com maior carinho a preparação e o desenvolvimento de nossa Engenharia, dotando-a dos elementos indispensáveis ao cumprimento das variadas missões que atualmente lhe incumbem.

## Indústrias "CAMA PATENTE L. LISCIO" S./A.

A maior fábrica de camas da América do Sul

**Legítima só com a faixa azul!**

Grande  
fornecedora  
dos Exércitos  
Nacional  
e Americano



**Matriz :** Rua Rodolfo Miranda, 97 - S. Paulo

**Filiais :** RIO DE JANEIRO - Rua Figueira de Melo, 307 — Loja :

— Rua 7 de Setembro, 177.

— BELO HORIZONTE, RECIFE, BAHIA, PORTO ALEGRE e

— PELOTAS.

**Agências :** MANÁUS, BELÉM DO PARÁ, FORTALEZA, NATAL e

— MACEIÓ.

# ARTILHARIA MÓVEL DE COSTA NA DEFESA DE PRAIAS

Ten. Cel. *Donald G. Kimball*

Extraído do *Coast Artillery Journal* pelo Major  
*NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO*

A doutrina tática e os princípios fundamentais que regulam a defesa do litoral por forças de terra, são suficientemente explanadas nas publicações oficiais sobre o assunto. A exposição que se segue, baseada nesses princípios, trata do papel, na defesa costeira, atribuído à artilharia móvel de costa.

Nessa modalidade da defensiva, constitui necessidade primordial a ligação estreita e eficiente entre as forças terrestres, aéreas e navais. As duas últimas são incumbidas de assinalar em tempo, aos elementos situados em terra, a presença das forças inimigas. Os preliminares da resistência a uma invasão por mar ou pelo ar, incumbe às forças navais e aéreas, as quais têm a missão de impedir que o inimigo obtenha o controle das operações. Seja numa invasão de vulto, seja num simples raide, nenhum êxito é alcançado sem a obtenção, mesmo temporária, da superioridade aérea e controle do mar. Quando essas duas condições são alcançadas pelo adversário, mesmo num curto lapso de tempo, todo o peso da defesa recai sobre as forças de terra que, então, precisam estar preparadas para cumprir sua missão sozinhas. Em *SALERNO*, os alemães demonstraram extraordinária aptidão para uma forte organização de defesa de praia, sem o apoio de forças aéreas e navais.

Na guerra moderna, a execução de uma invasão importante exige o concurso de forças navais, aéreas e terrestres, in-

clusive tanques, artilharia, paraquedistas e infantaria do ar. Um simples raide, executado com o fim de obter informações, destruir organizações ou instalações, também exige o emprego de todos os tipos de forças, embora em menor escala. Em ambos os casos, a missão das forças terrestres se resume em derrotar o invasor.

O atacante tem a seu favor a possibilidade de escolher o tempo e o lugar do ataque, aproveitando-se de uma ocasião favorável para obter a surpresa.

Se a êsse fator, juntar sua superioridade numérica, seu poder e fogo e o concurso de fortes reservas, certamente obterá êxito em sua missão. Para diminuir o efeito desses elementos, o defensor aproveita os recursos oferecidos pela posição que ocupa, explorando o terreno e tirando o máximo partido da organização dêste. O preparo do terreno é essencialmente destinado a conter o ataque na praia ou em suas imediações, obrigando o inimigo a retroceder, mediante um emprego adequado de reservas da defesa.

A organização defensiva duma praia exige, para preencher suas finalidades, que contenha o seguinte :

- uma linha de postos avançados, compreendendo postos de vigilância, metralhadoras e fuzis metralhadoras, canhões anti-tanques, campo de minas e obstáculos;
- uma linha principal de resistência, fronteira à costa, organizada em profundidade e comportando fortes pontos de apoio e localização adequada de reservas;
- uma linha de deter, contendo reservas altamente móveis.

As tropas que ocupam estas posições, inclusive reservas móveis, são tropas de sub-setor e, em geral, pertencem organicamente á D.I..

Os elementos de artilharia de costa incumbidos de uma defesa de praia, são aí colocados em função de uma decisão do comando. Essa decisão, resultante de um cuidadoso estudo da

situação e dos quatro fatores básicos — missão, terreno, inimigo, meios — precisa ser tomada com bastante antecedência, afim de que os órgãos encarregados de cumprirem tão relevante tarefa, estejam prontos para isso tão logo surja o inimigo.

Conquanto a artilharia móvel de costa possa ser empregada para reforçar a defesa fixa de porto, isso escapa ao presente estudo, que cogita apenas do emprego dessa modalidade da arma na defesa de praias.

A missão geral da artilharia móvel de costa, quando incumbida da defesa de praia, consiste no seguinte :

- destruição ou neutralização dos navios de guerra inimigos que apoiam o desembarque;
- destruição dos navios transportes, impedindo-os, assim, de se aproximarem de terra;
- destruição dos meios suplementares utilizados para o desembarque (embarcações como botes, lanchas, etc.);
- bombardeios nas partes da praia em que o invasor consegue se aproximar;
- destruição ou neutralização dos elementos que lograram pôr o pé em terra.

Em última análise, o objetivo normal da artilharia móvel de costa empregada na defesa de praias, consiste em evitar que o inimigo ponha pé em terra. Todos os esforços são concentrados para êsse fim, sendo a ordem de urgência de designação dos objetivos baseada nessa premissa. Em certas fases da tomada de contato com o inimigo, a artilharia móvel de costa age isolada ou em conjunto com as forças aéreas e navais, uma vez que, nessas ocasiões, as demais forças terrestres não podem ainda tomar qualquer parte na ação. Os êxitos obtidos pelas forças da defesa nessa fase da invasão, acarretarão grandes benefícios para a continuação das demais fases. Podemos, a êsse respeito, citar um recente exemplo. A ação bem coordenada das forças defensoras americanas afundando abar-

rotados transportes nipônicos, que conduziam reforços para GUADALCANAL, abreviaram de muito as investidas japonesas naquela ilha.

Conquanto a missão geral de todas as forças terrestres seja a de cooperar na defesa de qualquer parte do território porventura ameaçado, estas forças não podem cumprir as emissões especiais atribuídas à artilharia de costa, especialmente equipada e preparada para êsse gênero de missão.

Para cumprir perfeitamente essas missões, o armamento da artilharia de costa deve encontrar-se em posição e pronto para abrir fogo, tão logo os objetivos estejam dentro do alcance de seu material. Isso exige, portanto, que tipos apropriados de canhões móveis de costa sejam aparelhados para cobrirem áreas costeiras defensivas, favoráveis a desembarques, bem como as partes do território que possam ser bombardeadas pelos canhões das belonaves inimigas. Não sendo possível proteger todos os pontos do litoral, deve-se cuidar, em primeira urgência, dos mais importantes.

Todos os escalões existentes na cadeia tática de comando são previstos de acôrdo com as disposições dadas ao material existente e tendo em vista cada situação particular. Assim e que as forças empregadas na defesa de costa são organizadas em setores, sub-setores, quarteirões, etc. Um setor ou sub-setor pode conter uma ou mais de uma defesa de porto, estabelecida permanente ou temporariamente, para a proteção eficiente de determinados objetivos. A defesa de porto, por sua vez, abranje as praias e outros trechos do território adjacentes ao porto e que estejam dentro do alcance permitido pelo material aí empregado. Todo o comandante de setor ou sub-setor é o único responsável pelo emprego de todas as forças que constituem seu escalão de comando. A artilharia móvel de costa, por seu lado, é organizada em grupamentos, grupos e baterias, de acôrdo com as disponibilidades do material existente.

O tipo de material móvel de artilharia de costa mais indicado para a defesa de praias é o de 155 mm. Devido ao as-

pecto especial apresentado na defesa de praias, a organização da artilharia empregada nessas missões baseia-se na consideração primária da escolha das posições, ao em vez da natureza do objetivo ou de calibre, como acontece usualmente na defesa de porto. Nenhuma cadeia distinta de comando é estabelecida tendo em vista coordenar a ação da artilharia de costa e a das outras modalidades da arma. Qualquer coordenação, que se torne necessário, é feita pelo comandante do setor ou sub-setor, em cuja zona de ação atue a artilharia e mediante entendimentos entre os chefes interessados.

As posições para a artilharia de costa são escolhidas e estudadas convenientemente pelo próprio pessoal da arma. O comandante de setor ou sub-setor determina a zona de procura para cada tipo de armamento, de acôrdo com a situação e os meios existentes. O comandante de grupamento ou grupo determina os locais de posições para suas unidades, dentro da zona. Em seguida, os comandantes de baterias determinam as posições exatas e instalações necessárias para cada espécie de material. Posições de tiro direto, colocadas além de 500 metros do litoral, não satisfazem. Essas posições essenciais para o caso II de pontaria, devem permitir a continuação do fogo, a despeito da interrupção das comunicações ou da falência dos P. O., em geral colocados mais longe. O armamento será removido para posições suficientemente afastadas, afim de protegê-lo dos tiros de bordo ajustados sobre a orla do litoral. As posições dos projetores são escolhidas de modo que eles obtenham não só o alcance máximo sobre as águas navegáveis, mas também iluminem as praias.

Para que o material empregado na defesa de costa possa ser bem instalado e se faça o melhor uso de seu alcance e potência, é necessário estabelecer a coordenação entre as zonas de ação dos canhões de costa e os de campanha. Normalmente, a melhor coordenação nesse sentido consiste em fixar, para o material propriamente de costa, as zonas correspondentes ao alcance máximo de seus canhões a partir de 4.000 metros da

linha do litoral. Dessa fôrma, as duas espécies de materiais, embóra agindo em conjunto, recebem missões mais consentâneas com suas possibilidades.

A escolha de posições exige também o estudo de fatores importantes, como sejam as questões de desenfiamento, disfarce, construções de rodovias ou linhas férreas, bem como os demais trabalhos relativos à organização do terreno. Se possível, serão aproveitadas as instalações já preparadas por outras fôrças de defesa já existentes no local, bem como serão previstas as regiões para dispersão dos elementos orgânicos às unidades de artilharia.

As seguintes condições devem ser rigorosamente obedecidas por qualquer unidade em posição de alerta na defesa do litoral.

- cada posição de bateria deve ser solidamente organizada, desde que o permitam as condições de tempo, de material e da situação tática;
- a presença de outras fôrças de defesa não exime o comandante da bateria de suas responsabilidades efetivas;
- para manter a integridade da posição, é levada ao máximo a utilização de trincheiras, obstáculos, minas e de todo o armamento automático existente;
- um forte sistema defensivo é estabelecido em profundidade e extendendo-se tão longe quanto possível;
- o armamento automático é utilizado para fazer o tiro contra objetivos do ar, terrestres e os elementos de desembarque que estejam ao alcance do material;
- posições “mudas” devem ser cuidadosamente preparadas e disfarçadas;
- postos de vigilância e patrulha móveis são estabelecidas adequadamente afim de colocar as posições ao abrigo da surpresa e sabotagem;

- são constituídas reservas móveis nas posições, para atenderem as partes suscetíveis aos golpes de mão ou pequenos raids;
- os canhões são mantidos em ação, enquanto os objetivos permanecerem em seus campos de tiro;
- o pessoal das baterias não deve ser afastado dela para agir em missões que não sejam propriamente de artilharia de costa, ainda que a defesa esteja seriamente ameaçada por forças inimigas que já tenham tomado pé em terra.

Além do serviço de informações estabelecido dentro das unidades de artilharia de costa, também são tomadas medidas para o recebimento e difusão de informações entre as unidades vizinhas, superiores e subordinadas. As ligações devem ser mantidas entre todas as unidades que cooperam na defesa, respeitados os diferentes escalões de comando.

Todas as unidades de artilharia de costa fazem parte de um conjunto, cuja vitória depende de cada elemento que o constitui e do auxilio que se prestam mutuamente.

O artilheiro de costa deve esforçar-se para que seu material permaneça atirando até o final da ação, quer se trate de combater um destroier ou transporte, quer se trate de uma operação de desembarque já efetuada. A organização defensiva da região atacada deve ser prevista tendo em vista a execução do tiro até o último momento.

Conquanto uma retirada táctica de algumas centenas ou milhares de metros possa permitir à bateria continuar o combate na jornada seguinte, o artilheiro, no fragor da refrega, vive sempre sob um dilema: vencer ou perecer junto de seu material.

---

*Nota do tradutor* — O caso II de pontaria é uma variante utilizada nas baterias de artilharia de costa, em que as peças são apontadas diretamente em direção e indiretamente em altura. No caso I, ambas as pontarias (direção e altura) são diretas e, no caso III elas são indiretas.

## Campanha contra Acidentes no Trabalho

Nobilíssima e humana campanha lançada pelo Ministro Marcondes Filho, contra acidentes no trabalho.

Idéia das mais humanas e precisas, a ela aderiram inúmeras empresas, que hoje, irmanam empregados e empregadores, todos decididos a cooperar com o governo do benemerito Presidente Getulio Vargas.

Ainda ha poucos dias, realizou-se a entrega dos premios às empresas vencedoras, as que mais se distinguiram no objetivo de evitar accidentes de trabalho.

A Companhia "Usinas Nacionais" conquistando o bronze "Décio Parreiras", apresentou-se em primeiro lugar, com o menor numero de accidentes registrados.

Falou em nome das empresas laureadas, o dr. Artur Moura, presidente das Usinas Nacionais, que tem como companheiros de direção os srs. Gil Metodio Maranhão e Nilo de Alvarenga. O orador, brilhante jornalista e ex-secretario do governo Agamenon Magalhães, disse da alegria que empolgava a quantos, colaborando com a politica trabalhista do preclaro presidente Vargas, mereciam aqueles premios que eram, em toda sua expressão, um traço de união entre os homens de governo e as organizações particulares, todos fiéis a um só pensamento: amparar o trabalhador brasileiro, outróra entregue aos azares da sorte e, hoje, graças à notavel legislação trabalhista do Estado Nacional, contente com sua situação e identificado, plenamente, com seus patrões e com o Governo da Nação.

O discurso do diretor da Companhia Usinas Nacionais, pelo seu conteudo e sinceridade, mereceu as mais ardorosas palmas, extensivas à grande empresa cujo interesse pelos seus auxiliares não se traduz nessa proteção, mas tambem, na premiação geral que, ao fim de cada ano, costuma fazer entre todos, desde o mais simples operario até ao mais credenciado auxiliar de escritório.

O Ministro Marcondes Filho encerrou a magnifica reunião pronunciando um dos seus magnificos discursos, ao final do qual exaltou a inteligência e a cooperação do trabalhador brasileiro, que muito têm concorrido para o êxito absoluto da humana e oportuna campanha.

# Organização dos abrigos segundo o seu destino

Major PASTOR ALMEIDA

## *S u m á r i o*

- I — Abrigos segundo o seu destino.
- II — Emprego tático dos vários tipos de abrigo.
- III — Propriedades táticas das diferentes categorias de abrigos.
  - Abrigos a céu aberto.
  - Abrigos em galeria de mina.
- IV — Localização e natureza dos abrigos nas diferentes posições e linhas.
  - Posição de postos avançados.
  - Posição de resistência.
- V — Tipos de abrigos em função de sua capacidade.
- VI — Organização tendo em vista o combate.
- VII — Organização tendo em vista a habitabilidade.
  - Proteção contra os gases.
    - Abrigos-filtros.
    - Abrigo com filtro vegetal.
    - Filtro exterior.
    - Filtro interior.
    - Tomada de ar.
    - Cuidados a tomar para a colocação e conservação dos filtros na terra.
  - Proteção contra a água.
- VIII — Conservação das obras.

### *I — Abrigos segundo o seu destino.*

Nos artigos anteriores tivemos oportunidade de ver as diversas categorias de abrigos, segundo o seu modo de construção, tendo ocasião de estudar a sua organização, segundo o seu destino.

No estudo que vamos fazer admitiremos, suficientemente, conhecidas as disposições a arribuir a um abrigo, conforme se destine a:

- um abrigo para tropa;
- um posto de comando;
- posto de socorro;
- um observatório, posto de observação ou de espreita;
- uma casamata para metralhadora;
- um abrigo para munições.

## II — *Emprego tático dos vários tipos de abrigos.*

A escolha do tipo de abrigo segundo o seu modo de construção e o material nele empregado, para satisfazer a uma mesma finalidade no combate, tem por fim conseguir a sua melhor adaptação, às condições que lhe são requeridas: proteção, dissimulação e habitabilidade.

São, portanto, fatores primordiais dessa escolha: a localização do abrigo (posição de postos avançados, linha principal de resistência, linha de apoio e linha de deter) e a sua capacidade (número de elementos que o devem ocupar) além da natureza do material disponível.

Encarados sob este aspecto, cada tipo de abrigo apresenta umas tantas propriedades táticas, recomendando o seu emprego nessa ou naquela situação.

## III — *Propriedades táticas das diferentes categorias de abrigo.*

### *Abrigos a céu aberto.*

Os abrigos à céu aberto não podem, em geral, ser executados nas proximidades do inimigo, devido a dificuldade de dissimular o trabalho, salvo os abrigos de pequenas dimensões (abrigos sob parapeito) e os que podem ser construídos em terrenos cobertos.

Além da dificuldade de dissimular a posição, propriamente dita, seria também difícil ocultar às vistas do inimigo, o transporte do material, geralmente, volumoso, que essa categoria de abrigo exige, pois, para abrigos da mesma capacidade, um abrigo a céu aberto necessita, de uma tonelagem de material, vite vezes maior que um abrigo em galeria de mina.

O abrigo a céu aberto, geralmente, superficial, pode ser ativo ou passivo.

Quando ele é passivo, sendo estabelecido a uma profundidade menor, que o abrigo em galeria de mina, oferece aos seus ocupantes a vantagem de alcançar com facilidade e rapidês os locais de combate.

O abrigo superficial a céu aberto, em regra geral, se impõe:

- para os abrigos ativos;

- para as frações de tropa que devem entrar, instantaneamente, em ação, isto é, para as tropas que se acham instaladas em primeiro escalão;
- quando o terreno é alagadiço e não permite aprofundar, suficientemente, o abrigo em galeria de mina.

A escolha dos diferentes tipos de abrigos à céu aberto é, muitas vezes, determinada pela possibilidade de procurar e transportar, ao pé da obra, os materiais necessários à sua construção.

Por esta razão se constrói, nos bosques ou nas suas proximidades, os tipos com estrutura de madeira roliça e nas localidades, quando se torna longo o transporte deste material, dá-se preferência aos concretados.

Nos abrigos ativos e, principalmente, nas casamatas para metralhadoras, cujo relevo, na maioria das vezes, é considerável, são empregados quando o terreno facilita a sua dissimulação: em taludes contravertentes, acidentes do sólo, bosques, localidades ou locais ocultos às vistas.

Estão no mesmo caso, os observatórios protegidos, aos quais é preciso, em primeiro lugar, assegurar uma dissimulação perfeita.

O tempo necessário para a construção dos abrigos concretados e dos abrigos em galeria de mina, sendo bastante longo, conduz muitas vezes, atendendo a sua terminação ou utilização progressiva, a construir abrigo com estrutura de madeira ou com chapas de ferro ondulado, sob camadas de madeira ou trilhos, cuja realização é muito mais rápida.

### *Abrigos em galeria de mina.*

A construção dos abrigos em galeria de mina é, relativamente, fácil de dissimular.

O numero de trabalhadores presentes, simultaneamente, sobre o canteiro é pouco elevado; a tonelagem de material necessário é, relativamente, pequena e o seu transporte pôde ser escalonado, durante todo o tempo de duração da construção.

Os abrigos em galeria de mina oferecem a grande vantagem de serem utilizados nas suas diferentes fases de construção.

Com exceção de uma casamata, desembocando em uma escarpa abrupta ou em talude de corte de estrada, o abrigo em galeria de mina, é, em geral, passivo.

Para ter um elevado gráo de resistência, o abrigo deve ser profundo, em consequência, exige um certo tempo para a saída dos elementos que o ocupam.

O uso dos abrigos em galeria de mina, na frente das posições, é contra-indicado, por esta razão.

#### IV — *Localização e natureza dos abrigos nas diferentes posições e linhas.*

##### *Posição de postos avançados.*

Os abrigos localizados nesta posição, salvo os destinados as reservas, que podem, as vezes, ser em galeria de mina, são abrigos superficiais e, em geral, ligeiros.

Os abrigos à prova não podem, comumente, ser construídos sobre uma posição de postos avançados, devido a proximidade do inimigo e da dificuldade de transportar os materiais necessários a sua construção.

Se, por exceção, decide-se construí-los, é necessário evitar, que possam ser utilizados pelo inimigo, no caso da perda da posição; neste caso, deve ser prevista a sua destruição com auxílio de explosivos.

##### *Posição de resistência.*

Todos os abrigos da posição de resistência devem, em principio, ser a prova dos projéteis da artilharia pesada inimiga.

Mas, considerando que estes abrigos são de construção demorada, de longa duração e devem ser utilizados progressivamente, é necessário sempre substituí-los, momentaneamente, por abrigos ligeiros.

Na zona da linha principal de resistência, os abrigos à prova são, em principio, à céu aberto, de preferência concretados, permitindo uma ocupação rápida dos locais de combate.

Na zona da linha de apoio, pôde-se construir abrigos à prova em galeria de mina, mas, como esta linha pôde ser transformada, eventualmente, em linha principal de resistência, convem prever alguns abrigos concretados, para os órgãos mais importantes da defesa.

Na zona da linha de deter, os abrigos à prova são, quasi sempre, construídos em galeria de mina.

#### V — *Tipos de abrigo em função da sua capacidade.*

A capacidade dos abrigos deve ser considerada em função de sua proteção e de sua dissimulação.

Os abrigos ligeiros sob parapeito, simplesmente protegidos contra os estilhaços ou projéteis de fraco calibre, construídos nas linhas avançadas, não devem conter mais que dois ou tres ocupantes.

Os abrigos com estrutura de madeira tosca ou em chapas de ferro ondulado, protegidos por uma camada de madeira roliça, são construídos, seja para meio grupo de combate seja para um grupo completo.

Os abrigos em galeria de mina têm uma capacidade que varia,

## Assinantes – Atenção

A Assembléia Geral Ordinária realizada em 25 de Fevereiro p. p., deliberou que, a partir dessa data, sejam os seguintes os preços das assinaturas:

Associados da Cooperativa . .	Cr\$ 30,00 — ano
Assinaturas renovadas . . . .	Cr\$ 45,00 — ano
Assinantes novos . . . . .	Cr\$ 60,00 — ano

—x—

Leiam o Cap. II e o artigo 11.º dos Estatutos da Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intellectual “A DEFESA NACIONAL”, os quais foram publicados na Revista do mês de Setembro de 1943, e nos remetam a fórmula no verso deste, devidamente preenchida, para que possam auferir das vantagens do sistema cooperativista e também se constituírem como parte integrante de uma associação que edita a mais bem cuidada Revista sobre assuntos militares.

Não vacile, mande-nos sem demora a sua proposta.

# Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual

## "A DEFESA NACIONAL"



Proposta para Associado:

(Art. 13 do Cap. II)

Nome: - .....

Natural de .....

Cidade .....

Estado Civil .....

Data do Nascimento .....

Profissão ..... Guarnição .....

Data: .....

Assinatura: - .....

(Firma reconhecida)

### OBSERVAÇÕES:—

- a) Remeter 2 fotografias 3x4.
- b) Tabelião em que tem firma reconhecida, aqui no Rio, caso não possa reconhece-la no local onde está servindo.
- c) A importância das QUOTAS-PARTES deverá ser remetida em vale po tal.

de um grupo, sobre a linha de apoio a um pelotão, mesmo uma companhia, sobre a linha de deter.

Os abrigos concretados são construídos com capacidade para um grupo sobre a linha principal.

Sobre as linhas menos avançadas, sua capacidade pôde corresponder a um pelotão.

Emfim, os abrigos de maior capacidade não são admissíveis, senão sob a condição, que todas as precauções tenham sido tomadas, para evitar aos ocupantes a surpresa do ataque inimigo, para isso é necessário:

- serem afastados da frente;
- terem um dispositivo de espreita;
- terem saídas múltiplas;
- prever a defesa das vias de acesso.

#### VI — *Organização tendo em vista o combate.*

Todo abrigo deve prestar-se:

- à organização do alarme (posto de espreita, fazendo corpo se possível, com o abrigo);
- à saída dos ocupantes antes que o inimigo tenha logrado atingir as entradas do abrigo (saídas numerosas e fáceis instalações de combate tão próximas, quanto possível, da posição de espera no interior do abrigo).  
Esta condição é realizada, no seu mais alto grau, nos abrigos ativos;
- à defesa própria, que pode ser:
  - exterior (organização de traveses próximos, saídas em pleno campo, disfarçadas, para os contra-ataques);
  - interior (defesa interior das entradas, escadas e galerias).

#### VII — *Organização tendo em vista a habitabilidade.*

Disposições que se devem tomar desde o início da construção de um abrigo:

- contra a invasão das águas de infiltração (poços e bombas especiais de evacuação) e contra as águas de chuva, que podem penetrar pelas entradas (soleiras elevadas, valetas, etc.);
- Para a ventilação natural (chaminés) ou, então, artificial (ventiladores);
- para a iluminação (elétrica, si possível).

*Proteção contra os gases.*

A proteção dos abrigos contra os gases é realizada nas seguintes condições:

*Abrigos-filtros.*

Os abrigos-filtros são abrigos cuja provisão de ar interior, pôde ser renovada, por uma tomada do exterior.

O ar é aspirado por um ventilador e, antes de penetrar no abrigo, atravessa um filtro, que absorve ou neutraliza os gases de combate.

O filtro é constituído por uma camada de terra vegetal ou por uma caixa filtrante.

Por outro lado, o ventilador cria, no interior do abrigo uma compressão, que impele para o exterior o ar viciado pela respiração e impede ao mesmo tempo a entrada do gás.

A organização dos abrigos-filtros é delicada e minuciosa; só deve ser empregada nos abrigos importantes e bastante longe do inimigo, para serem mantidas em perfeito estado de funcionamento.

*Abrigos com filtro em terra vegetal.*

A terra vegetal tem um notavel poder de fixação para certos gases nocivos, por exemplo: o cloro e os fosfogenio.

Uma terra é tanto mais eficaz quanto maior é o seu teor em materiais orgânicas, mas, uma terra pobre (2% de materiais orgânicos) possui ainda um certo poder de fixação, nada desprezível.

As terras proprias para cereais e de hervas mirradas são mediocres, como filtros.

A terra com húmus e a do interior da mata são as melhores.

Utilizar sómente a terra que se acha ao nivel das raizes.

O filtro deve ter, pelo menos:

- 2 metros quadrados de superficie e 0m.35 de espessura, si fôr constituído com terra muito rica, contendo, pelo menos 10% de materias orgânicas e de 20 à 40% de humidade;
- 4 metros quadrados de superficie e 0m.50 de espessura si fôr constituído com terras pobres, 2 à 4% de materias orgânicas.

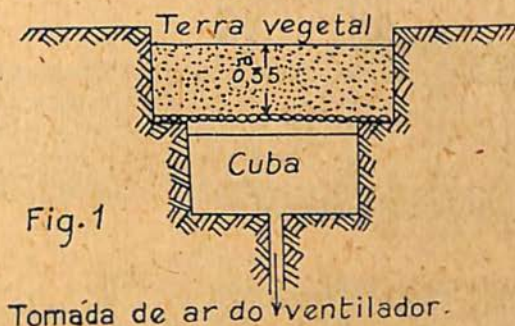
O débito do ventilador, ligado ao filtro, não deve ultrapassar a capacidade de absorção do mesmo; nessas condições, manter este débito sensivelmente inferior a nove litros por minuto e por decimetro quadrado de superficie filtrante, quando a terra vegetal é muito rica.

Para um filtro de quatro metros quadrados de superficie, o débito do ventilador deve ser de  $3, m^3 600$ , por minuto.

O filtro pôde ser colocado no exterior ou no interior do abrigo.

Os filtros colocados no interior dos abrigos, são melhor protegidos.

### Filtro exterior.



*Filtro exterior. (fig. 1).*

O filtro exterior compõe-se de um fosso de 0m.70 à 0m.80 de profundidade e com a superficie determinada pelas considerações anteriores.

O fosso é excavado no sólo nas proximidades do abrigo e posto em comunicação com este por intermédio de uma canalização subterranea de 4 à 6 decímetros quadrados de seção.

Na parte média se faz um assoalho, com caniçadas ou fachinas, sobre ele coloca-se a camada de terra vegetal, ocupando toda a superficie do fosso e comprimida com os pés, principalmente, nas bordas.

A espessura da camada de terra vegetal é de 0m.35.

O ventilador será instalado na extremidade da canalização, que parte da cuba.

### Filtro interior.

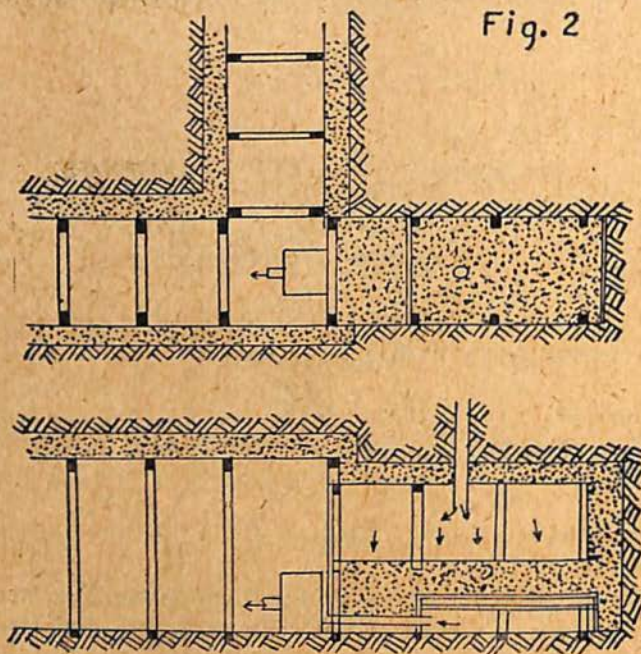
A figura 2 representa um filtro instalado em um elemento especial de galeria, no mesmo nível que o sólo de um abrigo em galeria de mina, sendo o ar aspirado do exterior por meio de uma chaminé.

Pôde-se, igualmente, construir de modo semelhante, um filtro interior, em um abrigo betonado.

*Tomada de ar.* — A tomada de ar é constituída por uma chaminé, vertical ou inclinada, de acôrdo com as condições locais.

## Filtro interior.

Fig. 2



A chaminé poderá ser em tubo de ferro ou em madeira, porém, perfeitamente aderente ao terreno, para evitar as infiltrações de gás.

Ha vantagem em desembocar esta chaminé em um ponto elevado do terreno, onde o teor de gás é, geralmente, menos elevado, ou melhor, desembocar junto de um tronco de arvore, colocando o cano no seu prolongamento e perfeitamente ligado ao mesmo.

Por este processo assegura-se o seu disfarce e proteção.

*Cuidados a tomar para a colocação e conservação dos filtros na terra.*

Proteger o filtro com uma camada de terra e não utilizar paredes de madeira ou metal.

Peneirar a terra para retirar todos os detritos vegetais ou pedras grandes, que poderiam determinar uma fissura no filtro.

Não se deve utilizar a terra depois de uma chuva abundante.

Verificar se a massa de terra, que constitui as paredes do filtro, está, suficientemente, homogênea e não contém no interior pedaços de

madeira, raízes grossas, etc, ao longo das quais se poderiam produzir fugas.

Perver uma proteção do filtro contra as aguas de enxurrada, que o poderiam danificar.

Tomar precauções contra os orifícios cavados por animais diversos, por exemplo: minhocas, ratos, etc.

Substituir a terra do filtro, após cada ataque pelo gás.

### *Proteção contra a agua.*

A drenagem dos abrigos merece atenção especial.

Para impedir a infiltração da agua nos abrigos, estabelece-se, no momento da construção, no aterro, si se trata de um abrigo em excavação a céu aberto, ou sobre o sólo natural, si se trata de um abrigo em galeria de mina, uma cobertura, ligeiramente inclinada, de papelão alcatroado, pixado ou de zinco ondulado.

Para assegurar a evacuação das aguas de infiltração ou de condensação, fazem-se desde a terminação do abrigo, instalações especiais cujo tipo pode variar conforme o dispositivo do abrigo, e os materiais disponíveis.

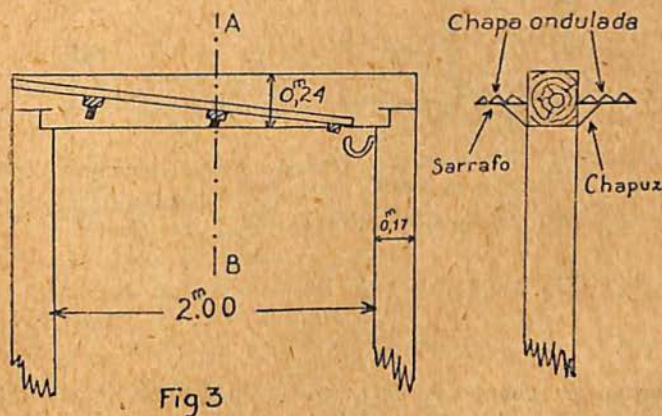


Fig 3

Por exemplo:

Praticam-se sobre cada vertical da verga dois entalhes a serrote de 1 centimetro de profundidade com inclinação de 1/10, aproximadamente, segundo o comprimento da verga e, ligeiramente, inclinados para o alto, como mostra a figura 3.

Prendem-se, nessas ranhuras, folhas de zinco, onduladas e leves, calefetadas com barbante.

Uma calha longitudinal recebe as águas e as conduz para o poço colocado na extremidade de uma das descidas.

O poço é coberto por uma grade e esgotado por meio de bomba ou balde.

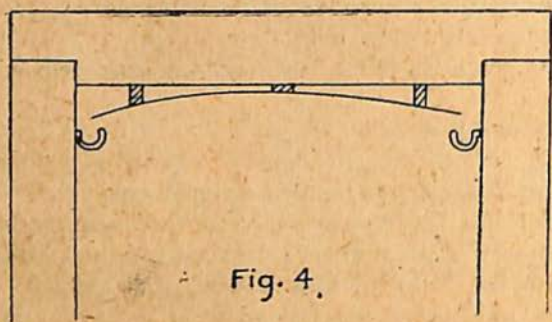


Fig. 4.

Fixam-se as chapas sobre a verga, no caso da figura 4, arqueando-as ligeiramente, afim de escoarem as águas, para duas calhas longitudinais, presas às ombreiras.

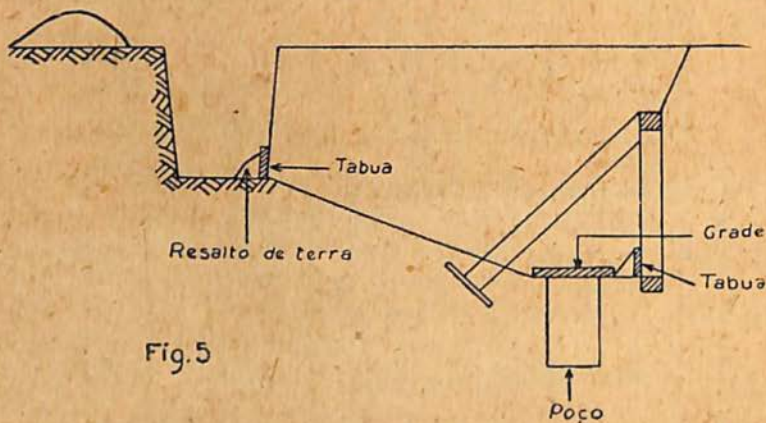


Fig. 5

Os abrigos de chapas de ferro ou de folhas de zinco onduladas, quando dotadas de folhas de cumieira, estão a coberto das infiltrações.

Afim de impedir, que as águas coletadas pelas trincheiras ou comunicações enterradas penetrem nos abrigos:

- cria-se na origem da normal anexa, que conduz à entrada do abrigo, um resalto de terra de 20 centímetros de altura, mantido por uma tabua colocada atravessada (fig. 5);
- instala-se na entrada um poço coberto por uma grade e faz-se, no primeiro caixilho, um resalto análogo ao descrito acima.

O enxugo dos abrigos cuja ocupação não deva ser permanente e construídos em terreno pouco permeável exige precauções especiais:

- si possível, escoamento natural das águas por uma entrada ou um ramal com inclinação para o exterior;
- visitas frequentes e evacuação artificial das águas.

A necessidade destas medidas para a conservação dos abrigos pode influir na escolha dos locais para os mesmos.

### VIII — *Conservação das obras.*

A bôa conservação das obras de uma frente organizada é de grande importância, porque interessa ao mesmo tempo o valor militar das posições e a conservação dos efetivos empenhados no combate.

#### *Causas de estragos das obras.*

As causas principais de estragos das obras são:

- as intemperies (chuvas, geadas, etc.);
- o bombardeio;
- o desgaste normal, devido ao uso e ao emprego de materiais pouco duráveis;
- a vegetação.

- a) — *Intemperies.* — Os taludes das comunicações enterradas esboroam-se sob o empuxo das terras húmidas ou sob a ação da água, que se estagna do fundo da excavação.

Para diminuir a importância dos trabalhos correspondentes de conservação, é preciso:

- manter os taludes com declives suaves ou revesti-los;
- evacuar as águas.

Os trabalhos de conservação das estradas e caminhos merecerão carinho especial.

Os abrigos devem ser garantidos contra as águas exteriores e contra as águas de infiltração.

- b) — *Bombardamento.* — Os estragos ocasionados pelo bombardeio são reduzidos, ao mínimo, por uma bôa concepção da organização e uma bôa execução técnica das obras.

Os efeitos sobre as comunicações e as redes de arame são, entretanto, consideráveis; as reparações devem ser feitas à medida que forem necessárias, sem se esperar que o tempo ou as intemperies aumentem as avarias.

- c) — Desgaste. — O desgaste que chega ao ponto de necessitar reparações só se faz sentir nas comunicações de circulação intensa.
- d) — A vegetação. — Os estragos causados pela vegetação são originados pelas raízes de algumas espécies de vegetais, que resecam as terras e as desagregam.

*Regras gerais para a conservação.*

As regras essenciais à observar são as seguintes:

- organização da vigilância;
- repartição nítida das missões (delimitação precisa das zonas de conservação);
- continuidade nos trabalhos de conservação;
- providencia no momento da construção (revestimento, evacuação das águas, etc.);
- ação do comando em todos os planos de conjunto (plano de evacuação das águas);
- especialização da mão de obra nos diversos trabalhos.

Numa posição desocupada, os trabalhos de conservação são, relativamente, pouco importantes se as comunicações enterradas foram sómente traçadas e iniciadas, se os abrigos foram bem construídos, se a evacuação das águas foi judiciosamente preparada e se a vigilância foi organizada em tempo útil.

**"COBRAZIL"**

COMPANHIA DE MINERAÇÃO E METALURGIA "BRAZIL"

Engenheiros Construtores

Representantes exclusivos dos produtos industriais da  
Westinghouse Electric International Co., de New York

Av. Almirante Barroso, 81-10º

Tel. 42-8150

RIO DE JANEIRO

# A Cavalaria Mecanizada no Exército Americano

## I — MISSÃO E MEIOS

Capitão *TASSO DE AQUINO*

Identificação e localização das forças inimigas, determinação dos flancos e pontos fracos no seu dispositivo, bem como localização de suas reservas, constituem o papel da Cavalaria na Guerra.

Ela tem hoje, como teve no passado, e terá no futuro, por missão principal: Reconhecimento.

Para cumprir esta missão, é ela muitas vezes levada a combater.

O combate da Cavalaria Mecanizada apresenta as mesmas características do da Cavalaria a Cavallo :

- mobilidade explorada ao maximo;
- ataque lançado de surpresa, violento e coordenado, contra os flancos e pontos fracos do inimigo.

O objéctivo é abrir uma brécha no dispositivo inimigo, através da qual se infiltrarão os reconhecimentos.

A iniciativa do combate não deve ser perdida nunca, e o contáto rompido na ocasião oportuna. Uma Unidade de Cavalaria que se engaja em combate de maneira a perder a iniciativa das operações e a possibilidade de desaferamento, é uma Unidade que fracassou no cumprimento da missão.

Além da missão de reconhecimento, á Cavalaria Mecanizada poderá ser dada a incumbencia de protecção a um flanco

descoberto no dispositivo amigo, e, quando as forças antogônicas estão suficientemente próximas não mais se justificando sua presença na frente, será mantida em reserva, para futuro emprego, de acordo com o desenrolar do combate:

- tapar uma brécha aberta no dispositivo amigo,
- infiltrar-se pela brécha aberta no dispositivo inimigo,
- persuadir o inimigo em aproveitamento do êxito,
- cobrir o retraimento da tropa amiga, em caso de insucesso.

Estas as missões que a Cavalaria Mecanizada está habilitada a desempenhar na Guerra, pelas suas características:

- mobilidade
- potência de chôque
- potencia de fogo.

Características que são função, respectivamente, da velocidade e mobilidade, em todos os terrenos, dos carros de que dispõe, da armadura de que são providos os seus carros de chôque, e do armamento de que é dotada.

A eficiência da Cavalaria Mecanizada no cumprimento de suas missões normais é função do gráo de instrução técnica e tática dos seus soldados, graduados e oficiais, bem como do cuidado dispensado aos veículos, armamento e meios de transmissão.

A Cavalaria Mecanizada no Exército Americano está organizada, equipada e os seus elementos instruídos para cumprir as missões apontadas acima.

Ela constitui o elemento de reconhecimento das Grandes Unidades, sendo organizada em "Troop", "Squadron" e "Battalion". Essas Unidades correspondem respectivamente ao nosso Esq., R. C. I. e R. C. D.

Cada D. I. tem como elemento de reconhecimento um "Reconnaissance Troop", constituída de três pelotões de três "team", um destacamento de ligação e um pelotão extra; o

"Reconnaissance Squadron", organizado em Três "Reconnaissance Troop", uma "Light Tank Company" e um "Assault Gun Troop" (Esq. de Obuzeiros), é o elemento de reconhecimento da D. C., enquanto que o "Reconnaissance Battalion" constituído de quatro "Reconnaissance Troop", uma "Light Tank Company" e um "Assault Gun Troop" é o elemento de reconhecimento da "Armored Division" (Divisão Blindada). Reconhecimentos para Corpos de Exército ou escala superior são feitos por Grupos de Cavalaria Mecanizada, que são organizados em dois ou mais "Reconnaissance Squadron".

Essas Unidades de reconhecimento estão equipadas com veículos, armamento e meios de transmissões necessários para o cumprimento da missão.

*Veículos* — De grande velocidade e mobilidade em todos os terrenos, possuindo, os de choque, couraça contra a qual são impotentes as armas antepessoal individual e automáticas.

Esses veículos são o "Jeep", o "Armored Car" (veículos de reconhecimento) e os tanques léves (veículos de choque e de apoio).

*Armamento* — As Unidades de Reconhecimento possuem grande potencia de fogo, dada pelas armas automáticas contra pessoal, morteiros, armas antetanque e anteaérea e obuzeiros, de que são largamente dotadas.

Essas armas são Mtr. 30 léve, Mtr. 50 (anteaérea), Mort. 60mm. canhão antetanque 37mm e obuzeiro 75mm.

As guarnições dos carros são armadas de fuzil, mosquetão ou "sub machine gun".

*Meios de Transmissão* — O radio é o principal meio de transmissão. Os carros são dotados de aparelhos de curto e longo alcance, para ligação entre os elementos da Unidade de reconhecimento e transmissão das informações para o Q. G. da G. U.

Washington, Abril de 1944.

## OS TRABALHOS NA CASA DE MAUÁ EM 1943

O ano de 1943 marcou uma fase de atividade intensa para a Associação Comercial do Rio de Janeiro, brilhantemente presidida pelo sr. João Daudt de Oliveira. Além de fundar o Instituto de Economia e inaugurar seu Departamento Cultural, a Casa de Mauá realizou ainda, entre outros, os seguintes trabalhos:

Reorganizou seu Departamento Jurídico-Fiscal.

Lançou o movimento de expansão associativa, para que cada município do Brasil tenha sua Associação Comercial, filiada à Federação Estadual, que, por sua vez, irá figurar na Confederação Nacional das Associações Comerciais.

Acolheu, em sua sede, a III Conferência Inter-Americana das Associações de Comércio e Produção.

Colaborou nos estudos sobre arbitramento comercial.

Promoveu o Congresso Brasileiro de Economia, realizado no Palácio do Comércio e que reuniu as figuras mais expressivas da economia nacional, delegados das associações de classe, economistas e técnicos, planificando as diretrizes ideais recomendáveis para o pleno desenvolvimento da economia brasileira.

Foram esses, entre outros, os acontecimentos centrais do ano que passou, na tradicional entidade representativa do nosso comércio, dentro do seu esforço permanente e construtivo para servir ao Brasil, erguendo bem alto o nome da sua classe e honrando suas tradições seculares.



**BÔA APPARENCIA**

NÃO a tem somente quem se veste com apuro. Ella depende, sobretudo, da barba bem escanhoadá, o que só se consegue com a insuperável lamina Gillette Azul.

**Gillette**  
BLUE  
BLADES

*King Gillette*  
Gillette

**Lamina GILLETTE AZUL**

# A Química nas Ações de Guerra

*Os presentes estudos e informações são dedicados ao  
Exmo. Snr. General Comandante, demais oficiais, e pra-  
ças da 1.ª D. I. E..*

MAJOR ALFREDO FAUROUX MERCIER

## INTRODUÇÃO E GENERALIDADES:

### I

Desde quando o engenho humano começou a empregar a Química com intuitos agressivos ou defensivos?

De nosa parte, julgamos que ao se uzarem archotes de madeira resinosa e outros materiais de facil combustão, que uma vez catapul-tados ou arremessados por outro meio qualquer causariam incendios e produziriam também nuvens de fumo, começou-se a fazer Guerra Química.

Mais tarde, com o advento da pólvora negra, pois, os chineses e arabes, como precursores no partido tirado da mistura de salitre, enxofre e carvão, fizeram produzir modificações profundas nos atos de guerra, deu-se início às pesquisas para melhor aproveitar a energia po-tencial tão avaramente retida pela Química; surgiram as cargas de pro-jeção usadas nos canhões de alma arremessando projéteis não explo-sivos, criou-se a guerra de minas e com ela ruíram fortificações que até então, desafiavam altivamente quaisquer ataques.

Por muitos séculos a Humanidade deixou-se embalar ouvindo o ribombar das bombardas e de outros armamentos cujo valor era de pouca monta quanto à agressividade; continuavam no entanto, as inves-tigações químicas e no decurso do XIXº século, surgem as pólvoras sem fumaça e aparecem outros explosivos tais como: — a nitrocelu-lose, a nitroglicerina, a dinamite, a turpinita, e outros propelentes que permitiram o aumento do alcance das armas de arremesso, a adoção do armamento de retrocarga e a criação de projéteis explosivos.

Desde o princípio do século atual a Físico-Química procurou meios para libertar as Nações, do monopólio do salitre que pelas divisões políticas estabelecidas na crosta terrestre, tem cabido acidentalmente, a alguns povos. Como sabemos, era só do salitre que a indústria qui-

mica extraía o azoto indispensavel à fabricação de qualquer polvora ou explosivo mas, atualmente, o pesadelo de certas Nações passou, pois ha vários processos para haurir da atmosfera que de maneira alguma é monopolizável, qualquer quantidade de azoto.

Hoje a química de pólvoras e explosivos nos fornece produtos quasi que ideais: — trotil, fulminato de mercúrio, pentil, herogênio, amatol, schneiderita, nitrato de amoneo, pólvoras de base dupla, chedite, melinite, etc. e até, um explosivo que pode usar como matéria prima a nossa mandioca — “o nitroamido”.

## II

Deixando as pólvoras e explosivos vamos, a principio de um modo geral e depois com mais insistência, ver como age a Química noutras ações de guerra — este o nosso escopo. Quando se fala em “Guerra Química” é comum pensar-se somente, na guerra de gases; lembramos no entanto, que há muitos produtos químicos usados para: provocar incêndios, produzirem-se cortinas de fumo, uzam-se fogos para iluminar campos de batalha, há substâncias empregadas em aparelhos próprios para lançar chamas, hoje comuns e uma infinidade de artificios que a pirotécnica atual esconde para o emprego oportuno e adequado.

Quanto á chamada “Guerra de gases”, devemos observar que as substâncias não só se apresentam em

estado gazoso	{	óxido de carbono
		gás de clóro
		fosgenio

como tambem em

estado líquido	{	cloropicrina	}	
		palita		
		superpalita		
		iperita		
		bromacetona		
		brometo de benzila		
		lewisitas		{
		etc.		{

L.

e até em

estado solido	{	cloracetofenona
		difenilclorarsina
		difenilcianarsina
		etc.

quanto a este último, o estado sólido, e para mostrar do que são capazes essas "poeiras" lembramos que:—um quarto de miligrama ( $1/4\text{mm}$ ) de difenilcianarsina torna um metro cúbico ( $1\text{m}^3$ ) de ar irrespirável (produzem-se efeitos esternutatórios), o que é considerável quando observamos que o homem em ação utiliza, em média, 3.000 litros de ar por hora.

### III

#### *Pessoal de guerra Química da Divisão de Infantaria.*

Perfeitamente cômico deste assunto, o Alto Comando de nossa 1ª. D. I. E., determinou e fez ressaltar a necessidade de:

a) — proceder-se a instrução intensiva da tropa em relação a tudo o que é relativo á guerra química;

b) estudarem-se meios e planos para proteção;

c) — promover-se a manutenção em dia e em completa ordem de material de guerra química de cada unidade;

declarou mais: — "Os Comandantes de Unidades são reponsaveis pela proteção contra ataques químicos e incendiários, dos elementos sob seu comando".

e também: — "Os oficiais de guerra químicas de Unidade incorporada ou Sub-Unidade, são responsáveis perante os Comandantes respectivos, em relação a todos os assuntos concernentes á guerra química nas Unidades e Sub-Unidades a que pertencem".

Para o bem desempenho dessas finalidades, houve a designação de pessoal para, na Divisão, tornar exequíveis as med.das previstas, assim, transcrevemos a seguir o quadro constante das Instruções e relativo ao Pessoal de Guerra Química da Divisão.

Haverá, pois, em cada Unidade, um oficial de guerra química com o qual manterão estreita ligação os oficiais de guerra química das Sub-Unidades (um por Sub-Unidade); cada um desses oficiais terá dois sargentos auxiliares de guerra química, um dos quais chefiará a "turma de descontaminação", a qual deverá existir em cada Sub-Unidade (1 cabo e 8 soldados).

Quaisquer observações e reconhecimentos sobre operações químicas serão condensadas em informações químicas que deverão chegar às instâncias superiores, passando: — do oficial de guerra química da Sub-Unidade para o do Batalhão ou Grupo, daí para o Regimento, e finalmente, para o Oficial de guerra química da Divisão.

As informações químicas deverão ser também, simultaneamente, transmitidas pelos canais normais, à 2.<sup>a</sup> Secção do E. M. da Divisão. Temos assim, idéia de como se articula, na Divisão, o respectivo pessoal de guerra química, o qual deverá ser designado a critério do respectivo Comandante de Unidade e acumulará suas funções na guerra química, com aquelas que, normalmente, já vier exercendo.

#### IV

*Alguns agentes químicos: — propriedades, classificações, emprego tático, identificação, meios de defesa, descontaminação.*

O emprego oportuno e inteligente da Química na guerra, mostra as indiscutíveis vantagens advindas do "Princípio da economia de forças", do qual não se podem olvidar os grandes Chefes; assim é, desde que se consideram os esforços obtidos com a força expansiva dos gases (armas de arremesso, destruições com explosivos, etc.) até quando a surpresa tira partido também dos agentes químicos, desorganizando ofensivas, retardando-as e até anulando-as pelas desmoralização completa dos atacantes.

Obtem-se grandes efeitos quando se age com surpresa e para isto, devem-se abandonar complicados planos de guerra química, fazendo-se sobretudo, o que fôr simples e pratico; a Tática e a Técnica dirão onde, como e quando fazer uso dos agentes químicos.

Como tivemos ocasião de salientar, só como a instrução intensiva em tudo o que concerne à Guerra Química, visando-se a coordenação cuidadosa entre os que fazem uso dos meios químicos, serão controlados, disciplinados os animos, evitados efeitos contraproducentes não se causando males às próprias forças amigas, pois, como é sabido, certos projéteis e altos explosivos teem efeitos de pouca duração, quasi que instantâneos e numa área relativamente pequena, ao passo que os agentes químicos, além de fazerem sentir seus efeitos em areas consideráveis podem causar panico entre os não amadurecidamente prepa-

rados para enfrentá-los, e tem ação mortífera duradoura (horas, dias e até anos).

*Agentes incendiários:* — empregam-se substâncias de fácil combustão afim de destruir reabastecimentos inimigos, equipamentos e instalações, queimando-as; lançadas com projetores, por meio de granadas e ejtores de avião, podem provocar a queima de matas, edifícios, armazens de reabastecimentos, embarcações, depósitos de combustíveis, etc.

Esses verdadeiros projéteis incendiários podem ser constituídos de *Sódio* que se inflama ao contato da água e uma mistura de parafina e petróleo, que serve para propagar o incendio.

Empregam-se também: a termita, o magnésio, o fosforo branco e óleo incendiário.

A *termita* é mistura de óxido de ferro e alumínio pulverizado com uma escorva apropriada, produzindo-se assim, elevações de temperatura a mais de 2.000° C.

Há misturas especiais de termita e vários aglutinantes para evitar a separação de seus componentes, como por exemplo a *daisita* mistura de termita com aglutinante de enxofre; é preciso cuidado com os jatos d'água sobre esse fogo para não espalhá-lo generalizando-o.

O *magnésio*, produzindo intensa luminosidade, também produz elevada temperatura. Cuidado! devem-se evitar jatos d'água sobre o fogo de magnésio pois, poderá haver uma explosão.

O *fosforo branco*, é também, muito usado em bombas incendiárias que se fragmentando em numerosos estilhaços após a queda, multiplicam os focos incendiários.

*Óleos incendiários*, são muitas vezes misturados com pequenos fragmentos de sódio metálico para evitar que o fogo seja facilmente extinto pela água; os jatos d'água tendem a espalhar o óleo inflamado em vez de apagar o fogo.

*Substâncias fumígenas:* — muitas vantagens são conseguidas com o mascaramento, com os fogos de cegar, etc., obtidos com substâncias capazes de produzir fumaças cujas colorações previstas servem até para identificação de forças amigas ou inimigas. Deixando os processos primitivos para se produzirem nuvens muito semelhantes às cerrações naturais (queima de: — madeira umedecida, de cascas de árvores, de óleo cru, etc.), entraremos logo na apreciação de agentes elaborados com os conhecimentos químicos atuais assim, nos projéteis de artilharia e de aviação podem se usar certos líquidos que reagem com a umidade, tais como: o *tetracloreto de titânio*; uma *solução de trióxido de enxofre em ácido clorosulfônico*; o *fosforo branco*, o qual queima em combinação com o oxigênio do ar; um *metal e um óxido metálico com um hidrocarboneto clorado*, formando cloretos metálicos higroscópicos.

O valor das fumaças é aquilatado pela sua *força obscurecente total*; convencionou-se até que a "cortina padrão" fosse a que apresentasse densidade tal, que em 30 metros de profundidade, obscurecesse por completo uma lampada de 25 velas.

Conforme as indicações e necessidades táticas empregam-se fumaças de varias cores (negras, brancas, azues, etc.).

Experiencia tem mostrado que o êxito alcançado pelos tiros das forças amigas, é maior quando o inimigo se acha envolvido nas nuvens de fumo (12% de êxito), ao passo que si as forças amigas estiverem sob essas nuvens, o rendimento baixa (3% de êxito); além disso, envolto nas nuvens de fumo, o inimigo fica desorientado e cego por assim dizer, pois não poderá observar seus tiros, não poderá fazer pontaria, ficará impossibilitado de manobrar seus carros de combate e outros veículos.

### FINALIDADE DO EMPREGO DAS FUMAÇAS:

- 1) — impedir a observação inimiga;
- 2 — reduzir a eficácia dos tiros inimigos;
- 3) — dificultar e causar confusão nas manobras inimigas;

Ofensivamente, é vantajoso o emprego de fumigenos com as seguintes intenções:

- a) — cobrir o avanço duma tropa atacante;
- b) — proteger o flanco de forças atacantes;
- c) — cegar a observação inimiga e suas zonas de defesa;
- d) — iludir o inimigo quanto ao local e direção do ataque;
- e) — encobrir o movimento de tropas nas posições amigas;
- f) — mascarar a travessia dum curso d'agua ou um desembarque de forças.

Na defensiva, a ação química fumígena permite:

I — o êxito nas retiradas de tropas expostas ao fogo e observação do inimigo;

II — encobrir mudanças de dispositivos nas linhas amigas;

III — apoiar contra-ataques;

IV — cegar postos de observação inimigos;

V — encobrir aos ataques aereos, instalações em zonas de rearguarda.

Ha também que considerar-se condições metereologicas e topográficas para o emprego oportuno e satisfatório de fumigenos; assim, entre as condições favoraveis apontam-se:— céu, fortemente encoberto; horas matutinas e da noite; superficies pouco acidentadas e praticamente horizontais; direção favoravel dos ventos de volicidade constante

entre 3 a 12 milhas horarias; destruição dos agentes fumígenos pela absorção hidrolizante.

*Meios de lançamento de fumígenos:* —todas as armas podem ser dotadas de meios de lançamento; assim, ha os chamados meios de lançamento locais (aqueles que podem produzir o fumo nos proprios locais onde estão colocados), ha os projeteis de pequeno alcance (granadas de mão, granadas anti-carro produzindo fumo e incendios), ha os projeteis de medio e longo alcance (bombas-morteiro, artilharia), e finalmente o material de lançamento aereo.

## V

### GUERRA DE GÁSES

Tratemos finalmente, da chamada guerra de gases (já vimos que os agentes químicos usados tanto se apresentam em estado gasoso, líquido, como sólido, isto é, sob aspecto de pó extremamente fino). Diremos então, com Héderer e Istín: — “Chamaremos gás de combate toda substância química, utilizavel em combate, que possa ferir ou matar os seres vivos, misturada à atmosfera que os envolve e que eles respiram, ou que contaminem os objetos que lhes possa tocar o corpo”. Inumeras são as condições especiais, as consequencias e as dificuldades no emprego tático dessas substancias; urge, no entetanto, que se as conheçam, notadamente as de ação muito energica tais como as arsinas, a iperita, as lewisitas, etc.

Alem disso, podem-se efetuar destruições de depositos, de reabastecimentos, de agua, usinas eletricas, pontes, abrigos, interditar vias de comunicações, com a associação de bombas químicas, incendiárias e explosivas em series seguidas ou conjuntamente.

Entre as arsinas vesicantes, as lewisitas, cujos efeitos não chegaram a ser observados no homem, são tidas como de grande valor agressivo, são elas: a lewisita primaria, de todas a mais vesicante, a secundaria que é irritante e a terciaria, principalmente, esternutatoria; é possível o emprego da *lewisita técnica*, mescla das tres lewisitas e que aproveita as propriedades dos tres tipos. O General FRIES, referindo-se a lewisita, disse tratar-se de “um misterioso orvalho da noite perfumado de gerânio.”

A *iperita*, líquido oleoso, de viscosidade próxima a da glicerina, com cheiro de alho, líquido pouco volatil de modo que a contaminação por este meio é de grande duração, donde o perigo de usarem roupas e objetos que tenham sido atacados por ele. Tem-se a impressão de que os males causados são contagiosos, em virtude das fracas propriedades denunciadoras, o que exige a inutilização de tudo o que for suspeito de haver sido contaminado, às tropas ficam, por assim dizer sob

a ação de epidemias tóxicas retardadas. Pouco solúvel n'água, a ipérita é no entanto solúvel na maior parte dos dissolventes orgânicos e se decompõe por hidrólise muito lentamente a frio e mais rapidamente a quente, com a água em ebulição, formando ácido clorídrico (caustico) e tioglicol (pouco tóxico); daí se conclue que deve ser evitada a desinfecção de objetos e lugares, com água quente.

Para transformá-la em compostos fisiologicamente inativos podem empregar-se permanganato, cloreto de cal, etc.

**Classificações:** — a consideração de certas propriedades químicas, físicas, modo de ação no organismo, resistência aos agentes atmosféricos, grau de persistência após o emprego, tem levado os estudiosos do assunto a propor várias classificações; interessa-nos porém, o grau de capacidade militar do produto e sua eficiência como meio de combate. Somos assim, levados a repetir as seguintes classificações táticas: uma levando em conta os resultados obtidos em combate, compreendendo agentes:

a) — *causadores de baixas*, — capazes de concentrações mortíferas;

b) — *não letaes*, — capazes de ações irritantes;

c) — *inquietantes*, — os que obrigam a certas precauções, diminuindo o poder combativo da tropa; outra classificação também tática, separando dois tipos:

1.º — agentes persistentes;

2.º — agentes não persistentes.

*Os persistentes*, agentes sólidos ou líquidos, dispersam-se caindo sob forma de nuvem pesada e se evaporam muito lentamente, o que, taticamente, faz com que apresentem melhor atuação; entre estes há os agentes de agressividade imediata (brometo de benzila, cloropicrina, bromacetona, etc), e os de agressividade retardada (ipérita, lewisita, etc), estes manifestam suas propriedades agressivas após certo espaço de tempo, não paralizzando logo a ação do adversário, mas também não lhe fornecendo informes imediatos para a proteção.

*Os não persistentes*, agentes gasosos, formando nuvens e agentes sólidos que se dispersam em partículas finíssimas, ultramicroscópicas, formando fumaças. Militarmente, são de ação rápida, misturadas com o ar em movimento, suas ondas causam pânico e até pavor as tropas não instruídas suficientemente quando colhidas de surpresa. O quadro a seguir condensa alguns gases de combate, informando sobre o modo de utilização e propriedades físicas e fisiológicas:

## GASES DE COMBATE

Nome	Identificação física.	Grau de persistência.	Males causados ao corpo humano. tóxico.	Modo de emprego
CLORO	Gás, amarelo esverdeado, odor especial.	Desaparece rapidamente.	Sufocante	Ondas
FORMO	Líquido vermelho escuro.	Idem	Idem	Projéteis
PROPIL- RINA	Líquido incolor.	Peristência 2 a 4 horas.	Sufocante, lacrimogeneo, tóxico.	Idem
OSGENIO	Gás incolor odor desagradavel.	Dilue-se rapidamente, sensível a humid.	Sufocante, muito atoxico	Ondas e Projéteis
ALITA	Líquido incolor.	Idem	Sufocante, tóxico e lacrimogeneo.	Projéteis
PERITA	Líquido incolor, cheiro de alho.	Grau de persistência.	Vesicante, sufocante e lacrimogeneo.	Idem
ROMACE- ONA	Líquido	Muito persistente	Lacrimogeneo e sufocante.	Idem
ORACE- OFEMONA	Sólido (poeiras)	Idem	Lacrimogeneo	Idem
OMETO E BEMZI-	Líquido aromático de agradável odor incolor.	Idem	Idem	Idem
FENIL- ORASINA	Sólido cristalino	Pouco persistente	Vesicante e esternutatório.	Idem
FENICI- RSINA	Sólido, odor de ácido cianidrico.	Idem	Idem	Idem
WISITA IMARIA	Líquido, odor de gerânio.	Fracamente volatil	Esternutatório, irritante, lacrimogeneo e vesicante	Idem
WISITA CUNDA- A	Idem	Idem	Irritante e vesicante.	Idem
WISITA RCIARIA	Idem	Idem	Esternutatório, pouco vesicante.	Idem
IDO CIA- DRICO	Líquido incolor, odor de amendoas amargas.	Fraca persistência	Muito tóxico	Idem

*Observações a considerar no emprego de agentes químicos:* — Tendo em vista as ações devastadoras cobridoras e incendiárias dos agentes químicos é preciso cuidado no modo de emprego, muita atenção quanto às finalidades a atingir, etc.; quando o objetivo deve ser ocupado por tropas amigas, não se devem empregar agentes de grande persistência. As condições meteorológicas devem ser levadas muito em conta, do contrário o emprego de agentes químicos pode transformar-se em “arma de dois gumes”. Tanto nas ações ofensivas como nas defensivas nunca serão desprezíveis as particularidades apresentadas pelo terreno.

A velocidade e direção dos ventos só não será levada muito em conta quando os agentes são lançados pela artilharia, morteiros ou aviação. A temperatura pode criar correntes ascendentes de ar e diluir ou desvia os agentes químicos de suas finalidades, assim as altas temperaturas no verão devem contraindicar o emprego de gases; por causa da tendência do ar refrescar durante a noite e soprar nos vales e depressões, estes lugares devem ser evitados quanto à permanência de tropas aí, pois, poderão conter perigosas concentrações de agentes tóxicos.

*Um dia nublado*, é favorável ao lançamento de gases, visto que a pouca mobilidade do ar deixa as camadas de gases rastejarem a pouca altura do solo. Finalmente a observação da pressão atmosférica, deve ser levada em conta, uma vez que o local de emprego pode transformar-se num centro de baixa pressão e haverá movimentos turbilhonares no ar, causando-se, assim, males aos amigos e aos inimigos.

*Influência Topográfica:* — a observação tem mostrado que os bosques, mato alto, edifícios, retardam o movimento das ondas de gases, tornando-as assim, mais persistentes; nas câvas, valas profundas, nas concavidades os gases permanecem muito mais tempo. Alguns gases de combate sendo mais pesados que o ar, tendem a fluir pelas reentrâncias, dobras dos terrenos, vales, deixando as elevações livres, daí o ensinamento: — Sempre que possível, evitar estacionamentos nesses lugares. Por tudo que acabamos de ver, aqui também, a surpresa é fator essencial para a consecussão de objetivos visados.

*Meios de lançamentos:* — Ocasões há em que se torna necessário forçar evacuações de certos setores usando-se para isso, grandes concentrações de vesicantes, fazem-se tiros de contra-bateria, enjaulamento, interdição de caminhos, desfiladeiros, etc.; há pois, necessidade do emprego de material diverso para as várias modalidades de lançamento e usam-se: granadas, tubos, minas, cilindros, projetores, morteiros, projeteis de artilharia, bombas de avião, tanques químicos para aviões, foguetes químicos, lança chamas.

*Proteção:* — como sóe acontecer, para cada modalidade de agressivo apresentado, a vontade de subsistir e o instinto de conservação,

avivam a perspicácia e inteligência do homem, de modo que sempre aparecem agentes capazes de neutralizar os efeitos das celebres armas secretas, desde que estas deixam de sê-lo. Surgiram pois, inúmeros meios de proteção individuais e coletivos.

Na proteção individual, há os aparelhos isolantes autoprotetores, tendas, valises, sacos, vesturais e as máscaras; para os combatentes, estas últimas constituem verdadeiros salva-vidas para as ondas gasosas e por isso, devem cuidar de suas máscaras, do mesmo modo que os navegantes vêem os salva-vidas nas travessias marítimas e nas viagens aéreas, olham seus paraquedas.

As Nações criaram seus tipos de máscaras e entre nós também é conhecido o tipo de máscara brasileira, já bem evoluído e capaz de proporcionar segura proteção aos que dele tiverem que lançar mão. A proteção coletiva, consiste primordialmente: nos abrigos de campanha cuja construção pertence à tropa de engenharia (abrigos ventilados e não ventilados), só levaremos em conta, os abrigos ventilados por oferecerem a possibilidade de permanência dos homens em número proporcional ao cubo de ar e permitirem fácil circulação do pessoal; na construção de abrigos particulares ou públicos, e no conjunto de ações para a defesa passiva bem organizada e disciplinada (alarme, dispersão de populações, distribuição de máscaras, neutralização de tóxicos, socorros aos atingidos). Não se podendo chegar a um tipo ideal de máscara, para conciliar questões de financiamentos e rendimento máximo neutralizante, tem-se usado o tipo capaz de nas condições regulares de conforto, agir como neutralizante polivalente. A eficiência da máscara é função: — 1) da proteção contra todos os agentes químicos usados nas operações de guerra; 2) da confecção, reparação e manejo faceis; 3) do conforto; 4) da leveza; 5) do não prejuízo à visibilidade; 6) de não afetar muito a respiração; do preço e da duração. Na simplicidade de suas cinco partes (máscara propriamente, tambor filtrante, traquéia, bolsa e acessórios) a máscara nacional atende bem às condições acima.

*Descontaminações* — muitas vezes o homem acha-se atingido pelos agressivos químicos, sem no entanto ter percebido e o processo de intoxicação vai se agravando, de modo que é necessário que todos tenham bem presentes os meios de identificação, os meios de neutralização e desinfecção; daí as vantagens da indicação de elementos que, no combate, sejam capazes de tomar iniciativas (pessoal de guerra química), e: — indicar em que momentos se devem praticar as medidas de proteção (uso da máscara, desinfecção, ventilação) capazes de verificar o estado dos aprovisionamentos, dos materiais suspeitos de contaminação; — de orientar tanto quanto possível os Comandos sobre o produto agressivo empregado pelo inimigo. Há como auxiliares para

constatação da presença de agressivos, aparelhos detetores, processos físico-químicos, reativos e reação químicas. Meios práticos de detecção foram usados utilizando animais (detecção fisiológica), tais como; pássaros, cães, ratos brancos, pombos, etc.

As regiões que sofreram bombardeios com agressivos químicos persistentes (ipérita, lewisita, etc.) devem ser descontaminadas para tornar possível a vida nesses locais.

O primeiro cuidado consiste na demarcação das áreas contaminadas e depois usam-se, conforme o caso, as substâncias: — terra, areia, cinzas, água, fogo, cloreto de cal, sulfato de sódio, certos dissolventes (gasolina, benzina), solução de carbonato de sódio.

As peças de vestuário, o material de equipamento e armamento que não poder ser descontaminado por meios seguros, deve ser substituído.

Há aparelhos empregados para a desinfecção e descontaminação (pulverizadores, foles, ventiladores, carros empregado na descontaminação, deve usar máscaras, vestimentas especiais, luvas, calçado, aparelhos isolantes, etc.

*Trincheiras e abrigos de campanha*, que não puderem ser abandonados devem sofrer a pulverização de solução de cal e aeração abundante quando possível.

Roupas suspeitas de contaminação devem ser trocadas, pois a sua conservação é contraindicada sob todos os aspectos.

Ao terminar estes estudos e informações, devemos lembrar que, a displicência, a falta de instrução especializada e mesmo, o desprezo dos preparativos contra esses meios de guerra química, poderão trazer consequências danosas, uma vez que nosso inimigo atual é extremamente ardiloso e, quem sabe, no desespero de causa poderá dizer: "Una salus victis, nula sperare salutem", isto é, a única salvação para os vencidos é, salvação nenhuma esperar; e assim, usará de toda a sua perversidade e atingirá o apice da devastação da Humanidade.

## EMPRESTIMOS

Para liberação de hipotecas onerosas ou aquisição da casa própria. Pagamentos a longo prazo, pela Tabela Price, com juros módicos, sem comissões de qualquer natureza

Informações sem compromisso

**BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO**

S. A. de Crédito Real

**Rua do Ouvidor n. 90 - 1º andar — Rio de Janeiro**

# A doutrina de Guerra Francesa e a campanha de 1940

*Heitor A. Herrera, Capitão.*

Em sua obra clássica — “Les transformations de la guerre” — COLIN documenta fartamente as suas conclusões a respeito da causa fundamental das transformações da fisionomia dos combates, das batalhas e do próprio conjunto das operações: o aperfeiçoamento das armas, a evolução dos meios materiais postos em jogo no combate — sempre decidiram, através dos séculos, a sorte dos partidos em luta. E se outras causas concorreram para o maior ou menor sucesso dos cabos de guerra — aquelas sempre dominaram.

Vale a pena registrar, a propósito, a tese defendida pelo Cel. L. ROUSSUET (“Os mestres da guerra”), segundo a qual a constituição política e social das nações deva ser a causa principal de sua superioridade militar. Se na época em que foi escrita a obra de COLIN — 1911 — já seu ponto de vista encontrava forte apóio nos fatos, cremos que a atual campanha mundial veio dar-lhe foros de axioma ou, pelo menos, reduzir a de seu opositor às proporções de um erro de apreciação. Os sucessos iniciais da Alemanha nazista, a vigorosa reação das Repúblicas Soviéticas, a capacidade de resistência da democracia inglesa, a extraordinária mobilização bélica da democracia norte-americana — todo êsse panorama confuso do atual conflito permite concluir que, em que pese à superioridade de uma forma de govêrno sôbre outra, tem sido a preponderância industrial, gerando a preponderância do armamento, a responsável comum pelos sucessos dêste ou daquele partido.

Entretanto, se tal superioridade sempre desempenhou papel tão decisivo — como explicar que uma nação como a francesa, espicada pela vizinhança incômoda da rival sedenta de desforra, levasse sua imperdoável cegueira ao ponto de permitir que a superioridade material inimiga pudesse culminar nas vitórias espetaculares da “blitzkrieg”? Como compreender que os sucessores de NAPOLEÃO adormecessem à sombra da Maginot, numa concepção de guerra que deveria levar, fatalmente, à hecatombe que nos estarreceu a todos?

A resposta é ainda COLIN quem a dá: “E’ o patriotismo — à primeira vista parecendo exercer uma influência insignificante sobre o sucesso — que, em última análise, domina tudo. E’ ele que constitui e anima os exércitos, instrui os quadros, faz surgir os chefes. Quando ele começa a extinguir-se em uma Nação, esta não tem mais do que a aparência da força militar, mantendo, apenas, uma fachada mais ou menos brilhante, que ruirá ao primeiro choque”. Palavras proféticas que — teria COLIN sentido os sintomas da desagregação? — trinta anos mais tarde iriam explicar a fraqueza da produção, as semanas de 40 horas, o armamento antiquado e reduzido, o apêgo a processos obsoletos — numa palavra, a dolorosa hecatombe da França.

## O ASPECTO INTELECTUAL

Deixando de lado o papel decisivo que a superioridade material exerceu nos sucessos iniciais dos alemães — analisemos, mais de perto, o aspecto intelectual do problema. Em outros termos, procuremos as causas desta afirmativa do Cmt. F. O. MIKSCHÉ em seu discutido livro “A Guerra Relâmpago”:

“Por outro lado, se os franceses possuissem a superioridade material, as suas ideias antiquadas impedi-los-iam de alcançar qualquer êxito. Tôda a gente pode ver que eles não alcançariam Berlim tão depressa como os alemães alcançaram Paris”.

Se examinarmos, mesmo com os dados insuficientes que possuímos, as principais campanhas da presente guerra, verificamos, de pronto, a aplicação integral dos princípios que, desde NAPOLEÃO, constituíram o arcabouço da doutrina francesa. Apenas, como a guerra é “a barbárie multiplicada pela ciência”, novos meios e novos processos surgiram, desde a colaboração inestimável da propaganda, solapando o moral adversário — até o brusco progresso que os paraquedistas, os blindados e o avião introduziram nos princípios da surpresa e da oportunidade da ação.

Tal raciocínio permite concluir que a doutrina de guerra francesa, calcada em verdades tão verificadas, deveria orientar seus processos de ação segundo o ritmo acelerado que os novos meios impõem à conduta das operações.

Entretanto, a leitura atenta dos regulamentos e tratadistas franceses deixa perceber uma certa tibieza na aplicação dos princípios, uma prudência não raro exagerada nas prescrições regulamentares e até mesmo um certo conformismo ante a confessada inferioridade material, que transparece a cada passo, mesmo entre os mestres mais acatados.

A razão desta espécie de complexo de inferioridade talvez se encontre na própria objetividade que lhes orientava os estudos militares: “Nous ne préparons pas la guerre d’une façon abstraite; nous préparons spécialement une guerre, la guerre sur le théâtre du nord-est avec l’armée française contre le plus probable de nos adversaires éventuels: l’armée allemande.” (Général ALTMAYER — “Études de Tactique Générale”, pág. 32).

A rivalidade secular, a ameaça constante sobre a fronteira oriental, o perigo de toda hora, embuçado na outra margem do Reno — tudo isso, ao mesmo passo em que erigiu, penosamente, a linha Maginot, transmitiu aos textos dos regulamentos o reflexo do poderio latente do inimigo certo: “Par suite, il est probable que nos adversaires au début d’une campagne auraient sur notre armée la priorité des opérations” (Gen.

ALTMAYER, op. cit., pag. 33). Daí, aquela dose de prudência, aquela preocupação de segurança, da corrida para o obstáculo, que extravasam nos capítulos referentes à ofensiva.

Examinando, por exemplo, as missões de uma vanguarda, previstas no último regulamento francês para a infantaria, lá encontramos:

- reconhecer detalhadamente o terreno;
- interceptar qualquer comunicação entre a zona de progressão e o inimigo;
- constituir, no momento asado, uma frente defensiva, ao abrigo da qual o chefe disporá livremente do grosso de suas forças;
- identificar as zonas gaseadas ou infectadas;
- desembaraçar e reparar sumariamente as estradas.

Falta aí — a observação ouvimo-la do então Maj. TAMOIO — a missão precípua de uma vanguarda animada de intenção verdadeiramente ofensiva: repelir o inimigo.

O mesmo espírito se encontra no “Curso de Tática Geral”, professado na “École Supérieure de Guerre” pelo Cmt. CUKNIER; na análise do fator *terreno*, da decisão de um Cmt. de D. I. em marcha de aproximação, recomenda o autor que, logo após o estudo das facilidades de circulação, se devem verificar as possibilidades de proteção contra engenhos blindados, concluindo pela “*recherche systématique des coupures...*”; são após, é recomendado o estudo das possibilidades eventuais (sic) do combate.

Em uma conferência do Gen. NOEL, dissertando sobre a “tomada de contacto”, assim se expressa o ilustre chefe: — “Contra adversário em posição, a cavalaria e as vanguardas vêm tomar contacto sucessivamente no mesmo ponto. Contra adversário em movimento, ao contrário, a cavalaria é recalçada e reflui sobre as vanguardas”. Transparece, nítida, na afirmativa, a premissa de ser a segurança afastada do inimigo *necessariamente* mais forte.

Ainda na obra já citada do Gen. ALTMAYER, encontramos, explicitamente, esta conclusão: "Plus que jamais", (a frase foi escrita em 1937) "la mission des échelons de combat, pour les détachements de sûreté et notamment pour les avant-gardes, comporte la couverture, souvent de préférence à l'attaque..." (pag. 406).

As citações poderiam alongar-se, mas cremos que é lícito concluir, ante textos tão claros, de autoridades tão reconhecidas, que as ideias dominantes encerram um fundo nitidamente defensivo. Em outras palavras: que a superioridade material do inimigo provável gerou a preocupação de aparar os golpes, ao invés de desferí-los; criou a mentalidade da prostra sistemática dos obstáculos, para manter-lhes a posse, tirar partido deles, como tentou, inútil e desesperadamente, aquêlê infeliz IX Exército do Gen. CORAP, em maio de 1940, na linha do Mosa, enquanto as "panzer" rolavam através das Ardenas, num fragor de avalanches. *Os reflexos da guerra de 14-18.*

Independente da influência que a reconhecida superioridade material do inimigo deve ter exercido sobre a mentalidade dos chefes, é muito provável que, como querem alguns, a forma geral da guerra de 14-18 tenha deixado, no espírito dos combatentes, reflexos falsos.

Em verdade, salvo movimentos de acanhada envergadura, a guerra se resumiu, para os franceses, em 4 anos de estabilização.

Além de ter sido apanhado de surpresa, como em 1940, pela manobra envolvente do adversário, estava o exército francês em uma fase aguda de evolução.

Na 3.<sup>a</sup> Sec. do Estado Maior do Exército, o Cel. GRAND-MAISON abriu luta contra o que prescrevia o regulamento de 1895, sobre a conduta do combate; uma febre de ofensiva "à outrance" agitava os quadros superiores. Nesta altura, a guerra estalara e o espírito do novo regulamento — ainda pouco difundido — apenas pôde esboçar-se na malograda ofensiva de leste. Vieram, então, as penosas manobras em retirada, até o

“on ne passe pas”; depois, a simultânea corrida para o mar, na tentativa inútil do desbordamento; finalmente, o retorno ofensivo, mas já então dentro de um ambiente acanhado, conseqüente da longa fase de estabilização. A manobra apenas era possível no domínio da estratégia; taticamente, o problema se resumia em duros ataques frontais, partindo de posições que, havia quase 4 anos, se defrontavam.

Tôda aquela engrenagem complicada — aproximação, tomada de contacto, engajamento e ataque — que faz do combate ofensivo a forma mais difícil das operações táticas, ficou resumida na custosa reunião de meios, atrás da frente constituída, e no ataque de ruptura frontal. O trabalho inicial da cavalaria, ousadamente lançada em exploração; o papel das vanguardas, na penosa marcha contra um inimigo que mal se sabe quem é e onde está; a ação do Chefe, desdobrando seus meios para ser o mais rápido e o mais forte; tôda essa movimentada série de operações, onde a superioridade intelectual se afirma e as virtudes guerreiras mais duramente se aprimoram — mal teve oportunidade de esboçar-se, no cenário monótono da luta parada; subindo mais de escalão, o aspecto dinâmico é igualmente sem expressão, pois que as manobras de ala estavam irremediavelmente condenadas a priori, pela ausência de flancos.

A sistemática repetição das ações de ataque, partindo de uma linha estabilizada, deveria fatalmente crear reflexos que não se podem ajustar às outras formas de combate ofensivo. E' como se — ressalvada a vulgaridade da comparação — um saltador se exercitasse, exclusivamente, no salto sem impulsão. Faltará ao atleta, como faltou às ações, o elemento *velocidade* que, aliado à *massa*, daria origem à *quantidade de movimento*. Daí, o perigo em generalizar conclusões que, verdadeiras para um determinado caso, podem conduzir a resultados funestos, desde que applicadas fora do ambiente particular que as propiciou.

Um exemplo que nos parece frisante, a respeito, está numa relação que a experiência da guerra de trincheiras sobejamen-

te ratificou: “um ataque tem sua profundidade limitada a uma distância praticamente igual à metade da frente atacada”; surgiram, daí, as célebres bôlsas em semi-círculo, tão comuns na guerra passada.

Que esta relação fosse verdadeira para os meios da época — é fora de dúvida. Também tempo houve em que a *aproximação* começava à vista do inimigo, dada a falta de meios com que hostilizá-lo de mais longe; posteriormente, a artilharia afastou o limite inicial da fase para 5 Km., logo aumentado, numa progressão ininterrupta, até que a aviação, destruindo violentamente a noção clássica da *segurança*, encurralasse as marchas de etapa dentro dos períodos de tensão política.

Com a célebre relação entre a largura da frente e a profundidade do ataque, parece que a evolução foi semelhante — o que viria, ainda uma vez, confirmar a inanidade das fórmulas em ciência tão complexa. A realidade é que, antes do advento da moto-mecanização, o apôio aos ataques era feito, exclusivamente, de uma base fixa, onde os órgãos de fogo se desdobravam; mas a progressão do escalão atacante conduzia, fatalmente, a uma fase crítica, quando as alças da artilharia atingiam seus limites e a mudança de posição se impunha, com o consequente hiato na proteção; novo sistema era necessário então montar, para que o ataque fosse retomado.

Amarrado, assim, a uma base parada, expondo flancos que se tornavam, com a progressão, cada vez mais extensos — o ataque partia com um limite fixado a priori. Mas os tempos mudaram e a velocidade voltou a imperar, como na época da epopéia napoleônica. Era necessário, pois que o fogo continuasse, com a mesma intensidade, a apoiar e proteger o escalão de ataque. E o canhão e a metralhadora passaram a rolar, então, dentro dos próprios engenhos blindados, confirmando, agora integralmente, o velho aforismo: “o ataque é o fogo que avança.”

Entretanto, os reflexos ainda reagiam. Ao anoitecer de 13 de maio de 1940, a cabeça de ponte dos nazistas, no Mosa,

tem 10 Km. de profundidade e alcança Mézières. Adivinha-se a derrocada, iminente, irremediável. Mas na tarde de 14, o Conselho Supremo de Guerra Aliado, reunido em Paris ouviu, de seus peritos, a informação tranquilizadora: a bolsa alemã não poderia aprofundar-se muito, pois que, com a linha Maginot de um lado e, de outro, a praça de Namur, mantida firmemente, estava o ataque estrangulado em largura, reduzido a uma frente de 50 milhas...

O resultado passou à história com o nome de Dunkerke — tranquilo pôrto a 300 quilômetros da linha Maginot — antes que o mês de maio findasse.

#### CONCLUSÃO

Antigos e constantes admiradores da França eterna, do fulgor de seus genios e do clarão de epopéia de seu passado; familiarizados com a elegância e clareza de seu espírito, que iluminou o mundo durante séculos; estudiosos de suas obras, que nos orientaram e esclareceram; discípulos de sua doutrina de guerra, que nos veio através da palavra de seus militares mais ilustres — todos nós assistimos, estarecidos, à queda do ídolo. Na confusão da hecatombe, ofuscados pelo esplendor, pela potência, pelo "savoir faire" do adversário, uma onda de descrença nos invadiu: todo um sistema laboriosamente arquitetado ruia num fragor de arcabouço solapado.

Passada, porém, a estupefação das primeiras notícias e estudados, com vagar, os elementos que nortearam o emprêgo da formidável máquina nazista — foi-se acentuando a convicção de que tudo se resumiria na aplicação metódica, com meios poderosos, dos velhos princípios que o genio napoleônico codificara, há mais de um século, nos campos de batalha de toda a Europa.

Hoje, como outrora, quando os veteranos do Exército da Itália ganhavam batalhas com as pernas — a velocidade permanece soberana, mantendo-se inalterável o princípio da sur-

presa. "Il faut préférer la foudre au canon toutes les fois qu'on le peut", aconselhava o Mestre.

Igualmente imutável, o princípio da concentração dos meios e dos esforços reafirmava-se em todos os pontos: "La première de toutes les règles est d'être le plus fort", pois que "la victoire est surtout une affaire de force".

E através de todos os outros, do princípio da segurança ao da economia de forças, chegamos à constatação do mais flagrante de todos: "Só a ofensiva conduz à vitória".

Infelizmente, da teoria à prática há mais de um passo. E a arte e a ciência da guerra são instrumentos da política, sua própria continuação por outros meios, como afirmava CLAUSEWITZ. Dêste modo, as origens da preparação bélica de um povo são, em última análise, consequência do espírito que o anima, em que pese à sabedoria de sua doutrina militar.

"Há causas gerais — escrevia MONTESQUIEU no século XVIII — que agem sobre cada monarquia, a elevam, mantêm ou precipitam. Todos os acidentes são submetidos a causas, e se a eventualidade de uma batalha, isto é, uma causa particular, arruina um Estado — é que havia uma causa geral que fez com que este Estado devêsse perecer em uma única batalha".

E é depois de citá-lo, que COLIN conclui, melancolicamente: "MONTESQUIEU não revela o nome desta causa geral, mas nós a conhecemos: é o declínio do sentimento nacional."

# REPRESENTAÇÃO DE A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rede de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

## BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

**São Paulo** — Mario Herédia, Rua Barão de Parana-  
piacaba, 61 — 4.º andar.

**Curitiba** — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro,  
573.

**Porto Alegre** — Arthur Batista Gonçalves, Rua  
Shuller, 44.

**Recife** — Aristofanes da Trindade, Travessa Ma-  
dre de Deus, 113.

**Pará** — Edgard Proença, Edifício Bern (1.º andar),  
Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

**A DEFESA NACIONAL**  
que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

# Soldados Brasileiros na Europa

*O Tenente-Coronel LIMA FIGUEIREDO, antigo colaborador de "O Estado de S. Paulo", publicou naquêle grande órgão da imprensa bandeirante o seguinte artigo :*

A paz esplendida que ha de surgir após essa guerra nefanda e selvagem, como um arrebol rutilante, depois de periodo longo de trevas, será a aleluia dos povos oprimidos, das nações pisoteadas pela bota do invasor que só utilizou as belezas da civilização do século para fazer sofrer a humanidade.

O Brasil que já vinha contribuindo de mil fórmãs, ora fornecendo matérias primas indispensáveis à industria bélica, ora permitindo que no seu território os aliados encontrassem bases seguras para bem desenvolverem seus planos estrategicos, resolveu enviar a fina flor do seu exército, a nossa mocidade, para lutar com desassombro e denodo contra o inimigo comum, provando que seu ideal humano não fica conscripto às nossas lindes fronteiriças.

Os soldados que enviamos para a Italia honrarão, certamente, as tradições da nossa Pátria. Têm como comandante o General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, homem concentrado, pouco comunicativo, inteligente, de vontade firme e devotado, exclusivamente, às lides da caserna, aos problemas da profissão, desde os postos mais baixos. Foi excelente tenente, magnífico capitão, seguro comandante, e tudo indica, pelo seu passado, que será um chefe, um condutor de homens, à altura da elevada e espinhosa missão que lhe foi confiada.

Seus officiais, instruidos à luz da doutrina que herdamos da Missão Militar Francesa, foram, quase todos, aperfeiçoados

no proveitoso estágio que realizaram nos Estados Unidos da América.

As praças, representando uma parcela do povo brasileiro, têm todos os característicos desse mesmo povo: alegre e folgazão fora do perigo, mas bravo, enérgico e impetuoso, quando sente a honra da pátria ofendida. Serão capazes de pelejar por longo tempo, desprezando qualquer conforto e desafiando mesmo a própria fome, se as circunstâncias da luta assim o exigirem. As páginas já escritas da nossa história são a prova de que o nosso soldado jamais faltou ao Brasil, fossem quais fossem as vicissitudes por que tivessem de passar, nos momentos históricos de provação da nossa nacionalidade.

Os dotes morais do nosso povo foram, através de sólida instrução cívica, impregnados na nossa tropa que sabe, perfeitamente, a sua incumbência de vingar os nossos patrícios miseravelmente naufragados em águas brasileiras e de contribuir, com galhardia e valor, para a mais rápida vitória dos que se batem pela causa da liberdade. É dupla a missão, uma é exclusivamente nossa, mas se acha contida na outra mais grandiosa que diz respeito à felicidade geral dos habitantes do planeta. Obtida a vitória, a preço do nosso sangue, teremos cumprido o nosso dever para com as vítimas dos submarinos nazi-fascistas.

O preparo físico e profissional da soldadesca foi apuradíssimo. Fisicamente foi preparada segundo os novos métodos americanos, nos quais o combatente moderno aprende a marchar, saltar, transpor aramados, nuvens de fumaça, campos minados etc., acostumando-se aos ruídos e estampidos dos campos de batalha. Quanto à parte do emprêgo do armamento, foi adestrada, cuidadosamente, com material moderníssimo. Assim sendo, a nossa tropa está preparada moral, física e profissionalmente, como qualquer outra dos exércitos das grandes potências aliadas.

Podemos confiar nos nossos soldados, eles estão em condições de honrar o Brasil, fazendo os nossos inimigos pagar

caro a humilhação a que submeteram a nossa Bandeira. Tudo nos diz que farta será a obtenção de louros, porquanto os chefes são hábeis, a oficialidade culta, as praças fortes e ousadas e o material de primeiríssima ordem.

Em breve teremos a confirmação de tudo que foi dito, com a entrada dos brasileiros no "front" italiano.

E' esta a segunda vez que saem tropas regulares do Brasil para combaterem fora do continente. A primeira foi levada a efeito a 12 de maio de 1648. Os holandeses, como haviam feito no Brasil, estabeleceram-se em Angola e de lá não queriam sair. D. João VI ordena uma expedição contra os bátavos, a ser organizada no Rio de Janeiro, sob o comando do impávido Salvador Correia de Sá que, com onze naus, navega para a Africa e a 12 de agosto põe o invasor em cheque. Loanda é ocupada e toda a colônia fica livre dos invasores.

Já naquele tempo foi sentida a necessidade de lançar-se mão de tropas da beira ocidental do Atlantico para ir em socorro do seu litoral oriental, se bem que a viagem de transposição do Atlantico durasse três meses. Agora, que o espaço marítimo entre Natal e Dacar, com mil e seiscentas milhas nauticas, fez o oceano metamorfosear-se em estreito, mercê da velocidade das possantes aeronaves que o cruzam em sete horas, mais do que nunca houve a premência de garantir-se as duas costas do Atlantico Sul e, enquanto Dacar não se tornou aliada, grandes foram as apreensões do povo do continente de Colombo.

Os soldados do Brasil agora, como os de outróra, cruzaram o mar imenso, guiados por Deus e, como venceram no século XVII, rapidamente, saberão, ombro a ombro, com seus irmãos na causa santa, derrotar os novos hunos que fizeram parar o progresso da civilização, tisonando a face do homem dêste século.

# ***Comece***

a sua noite  
à meia noite, no

***“MEIA NOITE”***

o  
sensacional  
“night-club”  
do

Cassino

Copacabana

# S. Francisco - Arauto do Grande Rei

(4 de Out.)



PATRONO DA ENGENHARIA

Gen. Silveira de Melo

*Situação da Itália e da cristandade.* — S. Francisco veio ao mundo, em Assis, quando descambava o século XII. A Itália desses tempos vivia dilacerada pelos dinastas alemães, de sangue bárbaro, os quais, sem ter conta da cultura que hauriam nas suas universidades, depredavam e saqueavam por vezes as suas cidades, ciosas da própria autonomia e dos brios de seus maiores. Levas de estudantes livres e de clérigos transalpinos, andejos e desenfreados, a pretexto de estudarem a arte e a ciência, traziam consigo para a Itália a boemia e o ridículo. Era o alienígena que transpunha os Alpes e se mesclava à escória de jograis e de religiosos, desregrados, que faziam o descrédito da fé na própria terra credenciada pelo sangue de Pedro como séde da cristandade. O partidarismo girava menos em torno de idéias que de magnatas ou facções, e atingia este contrassenso: os próprios católicos, submissos quanto à fé, dissentiam politicamente do Papa. Dava testemunho disso à intransigência em que se degladiavam os “guelfos” e “gibelinos”, não sendo de estranhar que, em seu tempo, o próprio Dante — homem de fé — se houvesse alistado entre os segundos, adversários políticos da Santa Sé. Essa agitação nos espíritos e essa desordem nas idéias abriam campo ao desenfreio das paixões, e traziam no bojo a prepotência de reis como Felipe Augusto e João Sem Terra, a incontida beligerância entre senhores feudais e as comunas, mesmo das províncias do Papa, a heresia albigense ao sul da França primogênita da Igreja, o domínio e opressão de príncipes alemães em muitas regiões da Itália, e, em toda parte, estragos gerados pela miséria e pela guerra. “A ferocidade e a depravação, a anarquia e a pobreza encontravam-se com todas as classes” (De Maistre). Ademais, as armas maometanas haviam dominado a Terra Santa, fechavam à Europa o intercâmbio do Oriente e da África e o alfanje vitorioso, que já se insinuara na Ibéria e na Sicília, pendia ameaçadoramente sobre a

Europa Cristã. Esse cortejo de males pairava nos espíritos, pressagiando o advento do anticristo.

O alvorecer do século XIII encontrou no sólio pontifício um grande Papa — Inocêncio III. Conturbado pelo descalabro social e político dessa idade turbulenta e pela desordem subjacente que lavrava mesmo em terras da Sé Apostólica, esse esclarecido Pontífice, fazendo apêlo a uma nova descida do Espírito Santo em favor da cristandade, compôs o hino fulgurante que a Igreja entôa na festa e no oitavário de Pentecostes:

Veni, Sancte Spiritus — vem, ó Santo Espírito.

Veni, lumen córdium — vem, luz dos corações.

Sana quod est sancium — cura o que está ferido.

Rege quod est devium — regula o que está desviado.

E sua prece foi ouvida. Sentiu-se renovar a face da terra. Os sinais maravilhosos do século XIII começaram a luzir. Celebrava-se por esse tempo o IV concílio lateranense. Durante a realização do notavel certame, o grande Papa viu em sonho este quadro paradoxal: a gigantesca Basilica do Latrão parecia desmoronar e um pobre religioso, esquelético, a soerguia com os braços. Esse homenzinho era o Irmão Francisco, que se tornaria o patriarca da recristinização do mundo. A seguir, viriam santos e reis, poetas, guerreiros, políticos, para engrossar a série de acontecimentos que tanto lustro deram a esse século de ouro.

*Nascimento do Santo.* — Nasceu Francisco em 1182 em Assis, filho de um rico mercador italiano, arguto e ambicioso, e de uma nobre francesa amavel e piedosa. O jovem conservou os traços daquele, para guindar o espirito às coisas elevadas, e os desta, para os requintes da delicadeza e da generosidade. Como Deus o destinava para viva imagem de seu Filho, fê-lo representar ao nascer a cena do presépio. Sua mãe, acossada pelas dores do parto, não conseguindo dar-lhe à luz entre as comodidades da casa, transferiu-se, a conselho de um forasteiro, para a estrebaria do solar, e, em ali chegando, nasceu-lhe facilmente o ditoso filho, à semelhança do natal de Jesus.

*Educação e mocidade.* — Francisco era de índole cavaleiresca, enamorado da natureza e do belo, elegante e gentil, generoso até ao sacrifício, voluntarioso e jovial, dado aos divertimentos, porém jamais inconveniente e grotesco.

A idade-média foi o clima das ordens militares, da nobre cavalaria, dos incentivos à glória, do pendor pela carreira das armas. Até os mercadores se faziam aventureiros, porque haviam de arrostar mares e terras de sarracenos, para arrancar ao Oriente as pérolas e especiarias que constituíam o regalo dos europeus. Francisco cresceu num ambiente de idealismo e de fé, de desordens e de lutas, de exaltação

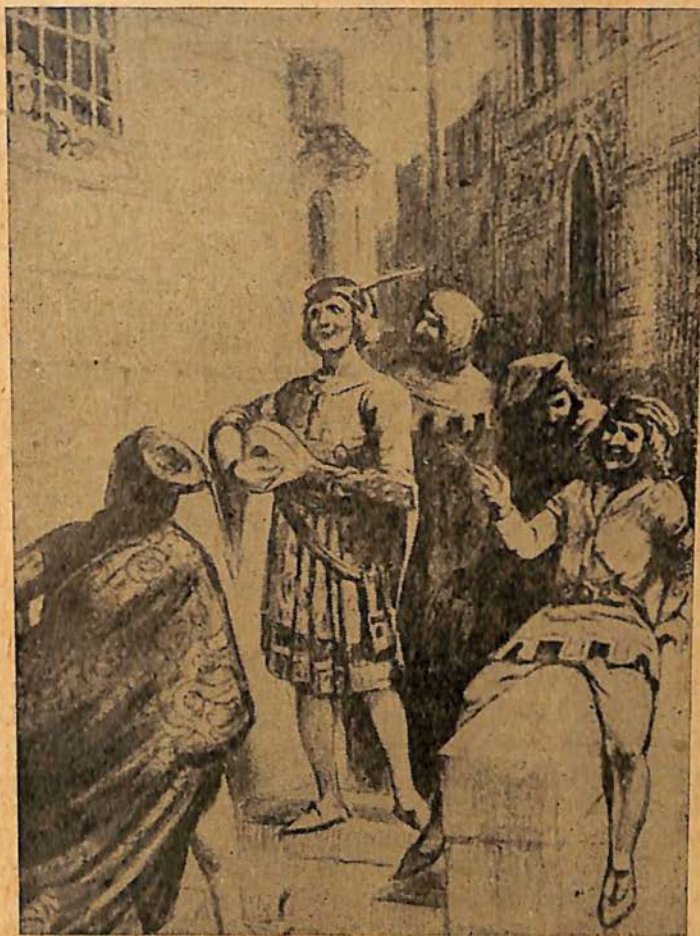


Fig. 1 — O jovem Francisco, com seu bando, em alegres serenatas

do espírito e de anseios de renovação. Não é de admirar pois que, ainda jovem, parecesse indeciso, tal como a pomba liberta alcançando o vôo, nesse meio de afirmações e de contrastes. Trazia, porém, em germe, o destino que havia de tomar na vida e a influência que exerceria no mundo. Em serenatas bizarras e ceias divertidas reunia em Assis o bando alegre de rapazes de seu tempo, a que sua fidalguia, sua voz de tenor, sua jovialidade, seu gênio poético, sua elegância e distinção imprimiam o ascendente natural de chefe.

*A Encruzilhada das vocações.* — O amor da glória, os lances heróicos, as narrações de aventuras, as reivindicações de justiça, a leal-

dade cavaleiresca, a defesa da fé, o brilho da carreira das armas — que agitam a mocidade de todos os tempos, inflamaram no espírito de Francisco a centelha da vocação militar.

Como Deus prefere seus cooperadores? Ele não faz questão de condições. O que Deus quer é que o sirvam com amor. Em todos os estados e situações Ele suscita dedicações. Eis porque Deus quer amigos também como soldados. Quando quiz reformar a sociedade, Deus falou a linguagem da guerra: — Francisco defende a minha Igreja. E o jovem mercador se fez soldado. Bem assim, quando mais tarde foi preciso reerguer os espíritos e defender a Igreja contra a Reforma, Deus não foi escolher um prelado ou um monge, mas um soldado — S. Inácio. No fundo, o que Deus quer não é propriamente homens de espadas, mas almas de soldados, homens de firmeza. Foi assim que Jesús procedeu com Saulo no caminho de Damasco. Não era o soldado, mas o homem intrépido e combativo que ele queria, porque dissera antes: — “Eu não vim trazer descanso à terra, mas a espada”, isto é, a luta pelo bem. E’s porque Deus escolhe seus cooperadores com o feitio de soldados. Ele mesmo se chama o “Deus dos Exércitos”, isto é, dos soldados.

Por ser generoso e sincero, em qualquer rumo que enveredasse Francisco encontraria uma boa vocação: o comércio, a ciência, as artes, a vida religiosa. Tudo quanto se faz bem, bem é, mas só é perfeito o que se faz por amor (S. Ag). O comércio seria inclinação hereditária, a milícia — um incentivo de glórias, a vida religiosa... talvez não entrasse ainda em suas conglutinações. O que é certo, porém, é que seu espírito, desprendido das coisas, librava-se na esferas elevadas em busca de um ideal. Um dia, muito ocupado na loja, à hora de grande faina, repeliu um mendigo importuno. A recusa de uma esmola é indigna de um gentilhomem e de um cristão. Refletiu a seguir e foi ao encalce do pobre recheando-lhe de moedas uma e outra mão. De outra feita, apressou o passo, enojado á vista de um leproso á beira do caminho. Áto contínuo, retrocedeu, abraçou e acariciou o infeliz. Estas ações heróicas, aparentemente banais, mas de infinita ternura, carecem de sólida virtude ou de espontâneo sentimento de bom samaritano. A natureza é avessa ou tarda a esses átos de extrema delicadeza. Quando o subconsciente está embotado para as ações de despendimento, ha que excitar o consciente com um raciocínio pronto, que muita vez falha. Ao contrário, porém, as ações heróicas, os lances de glória, efêmeros embóra, arrestam os espíritos pelo seu próprio brilho. Assim as expedições militares e o luzir da farda.

*Entusiasmo que não esmorece.* — Foi o que aconteceu com Francisco. Aos 17 anos, rebelou-se com os de sua cidade contra os dominadores germânicos. O povo de Assis arremeteu contra os quarteis da guarnição alemã e os desmantelou. Urgia, porém, cobrir-se contra

as reações do adversário, que não demoraria no revide. As autoridades civis deram-se pressa em cercar a cidade de muralhas e fortins. Todos os habitantes foram convocados para esse trabalho precipitado. Francisco deixou tudo, apredou a lascar a pedra, a lidar com a argamassa, a manejar a trolha e a ferramenta de sapa. Trabalhava e cantava. Mostrava-se tão ardoroso no rude trabalho das fortificações como em tudo que fazia, e até mesmo nos folguedos, porque punha alma em todos os empreendimentos. Os dissidentes de Assis porém, uniram-se ao partido oposto, agulados pelos tedescos. Reacendeu-se a rivalidade entre Assis e a cidade vizinha de Perúgia, visto que, esta decidira-se pelos G belinos contra o Papa. Os assisenses pegaram em armas. Tratava-se de defender duas nobres causas: a sua cidade e a Sé Apostólica. Marchou animoso e cantando. A guerra, porém, não se faz só de entusiasmo, mas de aprestos e de perícia consumada. A gente de Assis foi destroçada; os que não se salvaram pela fuga caíram prisioneiros.

“A disciplina militar prestante”

“Não se aprende, Senhor, na fantasia...”

“Senão vendo, tratando e pelejando.” (Lusiadas, X, 153 a)

Os prisioneiros, e entre eles Francisco, sofreram grande provações e máos tratos durante um ano de prisão. Somente Francisco conservou a serenidade de espírito e o bom humor habitual, alegrando os tristes e reanimando os desacorçoados. O seu semblante jovial e cortez ganhou até os enfezados, que se faziam aborrecidos de todos. Restituído à liberdade, apanhou grave enfermidade em Assis. Durante a doença pensou seriamente no vazio da vida dóidejante que levára e nos grandes destinos do homem, creado à semelhança de Deus. A doença é boa conselheira, quebrando a vaidade e as paixões e dispõe o espírito para refletir nas verdades eternas.

Por esse tempo correu em Assis a notícia de que zarpara de Veneza uma frota levando cavaleiros e homens de armas com destino ao Oriente. Lastimou Francisco de não estar entre esses felizes argonautas. A seguir, porém, seus anseios de glória encontraram uma resposta favorável: apareceu em Assis um gentilhomem, recrutando voluntários para o Duque de Briena que defendia, em Apúglia, os direitos da Igreja contra Marconvaldo, príncipe alemão, o qual queria arrebatara ao Papa a tutela de Frederico. Francisco inflamou-se de zelos e de entusiasmo. Preparou um rico fardamento, que faria inveja a um príncipe. Estava afôito para partir. Nisto se lhe apresenta um nobre de Assis, empobrecido pelos revêses das últimas refregas e em trajes mesquinhos. Lamentava não poder partilhar da expedição, por faltarem-lhe meios de adquirir equipamento e armas. Francisco, embora atado pelo renome e pela glória, contristou-se da penúria do cava-

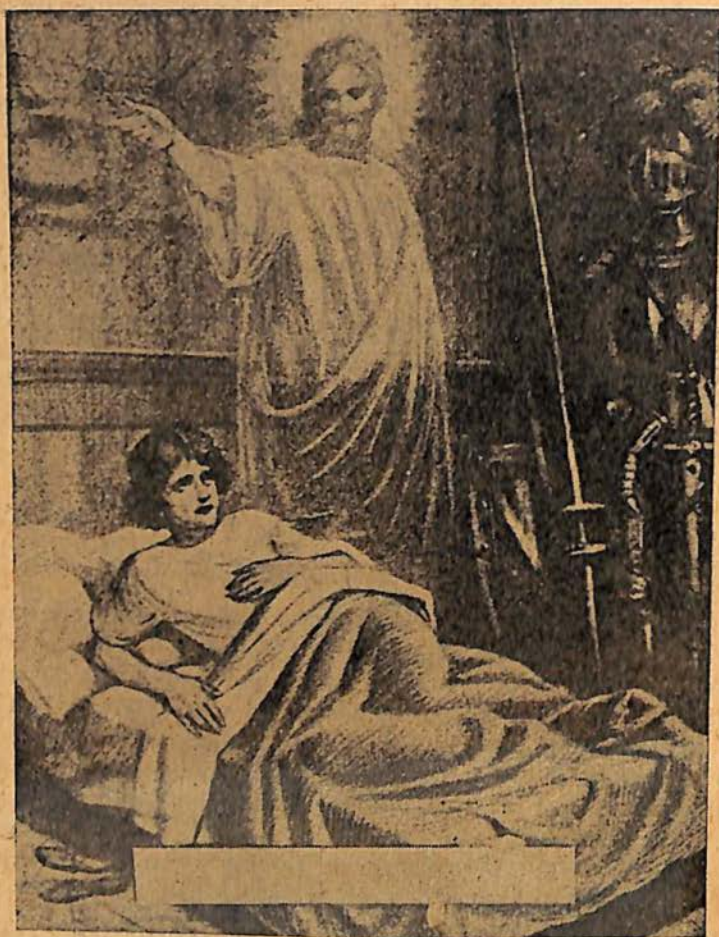


Fig. 2 — Entre sonhos da glória: — A espada ou a cruz ?

leiro e cedeu-lhe a rica indumentária. Sua liberalidade era maior do que sua ambição.

Deus, porém, que a ninguém cede em generosidade, suscitou a Francisco um sonho deslumbrante: um castelo magnífico... Abate-se a ponte levadiça. Francisco entra na sala de armas. Arneses, panóplias, escudos, catapultas.... Em todas as armas brilha, como sinete, uma rutilante cruz.

— De quem são estas armas? perguntou.

— São para ti e para os teus soldados, respondeu uma voz do alto.

*Pela carreira das armas.* — “E para os teus soldados...” Compreende logo: seria, não somente militar, mas Comandante. Este sonho tinha dois caminhos: O das armas propriamente dito e o da cruz, que nelas figurava. Qualquer jovem, como Francisco, decidir-se-ia logo pelo convite das armas. Confirmada sua vocação militar, realizaria, tal qual a mocidade de seu tempo, os desejos de glória. A idade-média foi uma etapa de contradições entre os altos ideais e as paixões vulgares. Aos motivos transbordantes de santidade e de fé, correspondiam grandes desordens nos costumes. Sacrificavam-se à religião e à Pátria os bens da terra e violava-se de continuo o sentimento humano e cristão em lutas e crueldades fratricidas, Nutriam-se represálias seculares e por elas se degladiavam, famílias, corporações e cidades. Quem mais dispunha de ouro, mais milicianos punha em campo. A Itália em particular foi teatro dessas lutas cruentas, que ora irrompiam de dentro, ora procediam de fora. As cidades eram guarnecidas de muralhas e de redutos, afim de que ficassem ao abrigo de assaltos repentinos das próprias cidades vizinhas. A gente vivia em contínuos sobressaltos.

Francisco compreendeu que chegara a vez de acabar com esses distúrbios e de libertar a Pátria da intromissão estrangeira. Urgia pacificá-la e uní-la, para poder mobilizá-la. E decidiu-se pela carreira das armas. Aparelhou o equipamento. Enfarpelou-se como um cavaleiro, apresilhou a espada e partiu para a expedição de Apúglia contra Marconvaldo. A segurança da nação, porém, exige muitos requisitos, e não basta, a cada patriota, de prender o sabre ao cinto e pôr-se em forma, para tê-la resguardada.

“Tal há de ser quem quer co’o dom de Marte

“Imitar os ilustres e igualá-los:...

“Com militar engenho e sutil arte

“Entender os imigos e enganá-los”. (Luziadas, VIII, 89).

*Vocação malograda.* — No fim da primeira jornada, em Spoleto, nova surpresa o esperava. Reapareceram os sintomas da doença. Na modorra da febre, entre visões de guerra e estrépitos de armas, ouviu de novo aquela mesma voz que o perseguia: — Porque deixas o chefe pelo vassalo? O cavaleiro estremeceu: — Como hei de proceder Senhor? — Volta para Assis. Aqui viste o sonho com os olhos, lá o entenderás com a mente. E os pensamentos de Deus lhe iluminavam o cérebro, à medida que suas veleidades se extinguíam, como vagalumes fugudios. Estava encerrado o ciclo das vacilações.

Voltou para casa, mas não se pôde acomodar mais aos negócios. Seu coração estava torturado, buscava na oração o segredo que a voz desconhecida lhe prometera desvendar. Em lugar de serenatas, dava-se agora aos colóquios com Deus. Certa vez, corria alegremente pelas

matas cantando as belezas da natureza. Nisto, dá de frente com um grupo de ladrões.

— Quem és? perguntaram.

— Sou o ordenança, o arauto do Grande Rei.

Os meliantes, vendo-o maltrapilho e sem bolsa, atiraram com êle numa poça de neve. Nem se amedrontou nem ofereceu resistência. Continuou cantando mais vivamente, como se encontrasse novo mote para glosa.

*Contramarcha para a direita e mãos às obras.* — Francisco passava horas a fio deante do grande Crucifixo da igreja de S. Damião, fora dos muros de Assis. Era um velho templo onde faziam morada bandos de andorinhas. Certa vez implorava: — Como vos hei de agradar, Senhor? E eis que lhe fala o crucifixo: — Não vês que minha casa ameaça ruína?

Era a mesma voz que ouvira em sonho. Estava entendido o mistério. O Senhor queria a restauração da velha igreja.

Francisco engajou-se a fundo nessa empreza. Esmolava, transportava materiais, trabalhava em tudo. Empenhou também o dinheiro da loja, pelo que foi levado a juízo. Renunciou então a herança e até a reupa que trazia restituiu ao pai.

A igreja restaurou-se, e, como o crucifixo não dissera mais palavra, Francisco interpretou o silêncio como sinal de que sua missão não estava acabada. Havia em Assis mais 2 velhas igrejinhas carcomidas pelo tempo, a de S. Pedro e a de N. S. dos Anjos. Cumpriria refazê-las? Meteu mãos à obra. Dois anos, de 1207 a 1209, levou a ésmolar, a contratar obreiros. Trabalhava cantando, de sol a sol, e orava pela noite a fio.

*Para a frente. A reforma das almas.* — Restauradas as velhas igrejas, começou a sentir que Deus não se poderia contentar com obras mortas, mas queria templos vivos. De que serviriam casas confortáveis, mas vazias? Onde estavam as almas para povoá-las?

No domingo seguinte o evangelho da missa, que o sacerdote explicou, deu-lhe um novo sentido de vida que haveria de viver: renunciar tudo para associar-se a Cristo na salvação das almas. Dito e feito. Despojou-se até dos sapatos e vestiu uma longa túnica, ajustada aos rins por um cordão.

*A nova grei.* — Não tinha mandato para pregar, mas começou a fazê-lo, tal era o seu ardor de caridade. Suas aloções em público eram um apêlo veemente ao amor de Deus e à união fraterna. “Salvação e paz”, repetia êle pelas ruas de Assis. Suas exortações e seus exemplos produziam efeitos maravilhosos, porque traziam a unção do Espírito Santo. Dois homens importantes de Assis apresentaram-se para segui-lo, um jurisconsulto (Pedro de Catani) e um abastado e



Fig. 3 — Dialogando com o crucifixo de S. Damião

culto gentilhomen (Bernardo de Quintavale). — Iremos à Igreja e saberemos o que Deus quer de nós. Na manhã seguinte invocaram com grande fervor as luzes de Deus, e, aberto ao acaso, por três vezes, o Novo Testamento, eis se depararam textos idênticos de três evangelistas: — se queres ser meu discípulo, renuncia tudo e segue-me.

— Eis a nossa regra e a de todos os que se nos quiserem associar-se, exclamou Francisco. E pela primeira vez expressa a idéia de uma congregação. Bem logo outros e outros se apresentam. A nova grei se agita e começa a pregar pelas redondezas concitando as gentes à penitência. O Bispo de Assis advertia-lhe que a pobreza

total, que levava com os companheiros, era dura demais para a condição humana.

— Se possuíssemos bens temporais, careceríamos de tempo para cuidá-los e de armas para defendê-los. Da posse das coisas provêm litígios que degradam a fé e que endurecem o coração do homem.

Os postulantes aumentavam. Era necessário pleitear a aprovação do Papa. Dirigiram-se a Roma em 1210. Governava a Igreja o grande pontífice Inocêncio III. Causou extranheza ao Pontífice a regra de pobreza e o teor de vida que se impunham.

— Não duvido de vosso fervor, mas tenho em conta a perseverança dos que vos seguirem.

E mandou que porfiassem em orações, para que fosse manifesto se, o que pediam, era conforme à vontade de Deus.

*Escorando a igreja-mãe.* — Entrementes o Pontífice viu em sonho a extranha visão daquele homenzinho de Assis, mirrado e pobre, a soerguer, como pigmeu de bronze, a Basílica-mãe. Não teve mais dúvidas. Embora, no sentir humano fosse rematada imprudência aprovar uma regra de total desprendimento, não devia desconhecer que ela fôra a norma seguida e preconizada pelo Cristo. Inocêncio III abençoou a nova família religiosa. Os 12 primeiros irmãos fizeram aos pés do Pontífice a profissão solene. Assim, reconhecidos pela Igreja, receberam as credenciais do apostolado e começaram a multiplicar-se e espalhar os benefícios da pregação e da paz.

Francisco era homem católico e apostólico por excelência. Católico no sentir e no agir com a Igreja, e, apostólico, no destino missionário de sua grei. Mesmo inspirado por Deus, nada empreendia que não tivesse o beneplacito da autoridade eclesiástica. Por isso mesmo não arquitetava planos. A inspiração divina e a fidelidade aos movimentos da graça orientavam o seu coração nos rumos que Deus lhe traçava dia a dia. Seu primeiro sonho advertiu-o devia tornar-se chefe de cavaleiros para reaver a Terra Santa. Depois, a voz falou-lhe em restaurar a casa de Deus, e êle empenhou-se em recompôr os templos arruinados. A seguir, percebeu que essas casas de oração continuavam mudas e era mister povoá-las de fiéis, que contassem os louvores de Deus, visto que as paredes frias não podiam fazê-lo. Êle então decidiu-se a pregar. Vieram-lhe chufas e váias do populacho, mas responderam ao chamado os primeiros discípulos, homens de letras e de haveres. Foi daí que pensou em organizar o apostolado. Homem fiel a Deus e manso, à maneira de Moisés e de Davi, havia de ser também um grande condutor de homens, porque procurava na oração frequente o divino bemquerer. Este, lhe sendo indicado no correr dos incidentes, êle o abraçava, como sendo mandato do grande Rei, e o punha em prática, depois de obter o sinete de reconhecimento

do Vigário de Roma. Assim surgiu a Ordem dos Frades Menores — chamada a Primeira Ordem — destinada ao apostolado. Em 1212 foi procurado por uma jovem de família nobre de Assis. Ouvira as suas prédicas. Ficara deslumbrada. Queria também dar-se a Deus. Era moça, bela e rica. Havia candidatos à sua mão. Francisco mostrou-lhe o eterno dilema da vida. Dois caminhos. Um, estreito e erigido de espinhos, poucos enveredavam por êle. Outro era espaçoso e franco, acomodava-se a todos os gostos. Qual escolheria? Ela preferiu o primeiro. Foi a pioneira das Damas Pobres — a Segunda Ordem. A 1.ª Ordem, dos Frades Menores, constitue o Estado Maior da milícia seráfica. Destina-se a estruturar o cerebro e o arcabouço da grande obra. Integra no seu quadro diretores e artífices, chefes, missionários e desbravadores, condutores de almas, mestres e guias do povo. A 2.ª Ordem, das Pobres Mulheres, que manejam as forças invisíveis da oração, vota-se à vida do claustro, apartada do convívio social. Paradoxo para o mundo: “parasitas”, “derrotistas”, fogem e se segregam, sonegando concurso à família e à sociedade. Incompreensão do mundo. Almas de elite, decididas, heróicas, generosas, deixam os encantos do lar e do século por uma vida de renúncia, de trabalho, de oração e de penitência. Que visam com isso? Imolar-se, como Cristo, para a salvação das almas e pelo bem da sociedade. Há milhões e milhões de almas que vivem como se não houvesse um Deus que é Pai; que não lhe reconhecem a existência e os benefícios. Outros que vivem extraviados nos caminhos da ignorância ou da iniquidade. Por êsses, elas se imolam. Pedem pelos que não oram, agradecem pelos ingratos, vigiam pelos displicentes, sofrem pelos oprimidos, humilham-se pelos soberbos e pelos violentos, maceram-se pelos dissolutos, jejuam pelos gosadores e insatisfeitos. Realizam, enfim, esse esforço psíquico da prece, esforço imponderavel, mas fecundo, que sobe suavemente para Deus, como o perfume do incenso e como os vapores da tarde; e que desce invisível sobre a terra, como o orvalho das noites serenas. A vida de renúncia e de oração, no fundo dos claustros, é de tal modo eficiente e necessária à paz do mundo e ao bem público, como soem ser as retaguardas ativas, concentradas no esforço de guerra, para a vitória dos exércitos nas frentes de batalhas.

*A conquista do mundo.* — Uma nova formação — a Ordem 3.ª — viria depois. Era uma inovação. Ninguém a teria pressuposto. Estava sómente no pensamento do Eterno. Francisco a realizará a seu tempo, quando Deus lha houver manifestado, depois de haver consolidado os quadros da Primeira e da Segunda Ordens.

Estavam lançados os fundamentos e os destinos da obra franciscana. Cumpria agora fossem disseminados os seus rebentos, e os seus frutos. Não bastariam os países cristãos? Francisco lançou uma mi-



Fig. 4 — “Francisco, repara a minha igreja”! — Ordem dada e executada.

rada para o Oriente. Ali nascera o Cristo, mas o Evangelho fôra de lá banido. E não se pôde conter. Jerusalém era prêsa do Islamismo. Não podendo investir de frente, decidiu abordá-la pelo flanco, cominho de Damasco. Ele precisaria dar o exemplo. Começaria pela Síria, de onde partiu Abraão para a Palestina. Ali está o Líbano, montanha sagrada...

Mas o navio em que embarcara foi jogado por uma tormenta nos baixios da Eslovênia. Teve que regressar. Não esmoreceu nem alterou os fins da missão. Falhara-lhe o 1.º objetivo. Modificou apenas a idéia de manobra: em vez de atacar pelo flanco norte, atacaria pelo meridional. Não seria mais Jerusalém pelo caminho de Damasco, mas Jerusalém pelo caminho do Egito. Fez meia volta para a Itália, atra-

vessou o sul da França e entrou na Espanha com o fito de abordar Ceuta. Iniciaria a conquista da África, a começar em Marrocos, para chegar ao Cáiro. Daí, em 40 jornadas, atingiria a Palestina, como fizera o exército de Moisés. Sonho de louco? Sim, ainda era cedo. Depois da viagem a pé, fatigante, mas cheia dos frutos que deixou em Compostela, Barcelona e alhures, adoeceu gravemente. Houve de retornar a Assis, sem ter podido chegar às colunas de Hércules.

Mais uma vez Deus lhe fechava o caminho do Oriente. Tentaria ainda uma vez, desta para se implantar definitivamente em Jerusalém.

Em 1215 celebra-se o IV Concílio do Latrão. Conhecem-se ali, sob as vistas do grande Pontífice Inocêncio III, as duas almas iluminadas daquele século: Francisco e Domingos. Seus Institutos são abençoados pelo Papa e eles partem para levar a todos os quadrantes a palavra de Deus.

Em 1216, surge nova maravilha franciscana — a indulgência da Porciúncula, coisa desconhecida nos anais da Igreja: Uma pequena Igrejinha de Assis recebia o privilégio das grandes Basílicas de Roma. Agora sim, Francisco está preparado para a conquista do mundo, conquista sem troféus, nem humilhações. Em 1219 reúne-se o Capítulo Geral, chamado Capítulo das Esteiras. Cinco mil religiosos, por não terem cômodos na pequena cidade de Assis, acampam ao relento, construindo palhoças para se abrigarem. Magnífico exemplo de verdadeiros soldados. Realizando esse certame memorável, Francisco insistiu no caminho do Oriente. Já havia mandado em 1219 uma “esquadra de volteadores” a Marrocos, flanco esquerdo do inimigo; agora escolhera para si o centro do dispositivo. O grande amante da cruz ansiava em reerguer a cruz, nas mesmas terras em que Cristo preagara o Evangelho, e onde ela fôra levantada para crucificá-lo.

*A 5.ª Cruzada.* — Mobilizava-se a 5.ª Cruzada, para acudir ao apêlo do Papa. Era uma ignomínia para a cristandade que Jerusalém estivesse em mãos do infiel. Os soberanos da Hungria, da Bavêra e de Austria estavam à frente dessa operação militar e política. O plano de operações consistia em levar primeiro a guerra ao Egito. Damietta, cidade-forte, gosava de situação chave, cobrindo o acesso ao mar Vermelho. Assegurava também ligação estratégica da África com a Ásia, berço e sede do Islamismo. Francisco dirigiu-se ao Egito e enviou de caminho elementos para descerem na Síria. Já se havia espalhado a semente dos cinco primeiros mártires franciscanos de Marrocos, em 1220. O sangue desses heróis seria a sementeira de novas conquistas. Enviara agora novos elemetnos à Síria e ele ia lançar a rede evangélica ao centro.

*As operações militares entram em curso.* — Os chefes resolveram

fazer o esforço principal pelo Egito, onde estava a sede do grande comando muçulmano. Sua situação estratégica era de importância capital para as operações no Mediterrâneo oriental e para contrarrestar a influência política e militar do inimigo no Norte da África. Era necessário desarticular esse poderoso elo de ligação entre os 2 continentes, no sentido de conter a invasão da Europa com trampolins em Tripoli e em Ceuta, tal qual fizera Anibal.

Os chefes da 5.<sup>a</sup> Cruzada acometeram assim pelo centro do extenso dispositivo inimigo, como para quebrar-lhe o espinhaço. Destruido o poder militar e político no Egito, conquistada a Palestina e o Líbano, os invasores do Norte Africano seriam varridos para o Saara e seus remanecentes, do Nilo e das Terras de Israel, refugiar-se-iam pela Arábia em fora. A concepção era magnífica. A execução foi desastrosa.

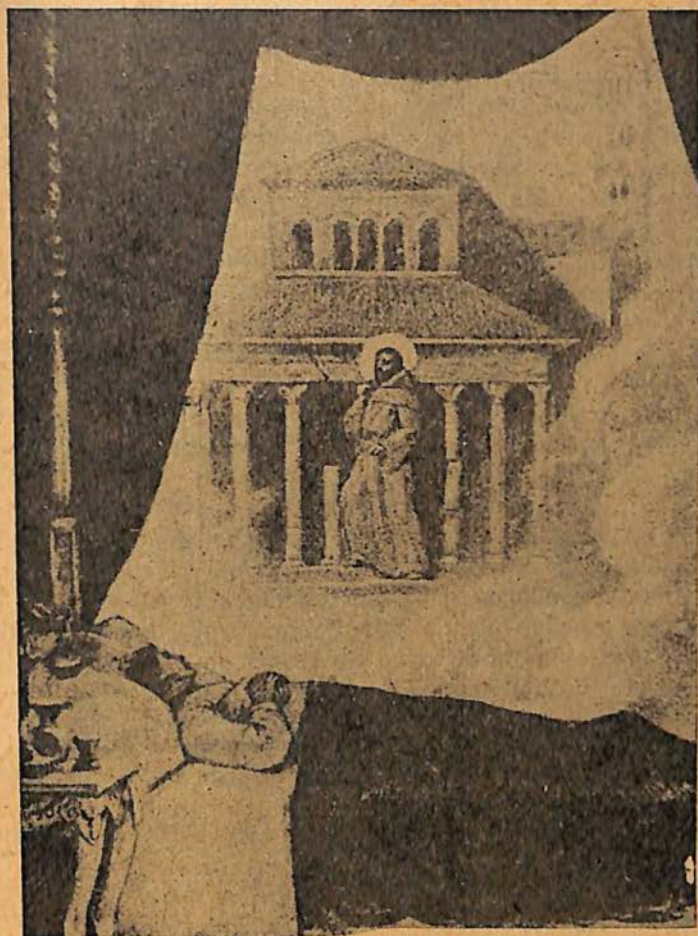
Os exércitos desembarcaram no Egito, alargaram sua cabeça de ponte e investiram contra a cidade fortificada de Damietta, que cobria o vale do Nilo. Os mouros foram batidos nos primeiros encontros e tiveram de abrigar-se por traz das muralhas de sua cidade-chave, que, a seguir, foi sitiada pelos Cruzados. Nesses tempos de inexistência da pólvora, as armas de arremesso eram como que brinquedos de nossas crianças de hoje. Não passavam de catapultas que lançavam seixos e fachos de fogo a pequena distância contra inimigos fortificados. Estes ficavam ao abrigo dos fossos ou a cavaleiro, em altas torres, de onde lançavam setas e pedras contra os assaltantes.

Se a praça dispuzesse de água, viveres e munições, o ardor combativo não esmorecia. O cerco havia de prolongar-se por largo tempo e, às vezes, se tornava inoperante. A guerra era um duelo de exército contra exército, como luta de touros. Quando o poderio militar da nação estava nas fortalezas, essas é que entravam em xeque, visto que, uma vez tomadas, caía a armadura militar da nação.

Eis porque os Cruzados, como outros exércitos desse tempo, ao invés de deixar para traz as praças sitiadas e prosseguir na conquista do país atacado, de modo a ocupá-lo, dominando as forças vivas da nação, deixavam-se ficar deante dos muros daquelas praças como se elas fossem o fim da guerra e, não simplesmente, objetivos. Sua importância era de grande valimento na trama de operações, mas constituía um impasse e um desgaste para os atacantes quando elas porfiavam na resistência.

*Exército sem coesão, Exército vencido.* — O que foi o cerco de Damietta? — Inépcia militar, fruto de desinteligências, que romperam a unidade de comando e culminaram em malôgro nas operações do conjunto.

Quando Francisco chegou à Damietta, a cidade islamita estava



**Fig. 5 — Francisco escora a igreja do Latrão. Sonho de Inocência III**

sitiada pelos Cruzados, mas estes vinham de ser repelidos sangrentamente num assalto infeliz à praça forte, defendida valentemente por dois caudilhos muçulmanos, o sultão do Egito e o de Damasco.

O Exército cristão estava minado pela indisciplina. As desavenças dos chefes somavam-se à rapinagem e a intemperança das tropas. Sta. Joana D'Arc advertira um dia que as derrotas provêm da indisciplina e corrupção dos soldados.

O Santo viu tudo, observou a situação e ficou consternado. O estandarte da cruz só estava ali como sinal de ignomínia. Francisco advertiu aos Chefes não tentassem estupidamente novo assalto que

seriam derrotados. Não lhe deram ouvidos. O assalto foi desencadeado e nova derrota os arremeçou para a retaguarda, ficando coalhada de mortos a orla da praça.

*A conquista dos corações.* — A missão mais urgente devia ser empreendida entre os próprios cruzados. Depois de se haver dado à oração e de fazer apêlo aos chefes empedernidos, julgou que devia empregar o último cartucho para amolecer aqueles corações, e começou a pregar-lhes, usando da linguagem ardente dos cavaleiros que êle bem conhecia. Aproveitando da humilhação trazida pelos revêses, procurou reacender, entre os cristãos, um novo entusiasmo pelo destino da guerra que vinha sendo desfigurada.

Mas não bastava erguer o espírito combativo dos cruzados,urgia realizar o objetivo de sua missão, que não era apenas a vitória das armas cristãs, mas a conquista dos muçulmanos para a fé. Iria ao campo adversário, não com o propósito de Judit, para golpear o Sultão, mas, à maneira de Ester, para ganhá-lo para Deus. Vencida a resistência capital, todo o corpo da grei submeter-se-ia. E penetrou sózinho, ousadamente, nas linhas inimigas, levando uma couraça — a fé, e esta só arma formidável na mão: — a Cruz.

As pratulhas inimigas quizeram trucidá-lo. Quem era êsse homem de aparência grotesca, dando ares de fanático? Como gritasse com ênfase: — Sultão! Sultão!, tomaram-no por um mensageiro e o levaram a presença de El Kamel:

— Vens como mensageiro da paz ou em busca de Alá?

— Venho em nome de Deus, para anunciar-te a salvação, respondeu ao Sultão,

e falou-lhe com tamanha unção e eloquência que El Kamel, encantado daquele homenzinho prodigioso, disse-lhe:

— Fica comigo e te darei honras entre os meus.

Francisco porém lhe advertiu amavelmente:

— Se te queres converter com teu povo ao Cristo, ficarei contigo de bom grato. Mas se duvidas, põe em jogo o Cristo e Maomé. Manda acender uma fogueira e lança-me com os teus sacerdotes nas chamas. Seja para tí verdadeira a fé daquele a quem o fogo não tocar.

Receou o Sultão da ousada proposta:

— Temo que nenhum sacerdote de Alá queira expôr-se de tal sorte em defesa do Alcorão.

Francisco tentou um supremo esforço:

— Pois então, para que te persuadas, dansarei eu no fogo. Se arder, leva-o a conta de meus pecados, mas se sair ileso, reconhece nisso a virtude do Cristo e renega a tua fé.

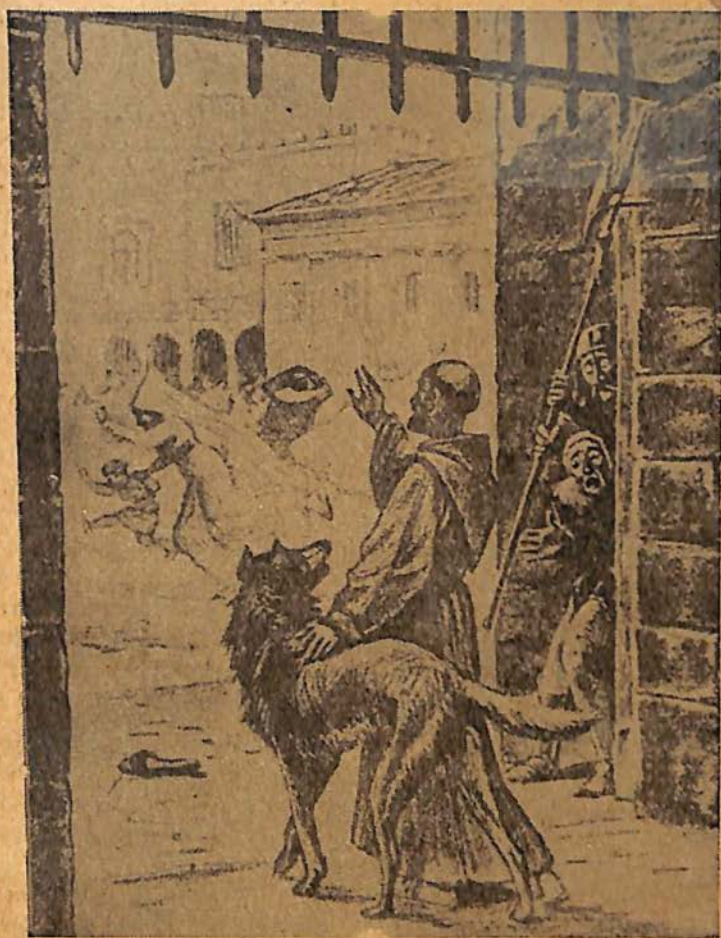


Fig. 6 — Todos fogem, mas o lobo reconciliado por Francisco, torna-se manso como cordeiro.

Surpreendido e admirado por tão estranho desprendimento, o Sultão ofereceu-lhe valiosos presentes, que êle recusou com simplicidade:

— O que eu quero de tí é o teu bem e tua alma para Deus.

Recebeu, em troca, um salvo-conduto com a liberdade de trânsito em terra sarracenas, podendo ir e vir à Palestina e nela se estabelecer.

Foi uma de suas maiores conquistas. Conseguiu assim um lugarz'nho permanente para seus frades no Santo Sepulcro, o qual vem sendo mantido há sete séculos, sem mesmo sofrer interrupções nas perseguições ali desencadeadas contra os cristãos. Diz-se ainda que ganhou

por tal modo o coração do Sultão, que, êste, sentindo-se morrer, pediu-lhe fossem enviados dois frades para o confortarem.

Em 1220 Francisco voltou à Itália. O seu nome empolgava as populações da península e corria mundo. Foi por êsse tempo que a pequena grei de 5 frades que êle enviara à Marrocos para a conquista da África, pereceu às mãos dos mouros. De lá retornaram somente as ossadas daqueles "loucos" missionários. Expedição malograda, é certo, mas — coisa notável — o que não puderam aqueles homens ardorosos, puderam-no as suas cinzas frias, levadas para Lisboa, e a tal ponto, que viraram a cabeça daquele rebento dos Bulhões, que depois foi S. Antonio, frade formidável, o qual, sózinho e enquanto vivo, conquistou meio mundo para a fé, e, depois de morto, se fez prestimoso soldado do Brasil.

*A conscrição geral — fundação da Ordem Terceira.* — A mobilização dos espíritos para a vida religiosa tomou um impulso desconhecido. Em 1221, Francisco pregou em Canara com tal unção, que homens, mulheres e jovens queriam abandonar tudo e segui-lo na vida religiosa, esquecidos de seus lares e de sua condição social. Enquanto êle falava, sobreveio um incidente pitoresco: As andorinhas, em revoadas, acorreram onde falava Francisco e faziam tal alarido em torno da pessoa do Santo, que êle interrompeu a prédica, para acariciar as que pousavam no seu manto. Abençoando-as, mandou que partissem. Elas, fazendo um grande vozerio, repartiram-se em leque aos quatro ventos.

Estas ocorrências fizeram amadurecer no espírito de Francisco a resposta que vinha formulando há tempos na oração, para corresponder aos anseios das populações, ávidas de terem uma direção espiritual na vida. O Santo, porém, cuja piedade corria parelhas com a prudência, via no fervor das multidões uma ameaça à desorganização social e da família. Concebeu então uma forma de laicato, que não levava ameaça nem à ordem social nem às vocações religiosas, mas, ao invés viria fortalecer a ambas, prestigiando o Estado e a Igreja. O novo sodalício era a *Ordem Terceira*, que cabia a todos de ambos os sexos, e se adaptava a todas as condições, sem o vínculo dos votos que prendem os religiosos das ordens regulares.

S. Francisco tornou-se assim, praticamente, não só um reformador dos costumes mas também um corregedor espiritual da sociedade. A Primeira Ordem formava a hierarquia, o comando das milícias franciscanas; a Segunda, uma alavanca psicológica e moral, cujo braço de aplicação firmava-se na oração e na clausura. A Ordem Terceira seria a conscrição geral, formada de homens e mulheres de todas as condições e gêneros de vida, unidos entre si pela caridade fraterna, mas distintos e separados quanto aos vínculos políticos, de família e



Fig. 7 — Um desafio ao Sultão: Francisco propõe uma dança na fogueira

de interesses. Todos os que não pertenciam a ordens regulares podiam ser terciários: padres, seculares e leigos, viuvos, casados e solteiros, uma-vez-que fossem fieis às regras de fé e devotadas à Igreja.

*Os cânones da Ordem Terceira.* — Quem se inscrevia na Ordem dos irmãos terceiros comprometia-se a procurar a paz com os próprios desafetos; a restituir os bens mal havidos, a cumprir os mandamentos de Deus e da Igreja, a não usar armas, a não prestar juramentos senão nos casos admitidos pela Igreja; a reunir-se mensalmente para as instruções e ofícios em comum; a visitar os enfermos, a contribuir para a caixa comum, em benefício de obras pias e dos irmãos que viessem a cair em necessidade.

Essa regra de vida produziu uma revolução social nos costumes e na política. A obrigação de restituir os bens mal adquiridos era de

molde a transtornar a economia de muitos, mas reparava as injustiças, moderava o arbítrio das autoridades, acalmava os rancores dos pobres contra os abastados, prevenia as vindictas particulares e as repressões fiscais. Os próprios usurários e prevaricadores se viam constangidos.

A obrigação de não prestar juramento, senão nos casos graves e de consciência, rompia de-uma-vez com a trama feudal de obrigações, pelas quais a nobreza e os ricos se associavam, explorando o bem comum e a fraqueza dos desprotegidos. Por outro lado, a isenção dos juramentos partidários desorganizava a máquina política das facções comunais, instrumento odioso que dividia os cidadãos e os acirrava em perpétuas contumélias.

Não podendo jurar, os terciários não podiam firmar compromissos com partidos ou senhores e, dessarte, ficavam livres da sujeição dos mandões. A interdição do porte de armas era avançada novidade para aqueles tempos, em que campeava a prepotência, e cada um se tinha de valer das armas, para garantir-se ao direito de viver, que as leis não asseguravam.

Desde então estes homens inermes, mas corajosos, — *os terciários* — não temendo reações contrárias, intervinham para acalmar as contendas, reconciliar os inimigos, apaziguar os espíritos e repôr a ordem e a paz na sociedade. Agindo pelo exemplo, afastavam, com seu proceder pacífico, o germe de represálias e de guerras civis.

As contribuições mensais dos irmãos, visando um fundo para assistência coletiva, era uma antecipação feliz das nossas caixas de previdência social. Essa forma de socorros mútuos permitiu à Ordem Terceira de arrancar a beneficência do monopólio tendencioso dos ricos. Ficava assim a política de facções à mercê das iniciativas isoladas e dos caprichos de certos monastérios. A verdadeira beneficência se erigia em obra de assistência organizada, sob os auspícios da caridade, que se manifestava pelas contribuições de todos em benefício coletivo, e sem olhar o esforço maior ou menor do rico e do pobre, mas ao amor fraterno que todos congregava, à semelhança do “cingulo” — laço afetivo que unia os altos dignitários à arraia miuda.

A Ordem Terceira foi uma notável invenção do gênio creador de Francisco, a última na série de suas grandes obras. Tornou-se, pela extensão e universalidade de sua conscrição, o “lugar comum” que assegurava no mundo civil, o prestígio e o suprimento de vocações das duas primeiras Ordens, e implantava o espírito do Evangelho em todas as classes.

Se Francisco ficasse adstrito às duas Ordens regulares, como S. Domingos, seria ainda assim, como este e alguns predecessores, um grande fundador. E’ porém, pela sua Ordem Terceira que êle se elevou a grande reformador social e “*emendator*”, como o qualificou depois



Fig. 8 — Com o nome de Antonio ingressa entre os Frades Menores o jovem cônego lisboense.

de sete séculos, o grande Pontífice Pio XI, ao lhe outogar esse título “ousadamente novo na história da Igreja” e a lhe confiar a “liderança” espiritual da Ação Católica. (Nota n.º 1, in fine).

*A última batalha.* — O Grande Exército estava organizado: a Primeira Ordem exercia os misteres da direção e do comando; a elite das virgens da Segunda Ordem, no retiro dos claustros, seria a pira ardente da imolação e da prece que desarma a justiça de Deus e propicia as bênçãos, como irradiações do sol na maturação das searas.

A Ordem Terceira compreenderia a multidão de irmãos de todas as classes a que se alistaram, ainda nos dias do Patriarca, príncipes e monarcas, generais e cavaleiros, sábios, camponeses e artistas, damas da Côrte e mulheres do povo. O Patriarca encerrava assim o ciclo de suas obras. Era ainda moço, mas estava no fim. Em 1224, na

quaresma do Arcanjo S. Miguel, Patrono dos Grandes Comandos, Francisco recebe os sinais da crucifixão. Seu desejo, de fato, era ser imolado como Jesús. Tendo o "infiel" lhe recusado duas vezes o martírio, pediu ao Cristo lhe desse a sofrer as dores acerbadas de sua paixão. E o Cristo veio em pessoa crucificá-lo, abrindo-lhe, nos membros e no lado, feridas idênticas as dos ferros que os traspassaram. Dois anos ainda carregou os estígmata doridos. . . . Passou o comando das milícias. Chegado o dia 4 de outubro de 1226, convocou seus filhos, os amigos e os irmãos da natureza.

Ergueu-se num esforço supremo e abençoou a Pátria com as mãos cruzadas sobre os peitos. Depois, estendeu-se na cinza sobre a terra nua, reunindo as últimas energias, para entoar a última canção. Único entre todos, ia morrer cantando.

Vinha entardecendo. Bandos de cotovias ruflavam as asas em revoadas. O irmão sol, rotundo e belo, encerrava mais uma jornada rutilante. A irmã água, humilde e casta, murmurava sua eterna sinfonia. E a irmã morte... mas a irmã morte veio no último momento, entoando uma canção de glória aos que morrem cantando as glórias do Senhor.

## CONCLUSÕES

1.º S. Francisco é o único dos Santos que gosa de universal estima dos homens de pensamento, sem distinção de credos e filosofias, porque todos vêm nêle a criatura mais simples, humana, pacífica, generosa que tem existido. (Nota n.º 2, in fine).

Foi a um tempo idealista e realizador, contemplativo e homem de ação. As idéias nêle se cristalizavam em atos e os atos se espiritualizavam em anseios de perfeição. De impulsivo e veemente, que era no começo para as ações generosas, tornou-se depois, não menos ardente, mas sereno, e como que senhor dos acontecimentos, pela intuição segura que nutria dos seres e das cousas.

2.º Foi homem de fé consumada. Via nitidamente, sem véus, os aspectos da criação e o ascendente inconfundível do Creador. Por isso mesmo, não sendo homem de letras, foi cantor e poeta, enamorado da natureza e das almas — obras primas de Deus.

Brilhou nêle a centelha do gênio, mas só pôde ser gênio porque foi seráfico, saindo de si totalmente para dar lugar ao próprio Deus que nêle agia.

Não tinha "eu" nem "meu". Ganhou assim os corações de todos e até os animais e as forças da natureza lhe eram submissos.

"Alter Christus" é chamado.



6.º) S. Francisco foi grande em tudo. Ufane-se a Engenharia militar de tê-lo por Patrono.

Um exército não marcha sem estradas, não agarra o inimigo sem varrer os obstáculos que o precedem, e só detem adversário superior opondo-lhe tropeços e fortificações.

Foi "Arauto de Deus", fazendo o papel das "transmissões". Destruiu obstáculos, construiu obras de defesa e de comunicações, impondo-se como exemplo a sapadores e pontoneiros.

Eis como S. Francisco, que é padrão de todas as virtudes, veio a figurar também como insigne Patrono da Engenharia militar, a arma dos grandes trabalhos e dos modestos lidadores na paz e na guerra.

---

#### NOTA 1

#### *S. FRANCISCO — PATRONO DA AÇÃO CATÓLICA*

S. Francisco foi um homem dinâmico, de energias criadoras. Sua força de realizações prolonga-se através dos séculos. Não faz muito, o grande Papa Pio XI, "divinamente inspirado", consoante sua própria afirmativa, criou, no final do seu vigoroso pontificado, uma novel organização universal — a AÇÃO CATÓLICA —, isto é, participação dos leigos, dirigidos pelo Episcopado, no apostolado hierárquico da Igreja. E, para Patrono desse grande exército espiritual, a quem iria buscar o venerando Pontífice? Não houve que vacilar; um grande nome se impôs desde logo, foi o do Patriarca de Assis, mercê das cintilações de sua intuição social, católica e apostólica do mundo.

Entusiasmado com essa feliz idéia — de apostolado leigo — nestes tempos em que o clero é insuficiente e que as lutas ideológicas são acirradas e frequentes, assim se exprimiu um esclarecido Bispo brasileiro:

— Esta nova forma de apostolado, sob a "liderança" espiritual de S. Francisco, parece indicar o pensamento oculto do Santo Padre, de refundir os vários ramos das Ordens Terceiras, para erigir um só exército terciário, não mais por grupos estanques, vinculados às antigas Ordens regulares de onde procediam, mas unificados, rejuvenecidos e supercomandados pela Cúria Romana, sob a imediata direção do Episcopado. Este exército terciário, disciplinado, coeso e uno, eu antevejo, só pode ser a grandiosa e novel organização da Igreja — A AÇÃO CATÓLICA.

Eis aí como o espírito vivificador de S. Francisco se transporta no correr dos séculos, suscitando novos processos de recristinização da sociedade.

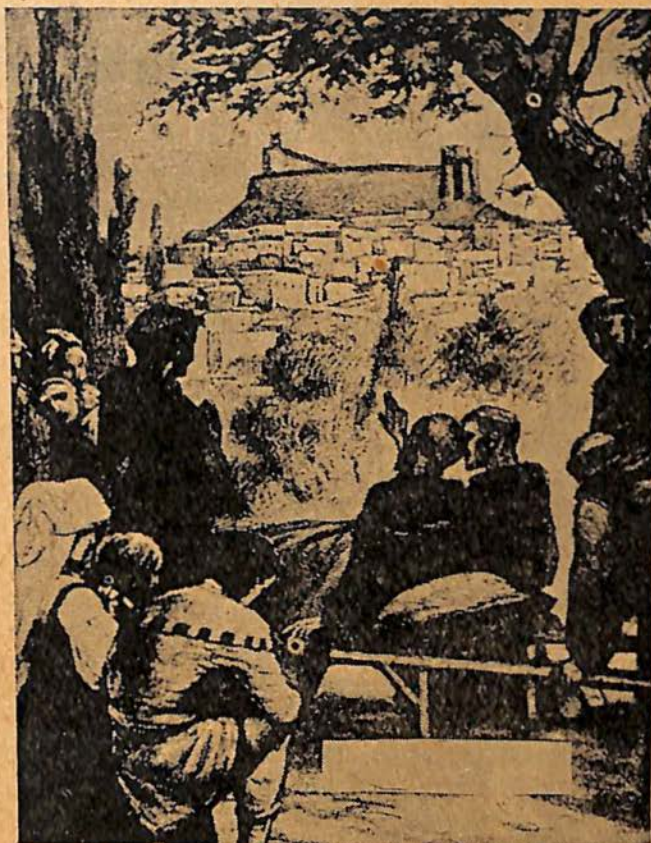


Fig. 10 — Francisco, agonisante, abençoa a Pátria.

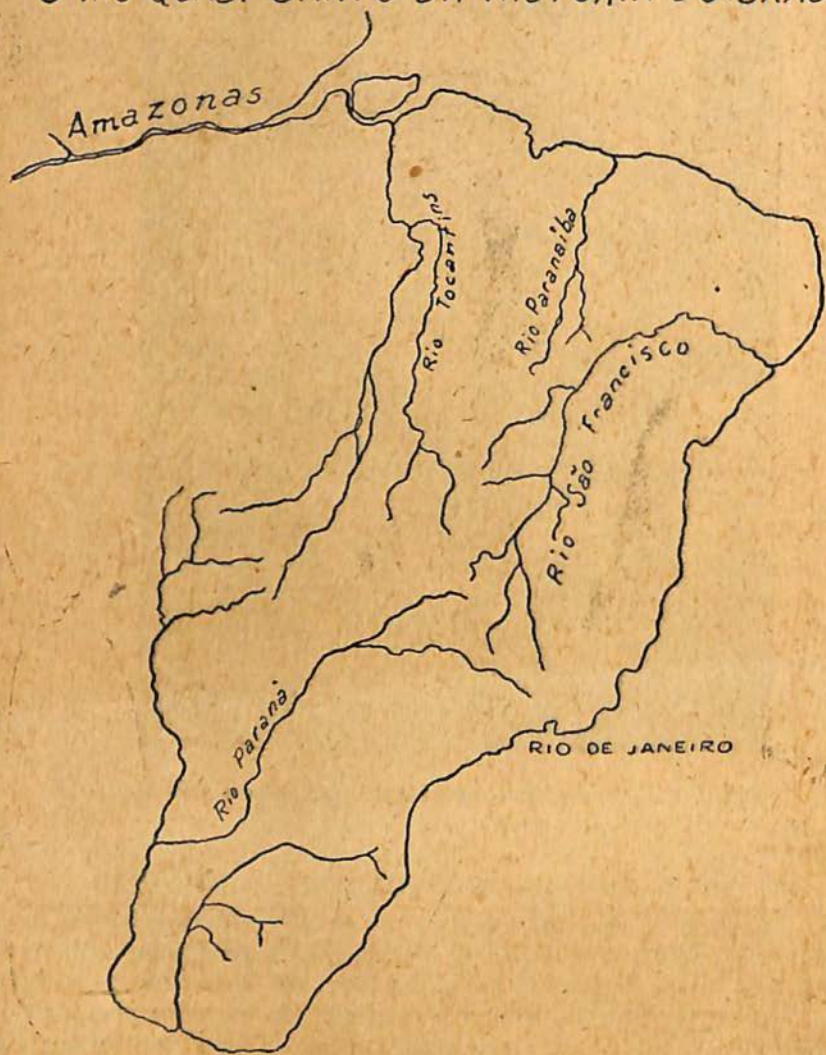
## NOTA 2

### *O NOME DE FRANCISCO EM TODO O MUNDO*

S. Francisco é alvo da simpatia universal. Os aspectos de sua personalidade, simples em si mesma, mas complexa para quem a observa de fora, vem sendo estudados, cada vez mais, há 7 séculos, por escritores e artistas de todos os credos e matrizes, em variados gêneros do pensamento, no afã de surpreenderem o segredo das transformações por êle operadas nos corações dos homens e no espírito do mundo.

Seu nome foi o alfa de um série notável de "Franciscos" que se seguiram na categoria de santos, soberanos e homens ilustres. Francisco passou a figurar no onomástico de famílias de linhagem nobre. Em todas as línguas seu nome multiplica-se aos milhões nas pias batismais e nos registros civis.

# O RIO QUASI SANTO DA HISTÓRIA DO BRASIL



O RIO SÃO FRANCISCO CURVADO SOBRE OS RIOS VISINHOS, REALIZA UMA FUNÇÃO DE TRAMPOLIM NO DESBRAVAMENTO DA INTER-LÂNDIA BRASILEIRA

Diversas Ordens religiosas e sodalícios autônomos, no curso dos últimos séculos, vieram alinhar-se debaixo de seu patrocínio. Na história e na geografia das nações, a repetição de nome "Francisco" patentêia o grau de preferência que êle tem desfrutado no espírito dos desbravadores e povoadores da terra.

Tambem no Brasil os accidentes geográficos e políticos vem repassados da influência do Santo de Assis. A primeira missa celebrou-a um franciscano, Frei Henrique de Coimbra, ao plantar a primeira cruz no solo brasileiro. A evangelização do selvícola, a colonização, os grandes colaboradores do golpe do Ipiranga com Frei Sampaio, missionários de todos os tempos, Capelães de nossas operações militares, tiveram decidida participação de franciscanos. Cidades, portos, vilas, sítios, fazendas, bispados, paróquias, basílicas, capelas, irmandades, empresas, etc. etc. pontilhados na cartografia brasileira com o nome do santo, testemunham que S. Francisco é grandemente querido e piedosamente invocado no Brasil por nossos patrícios de ontem e de hoje.

Por último, surge em evidência êsse nome bizarro do *Rio S. Francisco* — "rio quase santo da história do Brasil" (\*), — rio essencialmente brasileiro — que é uma página de nosso passado e uma esperança de nosso porvir, caminho andante que liga o litoral, de Leste a Oeste, com a interlândia, e, depois, numa admirável conversão à esquerda, encurva-se mágicamente de um quarto de círculo, para vincular o Norte ao Sul. O rio-corcunda parece genuflecto. E' como um braço do Santo, em atitude de amplexo, acariciando as vertentes (vide o mapa do Brasil) dos grandes rios Paranaíba, Tocantins e Paraná, no sentido de irem narrar ao Oceano, à Amazônia e ao Prata as glórias e riquezas do Brasil Central.

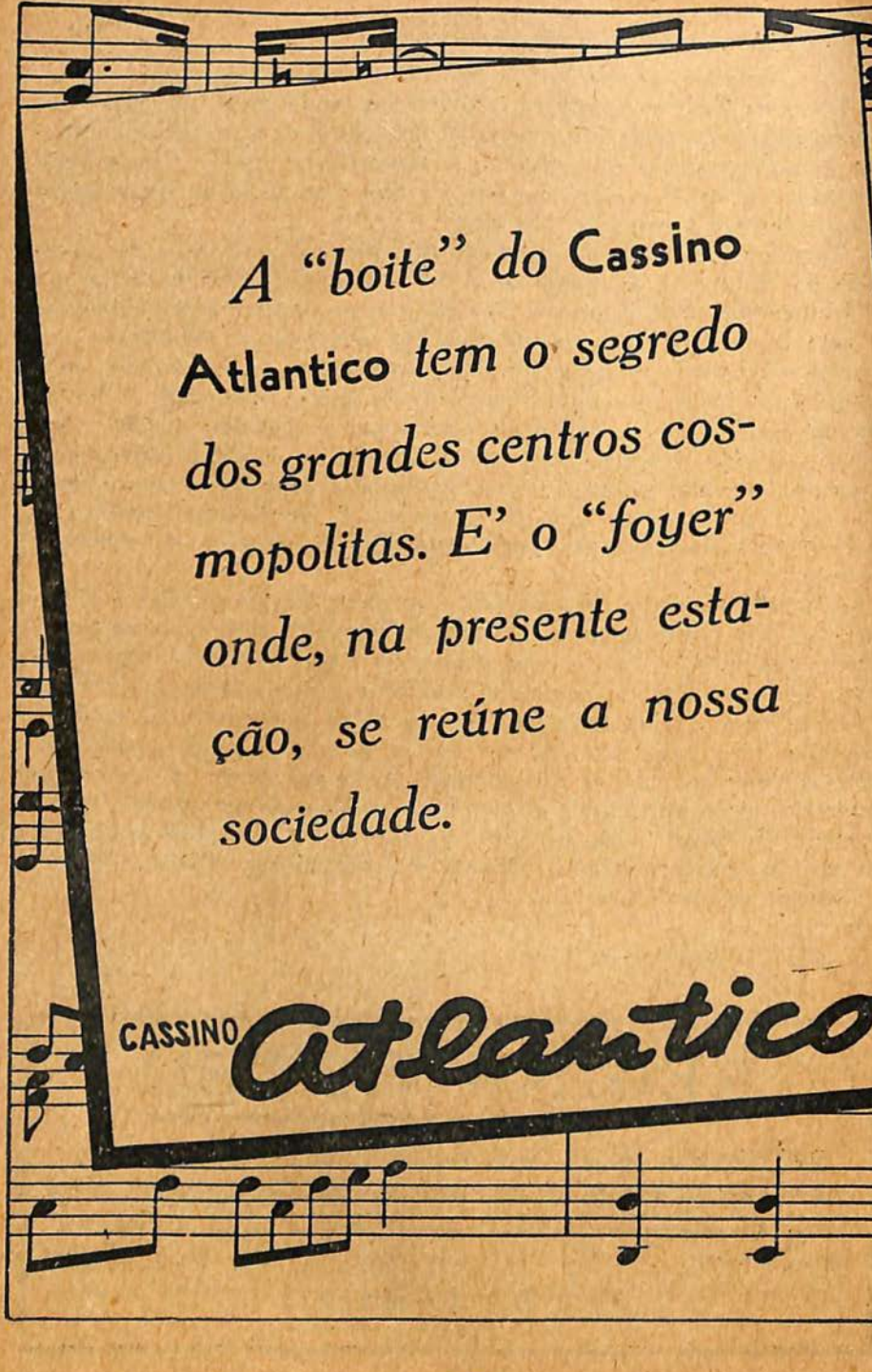
(\*) Capistrano de Abreu.

## REGINA HOTEL

PRÓXIMO AOS BANHOS DE MAR E A 5  
MINUTOS DA AVENIDA RIO BRANCO

RUA FERREIRA VIANA, 29-JUNTO À PRAIA DO  
FLAMENGO -- TEL. 25-7280. END. TELEG. "REGINA"

RIO DE JANEIRO

The text is framed by musical notation on staves. At the top, a staff with a treble clef contains several notes. On the left side, a staff with a bass clef contains notes. At the bottom, a staff with a treble clef contains notes. The text is centered within this frame.

A “boite” do Cassino  
Atlantico tem o segredo  
dos grandes centros cos-  
mopolitas. E’ o “foyer”  
onde, na presente esta-  
ção, se reúne a nossa  
sociedade.

CASSINO

*Atlantico*

# A Instrução de Tiro de F. O.

(Seu aproveitamento maximo dentro da dotação)

pelo Capitão *Marílio Malaquias dos Santos*

Sendo o tiro um dos ramos mais importantes da Instrução, devemos dedicar-lhe todos os esforços e carinho, de modo que, pelo menos, cada reservista que da caserna saia, esteja em condições de efetuar o tiro até 400 metros. E para isto ser obtido, necessário se torna, que o soldado, quando em serviço ativo, tenha executado todos os tiros da série, pois só com o treinamento é possível ser obtida a prática.

Na guerra atual, em que como doutrina, o Exército alemão utiliza no máximo o fogo, para dar sempre ao inimigo a impressão de que o efetivo da tropa em luta é superior do que o é na realidade, preciso se torna, que cada Brasileiro que empunhar um fuzil nos campos da luta, o faça eficientemente, com grande rapidez, mas, também, com o máximo aproveitamento, para que não haja desperdício de munição. E, assim, toda a munição que fôr consumida em tempo de paz com uma instrução de tiro de ótimo aproveitamento, representará uma grande economia na guerra.

Baseado nestas considerações, é que julgamos oportuno este pequeno estudo, que resolverá, cremos, as dificuldades que anualmente sente um Cmt. de Sub-unidade, para dentro da dotação orçamentaria, conseguir com que o maior numero possível de soldados execute todos os tiros a distancia real. Sendo a tabela da dotação de munição de carater reservado, este estudo não poderá ser tão explicito como éra nosso desejo, pois, não nos podendo basear em numeros, seremos obrigado a um exame mais geral.

Pela dotação, um soldado fuzileiro que fôr reprovado em um exercício de tiro, quer da distancia reduzida ou da real, não poderá completar a série, ficando, se fôr uma só vez reprovado, impossibilitado de executar o tiro a 400 metros. Sendo peor a sua situação, caso sofra mais uma reprovação, o que nem sempre depende exclusivamente do atirador, pois, temos que levar em conta a arma, que, embora escolhida entre as de melhores calibres, são utilizadas em todas as demais instruções, o que sempre prejudica um pouco a sua eficiência, as condições atmosféricas, a qualidade do estande e as vezes, também da munição. Já com o soldado volteador, por ser um pouco maior a dotação da munição destinada aos seus exercícios de tiro, a situação melhora um pouco, mas ainda é precária, pois sendo um elemento que no combate somente emprega, como arma, o seu fuzil, deve estar em condições de executar com este o tiro em todas as posições e dentro dos alcançes eficientes da arma. E o que se verifica é que sendo reprovado uma só vez desde que seja em uma das posições em que haja o tiro de ensaio, não poderá mais sofrer nenhuma reprovação, sob pena de ficar impossibilitado de completar a série; nas demais posições, só poderá ser reprovado no máximo em duas.

Considerando-se que nem todos atiradores possuem ótima visão, que por mais perfeita que tenha sido a instrução técnica, não se poderá corrigir completamente o sistema nervoso do atirador, o qual só mostrará melhoras com a continuação de exercícios de tiro e, finalmente, que há exercícios mais ou menos difíceis, como os de números 8, 10 e 11, verifica-se que a munição destinada à realização dos tiros previstos é, pôde-se dizer, pequenissima.

Como resolver este problema, sem que haja necessidade de um aumento no consumo da munição e com toda honestidade possível no critério da marcação do tiro, só passando aqueles que tenham na realidade atingido, pelo menos, o limite mínimo exigido na posição ?

A solução para o caso será a economia de munição feita no bom atirador, em proveito do mal. Mas para que a Cia. a primeira vez que fôr ao estande já tenha, mais ou menos selecionados, os bons atiradores, faltando a última prova, que é o primeiro exercicio de tiro real realizado, torna-se necessário que a instrução técnica do tiro, tenha sido ministrada com a máxima dedicação, com grande constancia e por auxiliares conhecidos como bons instrutores e atiradores, para que se possa ter confiança absoluta nos triangulos de pontaria. Abrindo aqui um parentesis, aconselho a todos os Cmts. de sub-unidades, que desejarem levar ao estande sómente homens que saibam realmente fazer uma visada corrêta, a empregarem na instrução preparatoria um aparelho de visada, de facil manejo e grande eficiencia, de autoria do soldado musico JOÃO JOCA, pertencente ao 3.º Regimento de Infantaria.

Vejamos como fazer a economia.

1.c) Abolindo o tiro de ensaio a todo bom atirador.

2.º) Diminuindo de um tiro as posições ns. 3 e 9, isto é, distribuindo sómente 4 tiros, visto ser a condição de passagem 3 impactos; isto ao bom atirador;

3.º) Suprimindo tambem um só tiro nas posições ns. 10 e 11, embora a dotação seja de 7 tiros e a condição de passagem 4 impactos no circulo maior, mas isto se levando em consideração a distancia (300 e 400 metros respectivamente) e as posições (deitado, com a arma livre e de joelhos, com a arma livre).

Com esta economia uma sub-unidade eficazmente instruída na parte técnica do tiro, conseguirá no fim do ano de instrução estar com os seus elementos no mesmo nivel, isto é, terem feitos todos os tiros previstos na série.

Este sistema de economia poderá trazer em alguns casos o prejuizo individual, para o bom atirador, pois, muitas vezes, si fizesse o uso de mais um cartucho, a sua classificação de Bôa, si fôsse o caso, poderia passar para Muito Bôa, mas nun-

ca o de ser reprovado, visto que, si algum imprevisto acontecesse, lhe seria fornecido a munição que iria economizar.

Mas para Cia. nenhum inconveniente haverá, visto a classificação ser feita pela quantidade dos homens nas diferentes posições e não pela qualidade dos atiradores da Cia. Baseando-se neste sistema de classificação, verifica-se que estas sugestões estão perfeitamente enquadradas, pois, é fóra de dúvida, que uma sub-unidade que no fim do periodo apresente todos os seus homens como tendo realizado os tiros previstos na série, embora com a proporção mínima de atiradores classificados como Muito Bons, será muito mais eficiente para guerra, do que uma Cia. que cerca da metade de seus homens sómente tenha conseguido passar por todas as posições, apresentando homens ainda nos tiros 8, 9 e 10, embora a porcentagem dos atiradores classificados como Muito Bons nos diferentes exercicios, seja o dobro do da outra.

Quanto ao pedido da munição nenhuma dificuldade haverá, porquanto os estojos serão todos recolhidos, visto que a munição será na realidade consumida.

Na parte relativa a escrituração, uma vez que esta economia fôsse oficializada, poder-se-ia escriturar para o bom atirador o número de tiros com que na realidade passou na posição e escriturar no mal o número de vezes que repetiu a posição, collocando na observação a situação de ter sido realizada com economia ou não. Isto facilitaria muito o contrôlê do consumo da munição.

Caso a economia, dentro da base acima, fosse maior do que a necessaria para que todos os homens da Cia. completassem a série, esta seria recolhida ao Almoxarifado juntamente com os estojos e seria uma munição que a sub-unidade contaria para o treinamento dos seus bons atiradores, para os concursos de tiros.

Estas são as sugestões que creio resolveriam o problema de tiro de F. O. em uma sub-unidade.

# ○ Soldado Ferroviário

1.º Ten. LINDENOR DE MELLO MOTTA

*No presente artigo desejo fazer uma apreciação geral do grande acervo de realizações do soldado ferroviário, mostrando, sob uma forma comparativa, o modus vivendi daquele pioneiro do progresso.*

O soldado ferroviário, nos últimos anos, tem representado no Exército, talvez o menor contingente que é consagrado reservista combatente do Brasil, pois o Primeiro Batalhão Ferroviário é a única seara aonde se forma atualmente, aquele obreiro, quasi anônimo do nosso engrandecimento, ao mesmo tempo que se torna a coluna aonde repousa a garantia da continuidade das nossas comunicações ferroviárias em tempo de guerra.

Tenho acompanhado, como a totalidade dos nossos oficiais, o desenrolar da atual guerra, para o que possuo como termo principal desse determinante, a nossa colenda "A DEFESA NACIONAL", e não tive ainda a oportunidade de ver uma descrição exclusiva dos feitos desse modesto servidor do Exército, e no teatro da luta; entretanto ouço diáriamente: "A R.A.F. bombardeou hoje importante nó Ferroviário; os Russos destruíram grande extensão das vias férreas que levam a Berlim; os Exércitos Alemães em seus recuos tem destruído todo sistema Ferroviário que vão deixando para a retaguarda". Quem efetua num lapso de tempo o mais curto possível tais reconstruções de importância vital para as nações em luta? Naturalmente, o soldado Ferroviário.

O Snr. Ten. Cel. Lima Figueiredo nos trouxe do Extremo Oriente importantes notícias sobre as Unidades Ferroviárias Japonesas, e mostrou Á ARMA DE ENGENHARIA BRA-

SILEIRA, como se desenvolve a instrução daquela tropa naquella País, apresentando, outrossim, dados dalguns rendimentos alcançados. Tais ensinamentos nos levam instintivamente, a fazermos uma comparação entre aquelle e o nosso soldado Ferroviário e podemos inferir, com satisfação, ser o nosso, melhor e no mínimo igual áquelle. Tal conclusão se chega pelos resultados alcançados nas construções das Ferrovias em que os nossos soldados são, numa feliz determinação, empregados. Digo feliz determinação porque no útil emprego dos soldados executando as missões dadas ás COMISSÕES DE ESTRADA, os nossos quadros da Arma de Engenharia, encontram ambiente fertilíssimo para se desenvolverem, tendo em vista a exuberância de recurso necessário para que as referidas Comissões se desencumbam das suas missões, os quais meios são collocados a disposição das UNIDADES, que teem sob a sua direção. A tal respeito vejamos o caso do Primeiro Batalhão Ferroviário e nele apreciemos o soldado: — o Primeiro Batalhão Ferroviário é anualmente responsável pela execução de dois programas, um essencialmente técnico e outro, o seu normal, de instrução, e conforme a orientação geral do Comando o Batalhão é ora inclinado para o primeiro ora para o segundo, sendo necessário para a execução dos dois, e de uma forma que possamos dizer ótima, esforços enormes. Durante o tempo que serví naquela Unidade, o Batalhão era treinado de forma surpreendente para a formação do soldado essencialmente técnico-ferroviário, isto é, ótimos soldados de avançamento e de nivelamento de linha, bons executantes de terraplenagens; no que diz respeito á formação de cabos, formámos ótimos chefes de turmas, especialistas em lidar com explosivos, bons maquinistas, telefonistas, exploradores de movimento de trens, e chefes de Estações; finalmente no tocante aos sargentos, conseguimos ótimos mestres de obras, dedicados e competentes mestres de linha, e treinados chefes de seções de oficinas.

Durante a construção da linha de S. Tiago a S. Luiz, aonde empreguei as minhas atividades, a preocupação máxima de

todos que comigo morejaram, era apresentar, no fim do dia, o maior rendimento possível de trabalhos concluídos, de forma que, para executarmos os demais assuntos do programa, aproveitávamos da seguinte forma: — Os dias chuvosos, — que em determinadas épocas do ano são em grande quantidade, — para ensinarmos a instrução geral e Educação Moral, também para efetuarmos a limpeza e reparação do material; os domingos e feriados para efetuarmos a instrução de tiro; nessas instruções os soldados se empenhavam de forma muito entusiasmante, pois os resultados conseguidos sempre foram ótimos, isto é, raros soldados não conseguiam colocar de três a mais impactos no espelho; resultados esses obtidos quer por ter sido ensinado, a miúdo, e facilmente assimilada, a instrução preparatória, quer porque nós empregávamos ótimos mosquetões, alguns novos e na sua maioria mosquetões recompostos pelo Arsenal de General Camara.

Parte do pessoal durante os domingos e feriados era empregada para o transporte do material, a-fim-de efetuarmos o abastecimento das várias construções que iam sendo ombreadas concomitantemente.

O soldado Ferroviário, denominação dada áquele que, vindo da colônia ou da cidade, tem a ventura de tirar o seu tempo militar, conduzindo em seus ombros, a semelhança do antigo batalhador quando conduzia o archote sacrossanto do cumprimento do dever o entregava á seguinte geração, prenhe de vitória em todas as suas componentes que dirigiam o desenvolvimento da Pátria para cima e para o alto; aquele nosso soldado ao receber das mãos do seu comandante de companhia o certificado de reservista, sente a satisfação de ter deixado nas paragens, muitas vezes inhóspitas e insalubres, por onde passaram, o traço indelével de uma vida profícua e produtora; ele mostra de forma inequívoca, ao companheiro que o vai substituir, o resultado de um esforço inteiramente dedicado ao serviço do Brasil, cuja confirmação se caracteriza de forma elementar, pela vibração que sacode para frente aquelas para-

gens, já então despertadas diáriamente e de forma regular, pelo silvar da locomotiva, levando com o seu resfolegar incansável, a prosperidade aos recônditos mais longínquos da nossa Pátria.

O soldado Ferroviário não tem, normalmente, como os seus companheiros das outras Armas, o prazer de mostrar, nos dias de Festa Nacional e pelas avenidas engalanadas, o resultado dos conhecimentos da brilhante ordem unida, auridos durante os inflexíveis exercícios.

O soldado Ferroviário não tem oportunidade, como os demais de, sob a aclamação do povo, sentir o mixto de orgulho e alegria, maximé ao passar por um grupo de admiradores ou admiradoras de sua Unidade e receber delas os justos vivas; ele não tem oportunidade de sentir o frenezí, ou uma coisa qualquer que talvez tenha como limite o êxtase da suprema satisfação, ao passar em frente aos palanques das autoridades, sob o som de bandas marciais, e ao efetuar a sua impecável continência receber delas, como uma afirmação da sua intangibilidade, a saudação misturada com uma salva de palmas. Ele não sente o prazer que causa uma **DISPENSA DA REVISITA** que o permitisse ir ao cinema ou ao **FOOTING DA PRAÇA**; ele é destacado, depois de um curto espaço de tempo de adaptação na sede da Unidade, para locais os mais variados possíveis e todos em plena **CAMPANHA**; ele fica nesses locais sob as ordens, normalmente, de um oficial jovem, cheio de ardor e que possui comumente a mística do trabalho, e tem ainda em seu espírito, bem vivo, o lema que o guiou nos inclementes exercícios da Escola Militar: **O SOLDADO É SUPERIOR AO TEMPO** e com ele (o soldado Ferroviário) desde que o Sol aparece até que se põe, e muitas vezes pela noite a dentro enfrentam, sem fraquejar, as intempéries e os precalços das missões a serem cumpridas.

O soldado Ferroviário não tem, como os seus colegas das outras Armas, o prazer, de após o seu árduo trabalho, repousar num alojamento confortável, ou divertir-se na Biblioteca das praças, aonde encontram-se também jogos de salão. Ele dedi-

ca as suas poucas horas de lazer, á lavagem da sua própria roupa ou ao jogo de "Bocha" em canihas improvisadas. Ele habita em alojamentos de madeira cobertos de zinco, hostís nas duas estações fortes do ano.

O soldado Ferroviário não tem o contentamento íntimo que causa a todos soldados, o testemunho dos seus amigos e parentes, ao vê-los voltarem ou saírem para um exercício fora do quartel, maximé quando voltam, a maior parte visivelmente cansada, e não obstante, entôa com ardor as canções das suas Armas. Os únicos testemunhos do soldado Ferroviário são : o quero-quero o qual com seu estridente e constante alarme, apenas quebra a monotonia de que se reveste, ás vezes, a continuidade do trabalho a par de um cenário pouco variável; o anum branco e o gado que com os seus movimentos formam, nas cochilhas ondulantes e que se sucedem sem cortes bruscos, um panorama harmonioso de um bucolismo imutável. Ao voltar da seara, ora sentado ora em pé nas pranchas puxadas pelas pequenas locomotivas, um bem cansado, deixa transparecer em seu semblante um mixto de melancolia e satisfação, nascido das saudades dos seus pais ou da noiva que deixou na Colônia distante; satisfação, por poder voltar de trem, pelo mesmo caminho, que na manhã tivera que atravessar a pé, e isto concorrera para se alcançar, em tal dia, "TUPANTUBA", aonde falam, haverá churrasco; outro, mais forte, vem descrevendo as fases humorísticas registradas no dia, o que torna a viagem cheia de lances alegres. Todos eles repetem e sentem os dizeres dos oficiais: "hoje aumentámos de mais alguns metros os braços do Brasil, que partindo dos grandes Centros, parece, num perene amplexo, querer abraçar o interior". Os mestres de linha veem descrevendo fatos de antigas construções: "certa vez, no rigor do inverno, foi decidido que a alvorada passaria a ser ás quatro da madrugada, a-fim-de que os soldados não se alarmassem com a "Grossura da Geada", isto é, iriam até o local do trabalho ainda ás escuras, e em lá chegando, não temiam vontade de falharem, pelo contrário, procuravam me-

xer-se o mais possível a-fim-de não sentirem o "LEVANTAR DA GEADA"; foi realmente uma ótima medida do SENHOR TENENTE, que, em nossa companhia, só víamos a geada na ponta da linha.

Para o soldado Ferroviário os dias são aqueles que marcam a chegada das pontas dos trilhos à determinada localidade, a conclusão da abertura de um corte ou o término de um aterro; nesse dia o rancho é melhorado, isto é, há churrasco e guaraná, e é deixado para um lado, e por um dia, o pesado trilho, o dormente, a marreta de pregação, a pá e a picareta.

A-pesar do padrão de vida desigual, ele gosta muitíssimo da vida que leva, pois é fácil a sua adaptação, tendo em vista ser a dedicação ao trabalho o essencial para o desempenho do seu dever, e isto, ele, na sua maioria, já o tem na massa do sangue, e a vida se torna, na realidade, muitíssimo entusiasmante, principalmente quando, O AVANÇAMENTO OU O NIVELAMENTO DA LINHA se aproxima de uma determinada localidade, que há muitos anos está a espera dos trilhos; a esse respeito me lembro de quando a linha aproximava de S. Luiz Gonzaga, Cidade que desde o tempo de PINHEIRO MACHADO esperava a estrada de ferro, registraram-se fatos como o que se segue, o qual demonstra a anciedade do povo daquelas plagas missioneiras: "QUANDO FUI LOCAR A ESTAÇÃO DE S. LUIZ GONZAGA, um velho contemporâneo de Pinheiro Machado perguntou-me: Tenente, quando verei os trilhos? Desde 1914 que eu vejo engenheiros chegarem com aparelhos, depois ví oficiais baterem a estaca zero, porém nunca ví os trilhos, chego as vezes, a não acreditar que antes de morrer os verei. E para mais uma glória do soldado do Primeiro Batalhão Ferroviário, os trilhos lá estão, e o velhinho pode, ainda com seus oitenta e seis anos, BATER O ÚLTIMO PREGO. Por esse tempo o soldado Ferroviário não invejava de forma alguma os seus irmãos das outras Armas, pois, era alvo das maiores demonstrações de carinho por toda aquela região, a nós legada pelos nossos ante-

passados Paulistas para a qual, a roda e o trilho, conduzidos por seus braços, levavam a prosperidade. Com esse último feito o soldado Ferroviário, ou melhor o soldado do Primeiro Batalhão Ferroviário orgulha-se de ter concorrido de forma muitíssimo destacada para ter, no decênio 1932-1942, concluídos quinhentos quilômetros de estrada de ferro, isto é, uma admirável média de cinquenta quilômetros anuais entregues a um tráfego seguro.

O soldado Ferroviário, finalmente, possui em alto grau, além dos sentimentos que tangem os demais soldados, a convicção de que está desenvolvendo um esforço eminentemente útil, elevando numa realidade incontestável politicamente a unificação nacional, ao mesmo tempo que amplia, facilita e completa o sistema interno de comunicação Ferroviária; tal sentimento atinge ao máximo quando ao ser entregue, á utilidade pública o "substratum" de sua atividade, vê, no desfile inaugural, e na mistura das aclamações frenéticas do povo, a tríplice representação tangível do Brasil.



ABERTO DAS 9,30 AS 19 HORAS - SEM INTERRUPÇÃO  
RUA 7 DE SETEMBRO, 98/100 - RIO - TELS. 42.9073  
42.2474

# O Brasil precisa de mais cimento

Todo esforço que se faça no sentido de ampliar a industria do cimento, em nossa pátria, bem merece os mais acêsos aplausos. E' que, agora, mais que nunca, o Brasil precisa de cimento e poucas são as fábricas existentes, não chegando sua produção para fazer face às necessidades sempre crescentes da nossa industria da construção civil.

Ainda há pouco, em memoravel entrevista cuja repercussão foi profunda, o ilustre militar que é o general Agostinho dos Santos ressaltava a necessidade que o país tem de instalar novas fábricas de cimento, afim de que o seu progresso não estacione. Dizia isso o brilhante soldado após visitar as instalações da Cia. Cimento Portland do Paraná, que a energia e o patriotismo do engenheiro Jorge Bueno Monteiro estão erguendo no solo fértil da gleba paranaense, onde o Interventor Manoel Ribas, com seu alto senso administrativo, incentiva todos os empreendimentos industriais capazes de acelerar o ritmo de progresso que sacode a terra de Emiliano Pernetta.

Será, essa modelarissima fábrica de cimento, uma contribuição valiosa para nosso engrandecimento industrial. Sua produção, que será das maiores, concorrerá para que não importemos tanto cimento estrangeiro e será, também, um valioso incentivo à construção civil, hoje sujeita a cotas que não chegam para as grandes tarefas que se lhe apresentam.

Ainda há poucos dias, falando sobre a situação angustiosa que vive a industria de construção civil, no que se refere a cimento, dizia o sr. Martins de Almeida, secretário do Sindicato da Industria da Construção Civil:

"Quanto ao cimento, é sabido que a cota destinada à construção civil está muito aquém das suas necessidades normais. Além do racíonamento a que estamos procedendo, dentro das normas que acabo de expor, resta-nos uma única solução que é a da importação do produto similar estrangeiro".

Dessas palavras se conclue que, empreendimentos como a instalação da Cia. de Cimento Portland do Paraná, ou outros que venham a ser tentados, com o objetivo de alargar a produção de cimento no Brasil, representam valioso e patriótico serviço prestado à nação e ao surto acelerado de seu progresso. Foi isso, aliás, que em períodos claros e incisivos, afirmou o general Agostinho dos Santos em sua oportuna entrevista, acentuando a necessidade que o Brasil tem de produzir cimento, muito cimento.

Justifica-se, pois, diante dos fatos em toda sua eloquência, o apoio que todos os círculos econômicos e industriais estão prestando ao organizador da nova fábrica de cimento, engenheiro Jorge Bueno Monteiro.

# 315

## ○ Oficial de Ligação na Artilharia

Relatório do Cap. W. V. Ledley, da AA. Norte Americana, extraído de THE FIEL ARTILLERY JOURNAL, de Jan. de 1944. (Tradução do Ten. Cel. Armando Vasconcelos).

O artigo que temos o prazer de apresentar, pareceu-nos muito interessante, porque se trata de um relato sincero, fiel e instrutivo sobre a difícil tarefa de oficial de ligação da A. junto à I. correspondente a episódios passados no atual conflito. Esse trabalho põe em relevo o papel das transmissões e suas necessidades para facilitar a delicada e penosa tarefa do interprete do comando da A. junto aos comandos interessados pela sua intervenção *rápida, oportuna e decisiva*.

Essas triplice característica da intervenção do fogo na batalha, envolve toda a complexidade dos problemas atribuídos à A. Divisionária (organica e de reforço) e como que justifica a existência de órgãos especiais consignados na organização das unidades de emprego, todos, porem, tiranicamente condicionados por sua "magestade" — as transmissões.

De feito, elas são indispensaveis para satisfazer:

- as necessidades intrinsecas da A
- as necessidades de sua combinação com as outras armas na execução pura e simples da manobra.

Na 1.<sup>a</sup> categoria, essas necessidades destinam-se a atender:

- a *direção do tiro*, problema tecnico das baterias (P.D. Linha de fogo, P. C., etc).
- a *direção do tiro*, problema técnico das baterias (P.D. tico dos grupos visando a articulação dos tiros das baterias no quadro da manobra. Graças a essa coor-

denação é possível centralizar essa direção até nos escalões superiores.

Na segunda categoria, elas devem facilitar aquela manobra de fogos, tendo em vista o seu emprego em massa em combinação, essência da manobra a realizar.

Para que tudo isso se processe rápida, precisa e eficazmente, a A. tem necessidade de órgãos complementares capazes de assegurar sua ligação com as unidades a apoiar:

- os observadores avançados assegurando a continuidade de ação em qualquer emergência do combate e garantindo a segurança das tropas amigas, não importa onde estejam.
- os observadores aéreos orgânicos que completem a tarefa dos primeiros e de grande utilidade na remoção de incidentes no combate.
- o oficial de ligação com seus auxiliares imediatos, constituindo os destacamentos de ligação. São órgãos permanentes. Tem um duplo papel — manter constantemente informados os comandos da A. e da Arma apoiada, sobre a situação do momento, seu dever, missão atual e suas possibilidades, facilidades para o desempenho de missões complementares, natureza dos objetivos e seu selecionamento oportuno, enfim é o hiato do binário fogo-movimento.

Todo esse trabalho, porem, como sabemos tem seu exito esteiado no funcionamento perfeito das transmissões.

O merito do trabalho está em apresentarmos nas situações correntes do combate, as condições favoraveis para o emprego dos meios de transmissões-radio e fios telefonicos simultaneos ou separadamente. Alem disso, serve de magnifica advertencia sobre o carater especial da instrução a ser ministrada a estes órgãos auxiliares da A., geralmente descurada.

Passemos a palavra ao Cap. Ledley.

Quando me foi confiada a tarefa de oficial de ligação de

um Batalhão de A. media, eu tinha uma concepção vaga dessa função.

Os Manuais de Campanha não são muito explícitos a respeito de ligação, particularmente no âmbito da Artilharia Média.

Depois de algumas experiencias durante a campanha da Tunisia e, recentemente da Sicilia, chegou-se a estabelecer um processo exequível, que foi largamente difundido.

Embora o T/O, de Abril de 1942, sobre que ainda trabalhamos, cogite apenas de um oficial por seção (1), temos invariavelmente sido obrigados a fazer a ligação com os dois Grupamentos Táticos (combats teams) mais ativos. Isto se tem executado, a despeito à dificuldade de reforçar aquela dotação, mas premidos pelo perigo de poder atirar sobre eles em qualquer área em que possam atuar atravez da unidade de tiro de artilharia responsavel por aquele setor.

Não obstante todos os esforços envidados, a A.D. nem sempre pode estar informada sobre a última linha atingida por todas unidades que compõem a frente da Divisão.

Cada uma de nossas seções (de ligação) tem sido constituída de um NCO (Sgt. observador), 1 radio operador, 1 mensageiro, 1 "jeep" com reboque porta munição de I., 1 aparelho radio S. C. R.-610 e um radio S. C. R.-294, ambos montados.

Não há dúvida que nosso pobre "jeep" fica sobrecarregado com tanta cousa, mas cada homem e equipamento discriminado torna-se indispensavel.

O motorista para levar-nos e escrever as mensagens, o Sgt. Obs. (N/C/O) para substituir o oficial (a ligação criteriosamente executada tem um ciclo de 24 horas durante uma

---

(1) O T/O e o T/Es, datados de 15 de Julho de 1943, prevêm, para a A. Media, apenas 1 oficial de ligação (capitão), 1 "jeep" com 1 posto de S. C. R.-610 montado e um motorista.

Advertimos que alguns pormenores aqui descritos não correspondem necessariamente a situação preconizada pelas novas tabelas, embora sigam rigorosamente os principios regulamentares que permanecem os mesmos. (O Editor).

ardua batalha), o radio operador para trabalhar continuamente quando não houver direta pelo fio entre os batalhões. Nas situações de perseguição tem-se normalmente esse caso. Nessas situações, desde que a A. percebe que já não há I. suficiente à sua frente, torna-se essencial assegurar uma instantanea alternancia dos meios de transmissões, independentemente de fios.

Nos terrenos difíceis sobre que temos operado, quando o Batalhão leve avança para a frente permanecendo o Batalhão Medio em posição, o S. C. R.-610 fica fora de alcance o que obriga o emprego imediato do S. C. R.-284.

A solução ideal, sobre o ponto de vista transporte e transmissões, consistiria em levar-se um carro de comando com um S. C. R.-608 montado que satisfaria todos os casos.

Quando fui destacado para junto do P. C. de um Batalhão leve, procurei instalar-me junto a uma arvore existente a umas 50 ou 100 jardas da Central de tiro. Si o Batalhão em apreço estendesse uma linha para entrar na central do Batalhão apoiado, bastaria a inserção de um quadro nesse central para que eu e a central de tiro pudessemos contar com uma linha direta, o que é essencial para facilitar a execução das missões urgentes de tiro.

Ainda que se mantenha uma escuta permanente no âmbito da central de tiro, é impossivel ficar-se ao corrente da situação porque as informações sobre os resultados das missões de tiro são recebidas por partes e fragmentadas. Por mais ativo, pois, que seja o E. M., a carta da situação nesses momentos tormentosos da luta, não terá seus dados em dia. Para poder manter meu Batalhão informado, nessa fase, sobre a situação que é frequentemente confusa, terei certamente uma tarefa difficil, agravada em certos momentos pelas transmissões. Daí a condicional de que, somente quando se dispuzer de uma linha direta, será possivel contar com dados completos sobre a situação vivida, em condições de serem explorados utilmente.

Quando se conta exclusivamente com o radio, tendo que trabalhar frequentemente sem luz adequada para a cifração

conveniente das mensagens, além da perda de tempo há o risco de erros, de modo que os dados tendem a se tornar obsoletos quando forem recebidos. Nesse sentido não se evoluiu satisfatoriamente quanto a rapidez na transmissão das mensagens, inclusive em códigos que se aconselham nesse gênero de mensagens para facilitar sua transmissão. Certas unidades devem ser preparadas especialmente no manuseio dos códigos de mensagens, constituindo um recurso excelente para a execução das missões de tiro, mas de necessidade absolutamente limitada para outros usos.

Um outro meio prático e exato para a informação sobre a situação, consiste no calco, mas há o inconveniente de exigir um portador. Justifica-se muitas vezes, a hesitação de se expedir o único "jeep" para conduzi-lo, prevalecendo duas razões principais: 1.º se terá que deslocá-lo várias vezes por dia para, talvez, levar muito curtas notícias; 2.º devido ao tráfego intenso, seremos forçados a deslocá-lo por estradas perigosas, o que constitui um grande risco, notadamente durante a noite.

Por outro lado, as linhas telefônicas, ligando os dois Batalhões através a Central da A. D. oferecem um valor limitado para o oficial de ligação, salvo nas transmissões urgentes. Uma ou outra dessas linhas está constantemente ocupada e, si uma delas necessita entrar em conexão por muito tempo, essas duas unidades ficarão impedidas de se comunicarem com o Q. G. do escalão superior.

Em tal emergência, é mais aconselhável confiar inteiramente no rádio, sobretudo quanto as missões de tiro. As missões de tiro eventualmente ocupam grande espaço de tempo. Ainda assim, será vantajoso e possível ligar um observador da A leve diretamente com a nossa própria central de tiro. Eu raramente fiz assim e comumente retransmiti as mensagens por meio de postos de muda. Não obstante, reconheço que há grande probabilidade de erro nessa retransmissão, especialmente quando o observador está inquietado pelo fogo inimigo e tem que

enviar seus comandos ao telefonista situado no sopé de uma colina exposta.

Ao iniciar a tarefa, conheço perfeitamente como minha unidade pretende cumprir sua missão, porem si as cousas se tornarem mais ou menos confusas na execução do combate, precisarei novos esclarecimentos que me devem ser proporcionados afim de evitar a tendencia para divergencias de interpretação, as quais devem ser reduzidas ao mínimo.

Essas providencias tornam-se importantes quando o observador vai partir e terá que falar atravez de um posto duplo de muda de radio ou conversar com uma seção de linha, os quaes devem ser autorizados a servi-lo e não repeli-lo.

Um dos deveres do oficial de ligação consiste em declinar de atender certos objetivos indicados, fora do alcance da A. Media.

Muito frequentemente, tive que ir de encontro ao meu próprio julgamento sobre o tipo mais conveniente de objetivos, particularmente de contrabateria, devido a tendencia condenavel das unidades de apoio direto quererem intervir para mostrar sua própria eficacia o que resulta, temporariamente, em ser esquecida a nossa presença.

Certa vez, tive que consultar o PC sobre qual era o emprego da outra Artilharia, de vez que conheciam tão bem nossas possibilidades e o que deviamos fazer? E nesse caso, porque não iam para junto da Infantaria?

As razões expressas foram: a I. está bem coberta pela ligação, pelos observadores avançados, os P. O. das baterias em apoio direto às unidades e, ainda, pelas transmissões. Si nos deslocassemos, com nossos radios e tendo que estender linhas telefonicas, os dois Batalhões ficariam fora do alcance das transmissões, anulando, pois, a nossa missão de reforço.

Em taes emergencias, os radios das unidades apoiadas ficariam indisponiveis, ocupadas com suas próprias missões.

# "Ensaio de Psicologia da falta disciplinar nos Corpos de Tropa"

Pelo Capitão *Carlos Coary de Iracema Gomes*

As fileiras de nosso Exército, alongando-se cada vez mais com elementos originários de meios diversos, constituem massa heterogenea que precisa ser trabalhada pelos instrutores com habilidade e carinho.

Orientar novos soldados na vida militar, amoldar-lhes o carater, desenvolvendo certas qualidades, anulando alguns defeitos e penetrar em seu íntimo, compreendendo-os para bem comandá-los, não é obra facil. Exige inclinação especial e sobretudo experiência.

Educar é problema de capital importância cuja dificuldade é mais crescente, quando se trata de adultos de carater já formado e que pretendemos modificar durante o curto tempo do serviço militar.

Muitas vezes o chefe assume o comando de uma tropa cujos homens desconhece em quasi sua totalidade. Os erros de psicologia em que incorre arrastam os subordinados ao cometimento de faltas que poderiam ser evitadas. Para disciplinar uma tropa é preciso observar, perscrutar e conduzir, pouco á pouco, ao caminho certo, o que não é possível em curto tempo, porque educar é sugerir diretamente e produzir, pela ação repetida, um certo numero de hábitos necessários que se tornam impulsões reflexos que dominarão ou desenvolverão as tendências naturais. Essa transformação só se pode operar lentamente.

Certo comandante disse-nos com muita perspicácia: — "Quando o xadrez está muito cheio, sempre nós é que estamos errados" — Realmente, quantas vezes no exercício de nosso

comando temos podido evitar que um subordinado se desorientado ?

Sabemos do valor de um conselho para certos homens e de sua inutilidade para alguns caracteres. O efeito do castigo depende da natureza íntima de cada indivíduo. Produz reações que variam desde a revolta interior ao medo que toma forma de submissão. Assim sendo, essa palavra adquiriu muitas definições de acordo com o ponto de vista de cada época, do meio e mesmo de cada autor. Vejamos algumas das colecionadas por Frederico Nietzsche quando esse filósofo estuda a origem da moral.

— "Castigo, meio de impedir o criminoso a continuar a causar danos".

— "Castigo, meio de redimir-se para com a pessoa ofendida e sob uma forma qualquer" (por exemplo, uma compensação em forma de dor).

— "Castigo, meio de restringir e limitar uma perturbação de equilíbrio para que não se propague".

— "Castigo, meio de crear uma recordação, quer no castigado (correção"), quer nos espectadores".

Para Guyau o castigo é apenas um símbolo. Diz que o fator precípua é a pena moral que deve acompanhar a pena física e depois substituí-la. Firmado neste princípio com o qual inteiramente concordam todos os educadores modernos, nosso regulamento disciplinar exclui a pena física (prisão) quando são notados os efeitos morais desejados. No decorrer de nossa vida profissional, num período cerca de dez anos, estudámos com atenção a gênese da falta disciplinar. Pela análise metódica de tres mil fichas de punição existentes nos corpos em que servimos, pelo julgamento que tivemos de fazer pessoalmente de complicados casos que surgiram na vida diária de quartéis, podemos estabelecer dois grupos psicológicos principais, para o primeiro passo de uma classificação, em que pretendemos encontrar causas determinantes de procedimentos contrários ás imposições do meio militar. O primeiro grande grupo e dos

transgressores eventuais, onde todo soldado é susceptível de ingressar, só não o fazendo excepcionalmente. Nele encontramos os que cometem faltas por ignorância das ordens e regulamentos.

Os que não possuem boa dose de atenção voluntária. Os que são acometidos de perturbações morais passageiras, refletindo na conduta, quasi sempre de fundo afetivo ou relacionadas com o libido, tornando-os desatenciosos, desanimados ou irritados (morte ou doença de entes queridos, questões íntimas de família, irregularidade sexual, práticas onânicas etc.). Os que possuem personalidade ainda não recalcada, em virtude de educação militar deficiente ou ainda não concluída. Os que demonstram sintomas de fadiga, tornando-se irritados. Casos que se apresentam muito comumente em fim de jornadas muito trabalhosas e quando a alimentação distribuída não corresponde às necessidades orgânicas. Os que sofrem vacilação passageira de caráter, refletindo em certos atos considerados desonestos, como por exemplo, pequenos furtos muitas vezes com simulação de brincadeira entre camaradas, conhecida na gíria dos quartéis por "desapertos", não sendo acompanhados, entretanto, de características criminais.

O segundo grande grupo é o dos inadaptados. Nele distinguem-se comumente os constrangidos, para os quais o serviço militar muitas vezes entra em choque com as atividades que desejam exercer ou desempenhavam na vida civil. Os ausentes de força de vontade que sempre fraquejam nos esforços prolongados. Os que não possuem noção de dever militar, desconhecendo a importância da organização de que fazem parte e que são impermeáveis às ações sugestionadoras dos chefes.

Encerram o último grande grupo os "irremediáveis". São indivíduos de caracteres anômalos que poderão ou não ser reeducados, mas não pelo exército porque pertencem à patologia. São muito raros. Só ingressam em suas fileiras por não terem apresentado à entrada indícios de anormalidades que

os incapacitassem para o serviço militar, surgindo entretanto, depois da incorporação.

Os transgressores por inadaptabilidade são aqui considerados cientificamente normais, com excepção dos "irremediáveis" que assim denominámos, apenas em face dos recursos de que dispomos para reeducá-los, nos aspétos possíveis, posto que constituem casos clínicos e porisso fóra da alçada dos chefes combatentes.

Examinando os motivos encontrados que deram origem a punições, escrituradas em fichas que estudámos detalhadamente em nossos apontamentos pessoais, encontrámos, para mil casos de transgressões eventuais as seguintes porcentagens:

Ignorância das ordens ou regulamentos . . . .	15 %
Pouca atenção voluntária . . . . .	33 %
Perturbações morais passageiras refletindo na conduta . . . . .	15 %
Personalidade não recalcada . . . . .	24 %
Fadiga . . . . .	0,5 %
Embriaguez . . . . .	0,5 %
Outras causas . . . . .	10 %

Para os transgressores eventuais da disciplina, o castigo, quando acompanhado da pena moral, produz excelentes efeitos. Para os inadaptados não logra produzir resultados semelhantes. Para esses, nossa observação pessoal tem constatado a ineficácia das detenções ou prisões, posto que se sucedem essas sempre, cada vez mais agravadas, até o gráu máximo da exclusão disciplinar que, na maior parte dos casos, póde ser evitada pela atuação progressiva, sugestiva e diária do chefe, que deverá aplicar aos inadaptados, sempre que possível, punições leves, isso mesmo mais pelo efeito que produzirá sobre os outros elementos que achariam injusta a impunidade.

# A instrução anti-carro na Artilharia

Por um oficial de Artilharia do Exército Britânico, transcrito de "The Field Artillery Journal" de Agosto de 1943.

TRADUÇÃO DO

Ten.-Cel. ARMANDO VASCONCELOS

"A essência da tática da Artilharia Anti-Carro é a ação por surpresa, de posições bem disfarçadas e na distância eficaz de tiro".

Em síntese, uma *emboscada*.

Para isso:

a) — Os canhões devem ser abrigados e "camuflados" e as guarnições devem ser treinadas nesse gênero de posições por meio de movimentos desembaraçados.

b) — O chefe de secção e o artilheiro não devem ser treinados apenas em abrir fogo; devem iniciar-se longe de suas posições, até que possam estar aptos a:

- 1.º) — atingir o tanque no 1.º disparo;
- 2.º) — atingi-lo em um ponto vulnerável;
- 3.º) — distribuir o tiro em condições de deixar o tanque guia introduzir-se na zona de tiro dos canhões não lhe permitindo, se o tiro falhar, que se abrigue, mergulhando numa cova do terreno antes de ser submetido a mais 2 a 3 disparos.

Êstes objetivos devem ser bem apurados, expondo-se frequentemente as guarnições a situações difíceis para adquirir bons reflexos, porque os oficiais raramente estarão à mão no campo de luta e o sucesso ou desastre ficará na dependência direta da iniciativa da guarnição de cada canhão.

Os tanques não trabalham isolados mas em grupos de 3 ou mais, não raro apresentando formas heterogêneas.

O canhão se atirar de frente será rapidamente denunciado pelo clarão, podendo ser assinalado de longe, o que prejudicaria a surpresa.

Entretanto, o tanque guia sendo mais rápido, ou o tanque mais perigoso, ao apresentar-se face a arma, poderá permitir que os restantes se engajem mais cedo. Daí, dever-se silenciar o tiro até que o tanque esteja dentro das 600 jardas, ou a menor distância para sofrer o golpe do 1.º tiro. Não se deve esquecer que um mal calculado lance em distância, além de outros inconvenientes, pode ocasionar um erro. Assim recomenda-se que o escalão mais rápido deve atirar uma rajada cuidadosamente apontada sobre a 2.ª e 3.ª ordens de carros que são as favoráveis do ponto de vista anti-carro e, mercê da habilidade da guarnição, poder-se-ão dispersar os outros tanques, antes de agir.

Em consequência, seria evidente que os escalões devem ser treinados para atirar com firmeza e precisão, tão rapidamente quanto exijam as circunstâncias. A própria rapidez de fogo não é uma situação favorável ou propícia ao êxito do tiro de modo que só a habilidade e o hábito de se manter a pontaria perfeita, com rapidez, se torna condição de êxito.

A rapidez de tiro, sendo tão desfavorável à firmeza e à precisão do disparo, torna-se, no entanto, imperativa em muitos casos. O padrão mínimo de eficacia necessária seria de 50% de impactos sobre o alvo. Este o objetivo a atingir na instrução.

### CHEFE DE SEÇÃO

O Chefe de Seção está para o grupamento de canhões anti-tanques como os olhos e a inteligência estão para os atiradores.

Ele é responsável pelo correto manejo dos canhões e pela manobra do destacamento afim de que os tanques inimigos possam ser destruídos com o mínimo de rajadas. Seu primeiro dever ao avistar um tanque é distinguir se se trata de amigo ou inimigo. No Norte da África era frequentemente muito difícil consegui-lo, devido às nuvens de poeira e à obscuridade, e especialmente, porque os tanques Britânicos apreendidos eram usados pelo inimigo para preceder as vagas atacantes. É essencial, portanto, examinar os tanques tais como aparecem; havendo mais de um as diferenças podem ser notadas. Desde que se trate de tanques inimigo, o Chefe de Seção dá ordem para engajar-se e ordenará fogo, desde que o tanque tenha atingido um ponto situado à distância eficaz de seu canhão. Si a 1.ª rajada errar o alvo, deve ser imediatamente corrigida, fazendo-se uma alteração para precedê-lo ou atingi-lo em alcance. (O artilheiro nunca deve alterar seu alcance, deriva ou ponto de pontaria sem ordem expressa do seu Chefe de Seção). O objetivo consiste em *atingir o tanque rapidamente*.

Faz-se, pois, necessário selecionar com rigôr o Chefe de Seção, de modo que possua rapido golpe de vista, temperamento forte, sangue frio e senso comum.

Sua instrução deve comportar:

- a) — Instrução completa sôbre o equipamento em uso, e sua conservação em campanha;
  - b) — Instrução prática sôbre os cuidados e manutenção dos transportes a motor.
  - c) — Curso sôbre o tanque de reconhecimento.
  - d) — Conhecimento dos tanques, seus pontos vulneráveis, sua tática, etc., mediante leituras, films, diagrama, e montagem de combate onde os canhões anti-tanques tenham sido localizados.
  - e) — Avaliação de distância, de velocidade e aplicação sôbre o tanque guia. Estes resultados pôdem ser conseguidos somente pela prática e por um curso selecionado, em que se empregariam o caminhão ou "tanques simulados", como alvos para permitir ao Chefe de Seção exercitar-se durante apenas 1 semana. Este assunto talvez seja o mais importante do curso.
  - f) — Tabela de alcances para rápida e corretamente poder conduzir a reação logo que caia o tiro. Uma prática constante deve constituir a chave da instrução.
  - g) — Trabalho prático e leitura sôbre a proteção e o disface.
- Outros membros da guarnição necessitam de instrução similar. O artilheiro necessita de um treinamento especial sôbre direção e salto (entrada e saída) sôbre os tanques.

### TREINAMENTO DA GUARNIÇÃO

O exercício da bateria de canhões (batalhão) deve ser montado em um quadro tático simples, capaz de despertar interesse.

Organizam-se pequenos destacamentos, nos quais os canhões podem ser colocados a 100 jardas uns dos outros, como intervalo conveniente. Em cada canhão haverá um árbitro com o fim de criticar a posição das outras peças e observar o trabalho das guarnições.

Os pontos a serem focalizados nesta fórmula de exercício consistem na disciplina de marcha, no disface (camouflage), entrada em posição, pistas, roteiros (range cards), metodo geral de pontaria, disposição geral do equipamento, abertura de trincheira, de espaldões, etc...

### TREINAMENTO PARA AVALIAÇÃO DA RAPIDEZ DOS CARROS E DAS DISTÂNCIAS

Objetivos: —

- a) — uma peça desdobrada num terreno de 400x500 jardas, pode ser vista de várias distâncias desde 800 jardas;

- b) — um veículo que apresente o mesmo tamanho de um tanque ou forma semelhante a sua silhueta, deve estar munido de velocímetro e motorista experimentado;
- c) — um aparelho rádio no veículo ou no posto do motorista e outro no ponto de observação do instrutor — executa o controle.

Métodos: —

O motorista recebe ordem de se deslocar em uma velocidade conhecida (15, 20 e 30 milhas/hora) numa distância de 400 jardas e daí retorna a seu ponto de partida na mesma velocidade.

Os Chefes de Seção são colocados sobre um ponto de distância conhecida para o veículo e são arguidos para estimar a distância e o avanço (não velocidade) aparente de um lugar para o outro. O instrutor que conhece a resposta correta, só a transmite depois da prova.

Eles observam a repetição do erro, para se corrigirem.

O ponto de observação é em seguida mudado (pode apresentar-se em ângulo com relação a orientação) e o exercício deve repetir-se.

Nota: —

A velocidade do veículo em si não constitui matéria de cogitação para o Chefe de Seção. Ele interessa-se por julgar o avanço conseguido e isto depende simultaneamente do ângulo de aproximação e da velocidade do alvo.

O alvo é conservado em completo segredo tanto para o artilheiro como para os Chefes de Seção. Pela tática constante do Sub-calibre aplicado aos canhões o alvo será atingido do mesmo modo que se conseguirá a perfeita coordenação entre as guarnições dos canhões. A prática constante do Sub-calibre permite aumentar grandemente a percentagem dos impactos quando for empregada a munição do calibre verdadeiro.

Nos exercícios com o sub-calibre a guarnição utilizará todas as cobertas do terreno. Sómente quando um padrão de 70% de impactos for conseguido é que a prática do trabalho em "pleno campo" deve ser executada como prova de aproveitamento.

Isto posto, vejamos algumas observações interessantes, na questão de emprêgo, feitos por um artilheiro britânico.

#### 1 — *Prelúdio do combate.*

O serviço no Exército britânico oferece preciosas lições com a experiência dos 3,5 últimos anos, relativamente ao emprêgo dos tanques e dos canhões anti-tanques.

Baseado nela, todos os povos reconheceram a necessidade de um treinamento especial a este respeito. No ambiente atual de combate cerrado, torna-se claro que estará melhoramente favorecido quem atirar o

1.º golpe" pelo que a velocidade e o cuidado em destruir o alvo se tornam fatores indispensáveis. Um potente armamento, produzindo trajetórias rasantes, com grande rapidez de tiro, pôde suprir a falta de precisão nos disparos. Por isso, um treinamento sério e constante se faz reclamado, para lograr esse efeito.

Como era natural, a moderna tática dos tanques provocou o desenvolvimento da defesa anti-tanque, de tal forma que o canhão A. T. se tornou hoje o terror do tanque desde que seja habilmente disfarçado, calma e eficientemente manejado. Em campo aberto, dois tipos gerais de engajamento dos carros podem sempre ocorrer, embora possam revestir infinitas variações.

## 2 — O quadro tático

1.º) — *Aproximação cautelosa.* Aproxima-se o tanque comando permanecendo o comboio inimigo parado. Não será fácil verifica-lo quando o comboio coberto com a rede de disfarce. O comboio não se deve movimentar enquanto alguma cousa suspeita permanecer. Desde então faz-se aconselhável a aproximação cautelosa. Nesse caso, deve-se reduzir a velocidade para que nas imediações cada tanque comando possa vigiar através seus binóculos, rondando e localizando os canhões A. T. que êle acredita estarem nas imediações. Vagarosamente os tanques começam a manobrar. Estamos na bateria de Comando Anti-tanque.

Sua tarefa e pequena força obriga-os a parar de noite. Sempre a mesma empreitada arriscada. Ao clarão, deve-se discernir sobre a posição dos canhões para procura-los e reuni-los a Infantaria e aos vários tanques da coluna afim de possam desdobrar-se do melhor modo.

Logo que seja decidido, instalam-se os canhões que devem cavar, o terreno. Cavar e cobrir-se, porque estando prontos antes de qualquer ação, haverá tempo para vêr e modifica-los nos pontos convenientes. Esta tarefa, porém, será feita a descoberto (com o mínimo de tempo para tomar as formações e distribuir os setores) quando os tanques inimigos aparecerem. Ora, cerca de 30 deles, poderão surgir. Desde então, o divertimento que se tinha cessará. Os homens tornar-se-ão obviamente supersticiosos.

Uma tropa que estaciona, vasculha cautelosamente o caminho, para a frente, de seus canhões. Os 12 canhões estando bem espaçados, 4 deles apenas poderão ficar em condições de tomar a sua conta o perigoso setor. Os demais ficarão em vigilância para dar início a caçada. O fogo pode ser desencadeado prematuramente tendo em vista permitir que

os demais canhões ataquem os elementos inimigos desarticulados. Pode ceber o combate como segue.

Como a observação é feita através de binóculos, poderão ser vistas apenas duas e não três, nem cinco torres de tanques escoando-s para as posições de combate por detraz de rochas, macegas ou dunas de areia.

Si um dos 4 canhões designados para vigilância, abrir fogo mais cedo do que necessário, o projétil lançado o denunciara provavelmente. Os demais ficarão certos de o terem descoberto por seus próprios meios. Conclusão, teremos no minimo 15 canhões inimigos martelando nossos rapazes e, possivelmente, 15 tanques inimigos livres para serem empregados. Quando fôr visto um tanque, logo teremos seis outros dentro de nossas posições. Nessa expectativa a ansiedade domina todos.

Será que eles não se dispersarão?

De chofre, um tanque inimigo arranca violentamente para escapar, dispondo seus canhões para atirar. Mas, a nossa guarnição o detem. A cada tiro disparado... teremos imobilizado um tanque! Nesse instante outros canhões abrem imediatamente fogo — que magnifico trabalho!

Ao cabo de alguns momentos, um brilhante camarada nosso parte para recolher duas carcassas de tanques completamente inutilizados!

2.º: *A aproximação se faz em massa.* Depois de ter-se avançado e abordado o objetivo, é-se normalmente obrigado a fazer uma parada para reorganizar a tropa para retomar a fase seguinte.

Antes de tudo, o 1.º escalão anti-tanque deve tornar-se imediatamente eficaz contra qualquer incursão. O Comandante do Batalhão de Infantaria de apoio e todos os seus meios de fogo utilizaveis, devem, ato contínuo, entrar em ação, inclusive os canhões-obuzes (105c) e a bateria anexa de canhões anti-tanque, com seus 12 canhões e as minas necessárias a defeza. A Bateria de comando do Btl. de A. deve executar um certo trabalho adeantamente, o que permite ao Cmt. da I. disponibilidade de tempo para tomar outras providencias.

Rapidamente relanceia a vista sobre o terreno da ação, procurando desenfiar-se, abrigar-se e determinar posições que permitam o cruzamento de fogos. Nesse meio tempo, o comandante do Batalhão expede suas ordens, manda deslocar uma de suas companhias que havia parado fazendo reajustar seu plano de fogos. Póde agora dizer-lhe que deverá fazer.

O deslocamento produz poeira, mas as guarnições sabem que seu exito depende da rapidez da ação e da existencia de abrigos convenientes pelo que cavam o terreno quanto podem.

Em um lapso de tempo, riscam no chão um pequeno traço de

6 polegadas, ocultam sua impedimenta, fazendo-a desaparecer no terreno, dispersam tudo que for disponível e armam as redes de desfarce. Tudo é executado de modo perfeito e rapidamente.

Eis quando surgem os tanques leves. Dentro de poucos instantes o objetivo é identificado. Os artilheiros agora conhecem esta manobra. São ensaiados em descobrir os objetivos de tal forma que possam pôr fóra de combate os tanques que surgirem antes que irrompa o inevitável contra-ataque. Os tanques atacantes porém não têm grandes perspectivas, pois que ninguém se manifesta, conservando-se mudos os canhões. Apparently o inimigo não pode mais parar, nem tão pouco ocultar-se. O ruído dos motores pôde denunciar que os outros elementos estão em movimento. Eles chegarão por ali... indica o chefe da seção. Tres rajadas partem sobre a direita daquele montículo. Os tiros são observados. Por não terem sido suficientes, no mesmo ponto pela esquerda, cáem mais 5. Agora os tanques ficaram dentro de uma verdadeira fogueira, porque também os tiros de apoio são desencadeados, tendo em vista neutralizar a área ocupada. Não obstante, cada vez chegam mais tanques. Eles se estão dispondo para atacar o Bacalhão. Alças curtas são comandadas regresivamente — 1.200, 1.000 e 800 jardas. Estas são fornecidas pelos calculadores, ou pelas cartas de distancias. Desde logo, os artilheiros devem sustentar o fogo. Observam-se 30 tanques deslizando sobre as posições.

A carga das vagas de tanques que parece vir de varias direções, está de agora a menos de 600 jardas.

Exatamente a esta distancia havia sido fixada a "linha de engajamento", isto é, da barragem anti-tanque.

Soou a hora de se acionarem gatilhos. Com estrondo manifestam-se os canhões.

Resultado: tres tanques se veem obrigados a parar e dois incendiavam-se.

Não obstante, continuam a chegar outros mais e os clarões dos canhões anti-tanques são respondidos por uma saraivada de balas partida dos tanques. Como, porém os tanques se expõem, acabam por ser abatidos. Entrementes, perdem-se também tres dos nossos canhões. Nesse que nenhum dos que surgirem a sua frente poderá escapar.

Deante dessa pressão os tanques começam a vacilar no seu intento.

Uns retrocedem para pensar os feridos, outros para forçar um novo flanco e crear nova ameaça. Da refrega, restam por fim, por detraz do flanco esquerdo 12 carcassas fumegantes... Alguns abnegados voltaram para sucede-los. Sua dotação em munições, porém, carece de ser recompletada e não podem durar na ação.

Alguns canhões devem ser fixados em posições alternadas tendo em vista que, durante a noite devem-se fazer novos preparativos para

esperar o proximo ataque reajustando os 12 canhões, remanescentes dos 18 iniciais.

Rompe a aurora e com ela saem as patrulhas e aumentam as apreensões sobre os flancos e a retaguarda. Durante essa noite as posições da peças foram bombardeadas pesadamente. É de supor que, maiores em virtude de um menor numero de canhões. Cada tiro a ser disparado, pois, deve ser bem aproveitado porque precisam ser contados.

Depois de mais duas tentativas de ataque em que se eliminam mais 10 tanques e se perdem mais dois canhões, o inimigo se abate. E' o epílogo porque as munições e os destacamentos ficaram reduzidos. Dest'arte, o Batalhão mais próximo poderá dominar a batalha, empenhando-se sem demora para aproveitar a tregua e corrigir as falhas preparando-se para o novo e certo embate.

*Resultado:* "O contra-ataque inimigo foi então repellido".

*Experiencia adquirida:* Em caminho pesado a repetição constante de exercicios meticulosos de progressão em pequenas distancias, tem proporcionado ao 8º. Exercito novos e excelentes resultados. É um trabalho grandemente penoso que se exige, mas necessario para apurar a aptidão, a firmeza de nervos; a atividade, o mais exigente trabalho em conjunto que permitirá uma rigida disciplina. Depois desses exercicios preparatórios, segue-se a segunda categoria cujo objetivo consiste em mecanizar as funções necessidade de não se perder um só der um só minuto nessa especie de luta.

O completo conhecimento do equipamento e o melhor modo de utiliza-lo devem ser assimilados, bem como a identificação dos diferentes tipos de tanques deve ser aperfeiçoada. Os resultados nos exercicios preparatorios devem ser evidenciados por meio de respostas prontas e seguras sobre cada um desses problemas e, nos exercicios da segunda categoria, pelo mutuo conhecimento e confiança de officiais e soldados que terminam por se estimarem reciprocamente adquirindo a verdadeira solidariedade do combatente. Os alemães sabem muito bem disso...

*Nota do tradutor* — Lendo a brilhante revista THE FIELD ARTILLERY JOURNAL, pareceu-nos util transmitir ao demais camaradas artilheiros os interessantes conselhos praticos sobre a luta contra o carro de combate, fornecendo-lhes subsidio para meditação e orientação da instrução nesse novo genero de luta com que ainda não nos familiarizamos mas que se impõe no cenario atual dos cobates modernos. Por isso mesmo, somente com a sua experiencia colhida nos campos de batalha poderemos colher os ensinamentos devidos. Que sirvam,

pois, o estudo e pratica de processos simples de instrução a serem adotados entre nós.

No terreno doutrinário, é sempre a mesma coisa cada novo meio de ataque corresponde reação adequada dos meios de defesa, graças ao concurso efetivo da técnica.

No caso particular, — da segurança imediata — permaneceu o princípio geral: "ninguém se guarda melhor do que o próprio interessado."

No próximo número apresentaremos mais um trabalho relativo ao emprego do já respeitável e famoso "Bazooka" empregado no âmbito da defesa imediata da A.

É preciso não esquecer que o que foi dito acima não basta para em trabalho definitivo mas serve como preciosa orientação.

Relevem-nos a apresentação constante de simples traduções, mas o faço no desejo de ser fiel e proporcionar material para ser explorado pelos camaradas estudiosos e sempre inspirados pelo nobre propósito do aperfeiçoamento profissional.

## **BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO S. A.**

End. Tel. "MUNBANCO"

**DEPOSITOS - COBRANÇAS - DESCONTOS**

Administração de propriedades — Todas as operações bancárias exclusive cambio

Matriz -- RIO DE JANEIRO

RUA DO CARMO, 65-67

Telefone 23-5911 — Cx. Postal 919

Filial -- SÃO PAULO

RUA BOA VISTA, 57-61

Telefone 2-3149 — Cx. Postal 2980

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA  
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Escola de Fogo — Facículo II .....	7,50
Escola de Fogo — Facículo III .....	7,50
Escola de Fogo — Facículo IV .....	7,50
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota ..	10,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira .....	17,00
Ensaio Sobre Instrução Militar — Cap. José Horacio Garcia .....	13,00
Estratégica do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães (*)	15,00
Estudo sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assunção .....	11,00
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoyo .....	18,00
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Walter Jardim	30,00
Fenômeno Militar Russo — Cel. J. B. Magalhães ....	30,00
Fenomeno Militar Russo, desconto de 10% aos Assinan- tes da Rev. "Defesa Nacional" .....	27,00
Fichário para Inst. de Educação Física — Cap. Jair J. Ramos .....	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles .....	5,00
Guerra da Sucessão, Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnauba (*) .....	5,00

(\*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.  
"A Defesa Nacional".

# Um sincero colaborador das nossas forças armadas

Na tarefa extraordinária e intensa de governar São Paulo, o sr. Fernando Costa emprega toda sua energia e toda sua reconhecida e tantas vezes comprovada capacidade de administrador experimentado.

Não obstante esse intensíssimo esforço, no sentido de corresponder à confiança de seus coestaduanos, do Presidente Getúlio Vargas e de todos os brasileiros, afinal, — o ilustre chefe do Executivo paulista encontra tempo de acompanhar de perto a atividade das nossas Forças Armadas, prestando-lhes, quando necessária a sua valiosa e sincera colaboração.

Não se faz nenhum favor, nem se lisongeia, tampouco, a figura do governante paulista, dizendo-se que a São Paulo e ao seu esclarecido e digno governante devem as Forças Armadas um punhado de excelentes serviços, muitos deles de extraordinário alcance. Em verdade, desde que se encontra à frente de Piratininga, o sr. Fernando Costa tem sabido, com uma dedicação digna de aplausos, colaborar com as autoridades da 2.<sup>a</sup> Região Militar, prestando-lhes, quando solicitado, qualquer contribuição do serviço público.

Com relação à Aeronautica, São Paulo tem sido mesmo um dos Estados que mais tem cooperado para a grandeza da aviação em nossa pátria. E vale acentuar que vem de longe essa cola-

boração espontanea do governo paulista, que encontra correspondencia no seio das classes conservadoras e entre a imensa massa que trabalha, dia e noite, com acêso entusiasmo, pela grandeza de São Paulo e, portanto, pela grandeza do Brasil.

Em 26 de fevereiro de 1942, em decreto-lei que tomou o número 12.572, o governo Fernando Costa demonstrando seu entusiasmo pelo êxito e progresso da aviação no Brasil, declara de utilidade pública áreas de terrenos necessárias à construção dos aeroportos de São Manuel e Ubatuba.

Dois mezes depois, em 16 de abril do mesmo ano, abre um crédito especial de Cr\$ 300.000,00 para auxilio à Campanha Nacional de Aviação, cooperando, assim, num movimento que ainda hoje empolga o Brasil inteiro e ao qual se deve esse entusiasmo cada vez maior pela aeronáutica em nossa pátria.

Grandes contribuições ao progresso da Aeronáutica, São Paulo, pelo seu atual governo, teve a iniciativa em 1944. Em 8 de março do ano corrente, em decreto-lei n. 13.882, declara de utilidade pública, afim de ser desapropriada pela Fazenda do Estado, para nela ser construída a Escola de Aeronáutica, consoante determinação constante do decreto federal n. 4.968, de 18 de novembro de 1942, terras situadas em Pirassununga, com 6.576,897 m<sup>2</sup>, no valor de cerca de Cr\$ 10.000.000,00.

Um mês depois, em 13 de abril, assina o sr. Fernando Costa o decreto-lei n. 13.940, que dispõe sobre a desapropriação de imóveis situados em Ubatuba, necessários à construção do aeroporto dessa cidade.

Visando ainda o progresso dos cometimentos aeronáuticos, o governo abre crédito na Secretaria de Viação e Obras Públicas, para construção da estrada de rodagem de 8 quilômetros, ligando a rodovia Rio-São Paulo ao futuro campo do Cumbica,

na Base Aérea de São Paulo, serviço esse no valor de Cr\$ 250.000,00.

Esses, alguns dos serviços prestados pelo governo do sr. Fernando Costa ao progresso da Aeronáutica, aos quais bem se pode juntar a cessão do antigo prédio da Imigração, no valor de Cr\$ 30.000.000,00, para a Escola Técnica da Aviação.

Essa dedicação e presteza demonstradas pelo Interventor Fernando Costa, no que se refere às coisas da Aeronáutica, não são menores quanto ao nosso brilhante Exército, cujos cometimentos grandiosos encontram no correto homem de governo um colaborador atento e prestimoso, interprete fiel da admiração de São Paulo e de sua gente pelos continuadores da obra de Caxias.

Alguns decretos-leis que vamos citar dão uma amostra eloquente de como o atual governante de Piratininga sabe cooperar com o Exército. Senão vejamos: O decreto-lei n. 12.685, de 4 de maio de 1942, autoriza o Governo do Estado a contribuir com Cr\$ 2.500.000,00, para a aquisição da Fazenda "Chapadão", situada em Campinas, afim de na mesma ser instalada uma divisão moto-mecanizada do Exército.

Em 24 de outubro do mesmo ano, em decreto-lei que tomou o n. 13.009, doou uma área de terreno de 64.660m<sup>2</sup>, na rua Manoel da Nobrega, na capital, destinada à ampliação do Quartel do IV Esquadrão do 2.º R.C.D., no valor de Cr\$ 3.233.000,00.

A 12 de dezembro do mesmo ano de 1942, assina o decreto-lei n. 13.119, que autoriza a Fazenda do Estado a doar, por intermedio da Procuradoria e Patrimonio Imobiliário e Cadastro do Estado, à Fazenda Nacional, uma área de terreno destinada a servir de acêso ao Forte Monduba.

No ano seguinte, a 18 de agosto de 1943, assina o decreto-lei n. 13.515, concedendo Cr\$ 5.000.000,00 para a cons.

trução da Escola de Cadetes de Campinas. E, por fim, em 1944 corrente, assina o governo Fernando Costa, em 20 de março, um decreto-lei que tomou o n. 13.906, que dispõe sobre a aquisição do imóvel da antiga fazenda denominada "Chapadão", do município de Campinas, por Cr\$ 300.000,00, para ser construída a sede da Escola Preparatória de Cadetes.

O esforço demonstrado por esse distinto colaborador do Presidente Getúlio Vargas, que em São Paulo interpreta corretamente os postulados do Estado Nacional, cresce de importância quando se sabe quão ardua é sua missão de conduzir a fecunda terra paulista nesta hora suprema, de trabalho intenso, de cometimentos inauditos para que o Brasil vença a batalha da super-produção e torne insuperável sua contribuição para a vitória das Nações Unidas.

Por tudo isso, pelo seu desempenho impecável à frente do Governo do grande Estado bandeirante, o sr. Fernando Costa bem merece a aura de respeito e de admiração que lhe cerca o nome prestigioso e digno.

---

## **"A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil"**

**Sociedade de Seguros Mútuos sobre a Vida**

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil é a única sociedade de seguros sobre a vida em todo o território nacional que pode oferecer aos segurados as seguintes vantagens: — participação dos segurados nos lucros da Sociedade; sorteios trimestrais pagos em dinheiro à vista; garantia subsidiária do Governo da União das suas reservas técnicas em favor dos segurados.

**Sede própria: AVENIDA RIO BRANCO, 125 -- RIO DE JANEIRO**

**End. Telegr.: "Equitas" — Telef. geral: 23-5890**

# ○ "Independence Day" no Pará

*A IMPRESSIONANTE FESTIVIDADE CÍVICA  
REALIZADA NA BASE AÉREA DE VAL-DE-CANS,  
EM BELEM — MAGNIFICO DISCURSO PRONUN-  
CIADO PELO INTERVENTOR CORONEL MAGA-  
LHÃES BARATA.*

A Data da Independência dos Estados Unidos da América do Norte, comemorada com intenso entusiasmo em todo o Brasil, encontrou, no Pará, ambiente propício para revestir-se de magnífico sentido cívico, tendo mesmo impressionado a todos, pois constituiu um testemunho de fraternal amizade entre os dois grandes povos, brasileiro e norte-americano.

Na grande festa realizada às 14 horas na base aérea de Val-de-Cans, em comemoração do "Dia da Independência" da grande pátria de Washington e de Lincoln, e durante a qual desfilaram as forças militares brasileiras e americanas ali aquarteladas, o interventor Magalhães Barata, saudando o Exército dos Estados Unidos, pronunciou a seguinte alocução: A cerimônia cívica, para que nos convocastes neste ambiente de camaradagem militar, em que americanos e brasileiros se irmanam para celebrar o "Dia da Independência" dos Estados Unidos, em



*Cel. Magalhães Barata*

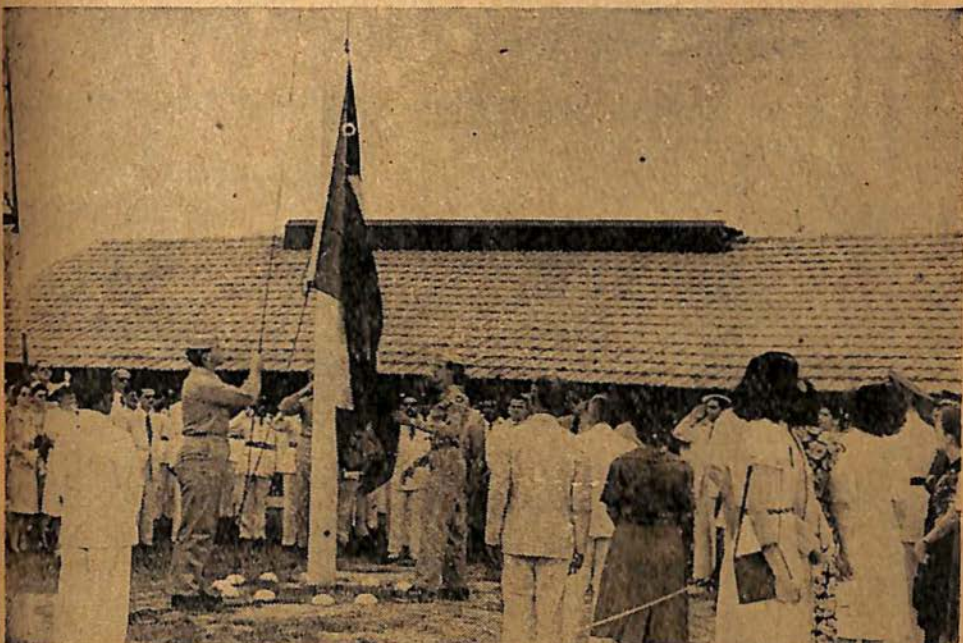


*Flagrante do desfile das tropas americanas aquarteladas em Val de Cans, quando das solenidades comemorativas do "Independence Day", realizadas em Belem do Pará.*



*O "Independence Day" em Val de Cans — Soldados americanos da guarnição aquartelada em Belem do Pará em Val de Cans, quando das ceremonias comemorativas do "Independence Day"*

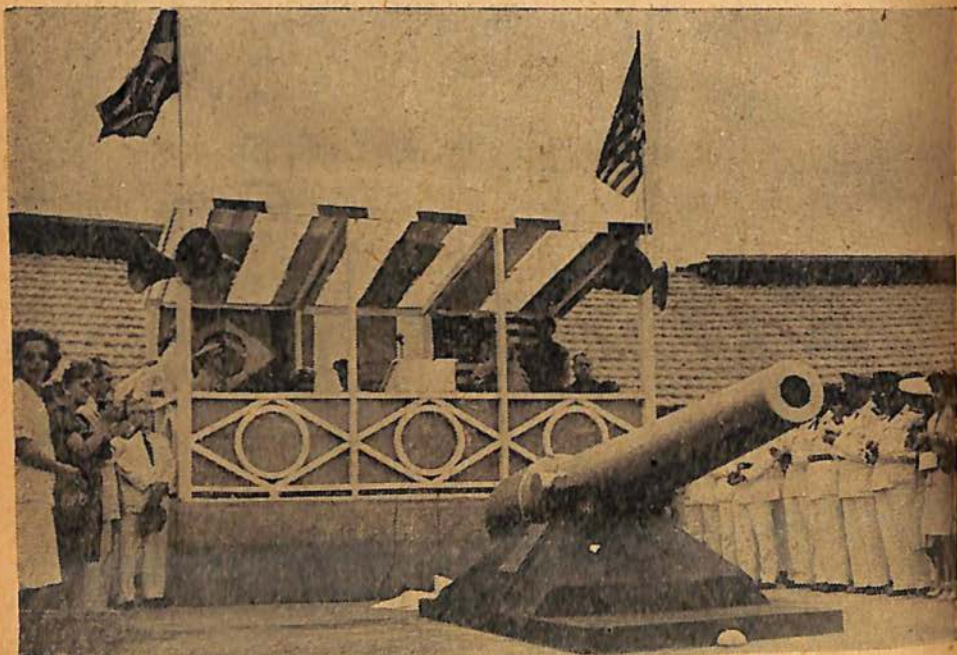
terra brasileira, assinala a perfeita comunhão de sentimentos e propósitos que une os nossos dois países, nesta cruzada histórica em que estão empenhados pela defesa de continentes e pela independência dos povos, que tiveram de ceder ao império da força.



*O "Independence Day" em Val de Cans — Ceremonia do hasteamento da Bandeira Nacional pelas forças americanas aquarteladas em Belem do Pará, por ocasião das comemorações do "Independence Day"*

E' um privilegio para mim ter de dirigir-vos a palavra e vos saudar nesse momento em que os vossos soldados lutam por uma causa de que depende o futuro do mundo e á qual tendes dado todo o poder das vossas energias nacionais, todo esse maravilhoso esforço para forjar as armas da defesa e da vitória, todo esse surpreendente gênio de improvisação com que pudestes transformar a industria do país em industria de guer-

ra e esse vigor espiritual dos vossos homens de Estado, dos vossos chefes militares, soldados e marinheiros, numa mobilização de forças sem precedentes na história. Soldado, como sou, tenho de render as minhas homenagens a essas qualidades de organização e de heroísmo com que pudestes abrir o caminho da vitória e abreviar o fim desta luta, que tantas ruínas e sofrimentos vai semeando.



*O "Independence Day" em Val de Cans — O canhão oferecido às forças americanas aquarteladas em Belem do Pará pelo comando da 8.<sup>a</sup> Região Militar, por ocasião das solenidades comemorativas do "Independence Day"*

A vossa contribuição para essa vitória é a maior segurança que podem ter as nações que defendem a sua liberdade e o direito de decidir os seus próprios destinos. A campanha de libertação desses povos oprimidos da Europa já começou, com a maior e mais complexa operação de guerra de todos os tem-

pos, em que se revela o gênio militar de um general americano, como seu condutor supremo.

Em todas as causas de batalha dos três continentes, na vastidão desses mares, de distâncias astronômicas, os vossos aviadores, soldados e marinheiros se cobrem de glória, para dar á historia da vossa grande nação o seu capítulo mais admirável, ao lado da guerra de vossa independência, com esse espírito de renúncia ao perigo e de sacrifício ao dever, do verdadeiro salvador e esse bom humor tradicional que é uma característica de vossa gente, nos momentos mais graves da luta.

Fizestes a vossa independência, que hoje comemoramos, proclamando em sua declaração o direito de ser livre para os povos americanos. O vosso exemplo foi seguido pelas demais nações do continente.

Hoje conduzíis outra vez o facho da liberdade para os povos do mundo.

Com a paz voltareis á vossa grande pátria e aos vossos lares com os louros da vitória que vai assegurar aos povos da terra a esperança de uma vida melhor, numa ordem de tranquilidade e de justiça social, para o trabalho fecundo de reconstrução necessária, sobre as ruínas deixadas pela guerra.

Nesta hora de confraternização americana, quero, em nome do governo e do povo do Pará e como delegado do presidente Getúlio Vargas, saudar o povo americano, na pessoa do grande presidente Franklin Delano Roosevelt, pela próxima vitória das armas aliadas e pela maior glória dos Estados Unidos da America".

## Banco Nacional de Descontos

Funciona até ás 7 horas da noite

**TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS**

Alfândega, 50 -- RIO

# ACABA DE SAÍR

## **FORMULARIO para o processo de desertores e insubmissos** **Ten.-Cel. NISO MONTEZUMA**

3a. Edição

**ADAPTADO AO CÓDIGO PENAL MILITAR APROVADO PELO DE-  
CRETO-LEI N.º 6.227, DE 24 DE JANEIRO DE 1944 E AU-  
MENTADO COM UM APÊNDICE CONTENDO:**

- 1). — A LEGISLAÇÃO SOBRE O ESTADO DE GUERRA;
- 2). — OFICIAIS DA RESERVA: — instruções para convocação; disponibilidade; insubmissão; tempo de convocação; classificação; uniforme; transporte; ajuda de custo, vencimentos; precedência; promoções; mudança de domicílio; permissão para contrair matrimônio; amparo do Estado à família, quando falecem em campanha, etc.;
- 3). — PRAÇAS CONVOCADAS: — alunos de escolas superiores; dispensa diária; que fizeram prova de seleção nos C. ou N. P. O. R.; apresentação; prazo para apresentação; donos ou sócios de casas comerciais; portadores de diplomas; possuidores de curso secundário; incorporação adiada; arrimo de família; operários empregados em obras militares; trabalhadores encaminhados para a extração e exploração de borracha no vale amazônico; operários da Fábrica Nacional de Motores; empregados em construção de aeroportos; pessoal admitido para obras; demissão de empregado convocado; obrigações dos empregados e dos empregadores; em caso de dissolução de firma; mudança de residência; vencimentos e vantagens, etc.;
- 4). — PARECERES E DECISÕES do D. A. S. P. e do MINISTÉRIO DO TRABALHO sobre a situação de funcionários públicos e de empregados, em geral, convocados para o serviço militar ativo;
- 5). — RESERVISTAS E ESTRANGEIROS, operários de Estabelecimentos Fabrís Militares e Cíveis produtores de materiais bélicos;
- 6). — ESTABELECIMENTOS FABRÍS CIVÍS considerados de interesse militar.
- 7). — A MULHER em face da legislação de guerra;
- 8). — ORGANIZAÇÃO DA JUSTIÇA MILITAR junto às Forças Expedicionárias;
- 9). — C. P. O. R. — Faltas e entradas — tarde de alunos — funcionários ou empregados; frequência; alunos de escolas superiores; execução de provas parciais.

**É UM LIVRO DE INTERESSE GERAL**

**PREÇO: CR\$ 15,00 — Pelo Correio: — CR\$ 16,00**

**PEDIDOS: — A DEFESA NACIONAL (4.º andar da ala dos fundos) Edifício do Ministério da Guerra. — Praça da República — Rio.**  
**Telefone: — 43-0563 — Caixa Postal 32 — Rio.**

Sendo a edição limitada, convém que os interessados façam seus pedidos.

# Um militar na E. F. Central do Brasil

Argumento convincente de que a autarquia oferece excelentes resultados, os adversários dessa inovação encontram, se quiserem ser sinceros consigo mesmos, na Central do Brasil.

Em sã consciência ninguém poderá negar que, sob o regime autarquico, a nossa principal ferrovia não haja encontrado o caminho largo e luminoso da prosperidade. De fato, foi após o Presidente Getulio Vargas torná-la organismo autarquico, confiando-lhe a direção ao major Napoleão de Alencastro Guimarães, que a Central do Brasil começou a desempenhar o grande papel que lhe cabe como elemento de progresso na vida nacional.

Antes, seus diretores julgados a uma serie de obstáculos, — obstáculos quase intransponíveis, que lhes entravavam a livre ação — a Central era um campo imenso onde toda gente mandava. E resultado dessa desordem, que durou longo tempo, foi a nossa principal ferrovia tornar-se uma geradora de “deficits”, do mesmo modo que

era assunto palpitante, grotesco, procurado por cronistas irreverentes e pobres de inspiração.



*Major Napoleão Alencastro  
Guimarães*

Colocado á sua frente, o major Alencastro Guimarães tratou logo de esforçar-se afim de conseguir a autarquia, pois comprehendera, desde os primeiros instantes que, sem franca autoridade, nada poderia fazer de util e de pratico; que havia de palmar, por força das circunstancias, o mesmo aspero e tortuoso caminho trilhado por seus antecessores.

O Presidente Getulio Vargas, com seu admiravel e lucido senso administrativo, não tardou em atender aquilo que reclamava seu prestimoso e atento colaborador, tornando autarquica, entre aplausos gerais, a grande ferrovia e dando, assim, ao major Alencastro Guimarães, amplo campo de ação para empreender todos os trabalhos tendentes a tirar a Central do caos em que permanecia ha largo tempo.

Soube o atual diretor aproveitar a conquista feita, esforçando-se não só para corresponder á confiança do Chefe da Nação como para, conforme o tem feito á saciedade, demonstrar com fatos e cifras que a autarquia, quando bem realizada, é o melhor sistema.

Trabalhando incansavelmente, usando a disciplina como base de sua administração, o major Napoleão de Alencastro Guimarães conseguiu realizar até hoje, sem que vá nessa afirmativa qualquer excesso ou proposito de lisonja, trabalhos que bastam para relembrar-lhe o nome nos dias de amanhã.

Ainda há poucos dias, numa eloquente amostra do quanto o sistema autarquico tem sido util à Central, à população servida pelos seus trens, às classes conservadoras e aos dinâmicos operários que laboram em suas oficinas, foram inaugurados inumeros apartamentos mandados construir, sem preconicio antecipado, especialmente para seus servidores. E presente à cerimonia, o Presidente Vargas não regateou louvores à expressão humanitária e social da obra, dizendo ainda ao energico diretor da Central que sua administração era o melhor testemunho em favor das autarquias, era uma afirmação positiva desse vantajoso sistema.

Incompreendido ainda por alguns elementos, avessos ao trabalho e por isso mesmo inimigos da disciplina, o diretor da Central do Brasil não se perturba diante de críticas apressadas. E não se perturba porque todo o seu tempo ele o dedica à grandeza da ferrovia entregue, pelo chefe do Estado Nacional, à sua indiscutível capacidade administrativa de militar que, em altas funções na vida civil tem sabido honrar o prestígio de que goza o Exército Nacional, escola de cultura, de patriotismo e de formação de espíritos realizadores e aptos a atuar tanto nas fileiras como fóra delas.

---

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA  
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

---

	Cr\$
Euclides da Cunha H. Militar — Cap. Umberto Peregrino .....	4,00
Formulario Processual — Ten. Cel. Nizo Montezuma (No Prelo) .....	16,00
Guia Cmt. Ptl. de Fuzileiros 1. <sup>a</sup> Parte (Ofensiva) — Maj. Tamoyo .....	15,00
Manual de Topografia Militar — Cap. Evandro Del Corona .....	25,50
Pastas para Folhas de Alterações .....	8,00
Tatica de Infantaria nos Peq. Escalões — Ten. Cel., Alexandre Chaves .....	16,00

# COMPANHIA SIDERURGICA NACIONAL

## AUMENTO DE CAPITAL

A partir de 1.º de agosto e até 31 do mesmo mês, estará aberta no Banco do Brasil e suas Agências, a subscrição pública para o aumento do capital da Companhia Siderúrgica Nacional, que está construindo a usina de Volta Redonda.

O capital inicial, já integralizado, que é de Cr\$ 500.000.000,00, elevar-se-á a Cr\$ 1.000.000.000,00, em ações ordinárias nominativas do valor de Cr\$ 200,00 cada uma.

Podem subscrever essas novas ações os atuais acionistas e os cidadãos brasileiros e empresas brasileiras que quiserem tornar-se acionistas da Companhia.

O subscritor poderá integralizar, no ato da subscrição, o valor das ações ou pagar a entrada inicial de 20% desse valor, realizando o restante em 4 entradas de 2 em 2 meses.

O subscritor assinará o "Boletim de Subscrição" na própria Agência do Banco do Brasil que escolher para realizar a primeira entrada de 20% do valor que subscrever ou pagar a totalidade desse valor, se assim preferir.

No ato da subscrição, exhibirá o subscritor documento comprobatório de sua nacionalidade brasileira (carteira de identidade, de reservista ou profissional, se contiver indicação da nacionalidade, ou certidão de nascimento ou de casamento, carta de naturalização e título declaratório de cidadania brasileira).

Se o subscritor não puder comparecer pessoalmente a uma Agência do Banco do Brasil, deverá constituir procurador com poderes especiais para subscrever as ações na Agência que preferir, ou, em carta dirigida à mesma, indicará para efeito da subscrição, a sua nacionalidade, estado civil, profissão, residência número de ações que desejar subscrever e o total da entrada cuja importância enviará imediatamente à mesma Agência por intermédio de qualquer outro estabelecimento bancário.

A subscrição de ações em nome de menor de 16 anos será feita pelo seu representante legal (pai, mãe ou quem exercer o pátrio poder).

Se o subscritor for maior de 16 e menor de 21 anos, caberá ao seu representante legal assisti-lo, assinando com ele o "Boletim de Subscrição", ou a carta acima referida.

Quer o subscritor passe procuração, quer solicite a sua inscrição por meio de carta, deverá fazer apresentar ou enviar à Agência do Banco do Brasil o documento comprobatório da nacionalidade.

O subscritor que realizar no ato da subscrição somente a primeira entrada de 20% do valor das ações subscritas, fica obrigado a pagar o restante em 4 prestações de 20% cada uma, de 2 em 2 meses, a contar da data em que se subscrever.

No diário Oficial do dia 22 de julho estão publicados o PROSPECTO do aumento de capital; a ata da Assembléia Geral Extraordinária que deliberou sobre este aumento, na qual foram transcritos a exposição justificativa apresentada pela Diretoria e o parecer do Conselho Fiscal; os Estatutos da Companhia e o seu último Balanço.

Ja se encontram no Brasil 66% dos materiais e equipamentos comprados nos Estados Unidos e, dos restantes uma parte está em trânsito das fábricas para o porto do Rio de Janeiro e outra parte acha-se em fabricação.

As obras de construção e montagem em Volta Redonda estão bem avançadas, e as primeiras unidades da usina serão postas em funcionamento ainda nos últimos meses do corrente ano.

Ao abrir a subscrição pública para esse aumento de capital, a Diretoria da Companhia Siderúrgica Nacional tem a certeza de que o patriotismo dos brasileiros renovará nesse ensejo a demonstração de confiança no programa, em grande parte já executado, e do propósito de que a Usina de Volta Redonda seja a expressão da vontade da Nação em posuir a sua industria pesada, para fortalecer a economia do país.

## A Legião Brasileira de Assistência na Bahia

Sob a presidência da Sra. Ruth Vilaboim Aleixo processa-se uma obra de extraordinário alcance social

Em relatório que, em data recente, a sra. Ruth Vilaboim Aleixo, presidente da L. B. A., Secção da Bahia, enviou à Sra. Darcy Vargas, presidente da Legião Brasileira de Assistência, além das exposição das atividades dessa organização neste Estado, foi evidenciada a presteza com que a mulher bahiana, convocada para as fileiras do Exército Feminino da Retaguarda, inscreveu-se nos diferentes setores da eficiente organização social de assistência.



As "Samaritanas Socorristas" da L.B.A. realizam exercícios de serviço em campanha, auxiliada por soldados do Exército.

Está dividida a L. B. A., na Bahia, em vários departamentos, todos com autonomia, embora subordinados à Presidência. O Departamento de Prontuários Cíveis e Militares, de Assistência às Famílias dos Convocados, é o de maior atividade da Legião, devido à situação atual, mas todos os outros são fatores decisivos para o perfeito funcionamento da aparelhagem da L. B. A. Enquanto o Departamento Econômico é o responsável pelas despesas, o Departamento Educacional cuida da assistência à maternidade e à infância, da colocação familiar (abonos familiares), das crèches distritais, etc. Referência especial merece a notável iniciativa da L. B. A., instituindo a Merenda Escolar, na capital e nos subúrbios, o que tem contribuído para a sensível melhoria das condições físicas dos meninos pobres das escolas, cuja saúde é, assim, cuidada e defendida contra enfermidades resultantes da sub-nutrição. tão perigosa em época de desenvolvimento físico e intelectual. Dos resultados da criação da Merenda Escolar, basta mencionar que a frequência às escolas públicas aumentou de

maneira animadora. Em 1943, a Legião Brasileira de Assistência, na terra de Castro Alves, distribuiu 2.908.040 merendas entre 40 escolas.

Há um Departamento para assistência médico-dentária, o Departamento de Recreação, com a cantina do Combatente, a biblioteca, etc. a Secretaria, Arquivo e Informações, o Departamento de Publicidade e Propaganda, que fornece informes diários aos jornais e exposições das atividades da L. B. A., e o Departamento de Plantar e Criar para a Vitória, que pode ser considerado o departamento do esforço de guerra, fomentado a fruticultura e a horticultura, criando clubes agrícolas, abrindo hortas da Vitória e jardins, cuja renda de produção reverte em favor das despesas com assistência social.



Na Cantina do Combatente", a presidente da L.B.A. na Bahia leva aos soldados e marinheiros, pessoalmente, o conforto de palavras animadoras.

Algarismos impressionantes traduzem as realizações da L.B. A. na Bahia, durante o ano de 1943. Assim é que o Departamento de Prontuários Cívís e Militares atendeu a 939 convocados e socorreu 674 famílias, compostas de 1.506 adultos e 102 crianças. O Serviço de Assistência Médico-Dentária assistiu a 73 parturientes, visitou 402 gestantes e doentes, internou 142 adultos em hospitais, realizou 9 intervenções cirúrgicas, forneceu 6.020 roupas, dispendeu em aviamentos de receitas..... \$,14.145,90 e instalou um pavilhão para amparo à maternidade, no valor de \$,25.000,00.

A Legião Brasileira de Assistência realiza, pois, na Bahia, graças aos esforços e ao carinho com que a presidente da Secção da Bahia cuida dos problemas de assistência social, uma obra altamente social.

# LIVROS NOVOS

DIDIO COSTA — 1944 — *SALDANHA*.

À vida desse marinheiro fidalgo e ilustre não faltou sequer uma nota final de martirio e heroísmo, aliás do melhor heroísmo, não aquele que reponta improvisado ao calor das refregas, mas o que consiste em arrostar, serena e firmemente, todos os sacrifícios em nome de um principio conscientemente esposado. Saldanha da Gama foi herói desse heroísmo. E é por isso que o compreendemos e dele nos aproximamos facilmente, apesar da sua origem aristocrata e da sua formação refinada, elementos que o colocariam tão distanciado dos grandes homens eleitos à admiração nacional, quasi todos de origem humilde, sem polimento social, defensores de causas eminentemente populares.

Ora, o Almirante Saldanha conduzia no sangue extreme nobreza lusa. Basta recordar que teve como avós o 6.º Conde da Ponte e uma neta do 1.º Marquês de Pombal. Seu pai foi camarista da Casa Imperial, ao tempo do 1.º Império, e era além disso um aristocrata intelectual: escritor, orador, musico. Os mais verdes anos da sua existencia passou-os no *Solar do Colegio* (nas proximidades de Campos), um dos nossos monumentos coloniais devidos aos jesuitas. Na intimidade daquelas salas austeras, guarnecidas com ricos moveis de jacarandá, caprichosamente lavrados a mão, ao contacto com aquelas paredes espessas, "cariadas de nichos com oratorios, relevadas de lavabos em mármore branco", consoante descreve Alberto Lamego Filho, só podiam naturalmente fortificar-se as suas cargas ancestrais de nobreza.

Nos salões era Saldanha da Gama de um brilho inextinguivel. Descreve-o Afonso Celso num baile do *Club de Regatas Guanabarenses*, "trajando casaca, em vez de farda, luvas claras, respontadas de escuro empunhando garbosamente o *claque*, e marcando "os passos coreograficos com elegantissima distincão. Resplandecia — continua Afonso Celso — a sua aristocratica cabeça loura. Às suas ordens, breves e perentorias, partiam os pares, valsando ou polcando, em torno dele. E no meio da reunião seleta, opulenta de beleza, mocidade e luxo, o insigne marinheiro dava a nota mais alta de requin-

tado apuro, foco de atenções, num destaque vibrante de inconcussa predominancia, não só ali, como em tudo”.

A ilustração de Saldanha da Gama guindava-o também a um nível bem superior ao comum. Luis Murat confessa-se profundamente surpreso com “a eloquencia do Almirante, a variada ilustração de que dispunha e, sobretudo, a perfeita orientação a que obedecia o seu espirito, em materia de literatura. Conhecia todos os poetas antigos, citava Shakespeare e Dante, a cada passo, com toda a oportunidade, na lingua em que foram escritas essas obras-primas do espirito humano. Não, havia um só dos poetas contemporâneos da França, da Inglaterra, da Alemanha ou da Russia, da Itália ou da Espanha, de Portugal ou do Brasil que S. Excia. não houvesse lido e não sublinhasse com uma palavra de critica, fosse ela de entusiasmo ou de desabono para o escritor.”

Fisicamente o Almirante Saldanha, no testemunho dos que o conheceram, era um “belo homem, de estatura ao redor de 1,70. Ombros largos e bem contornados. Cabelos e bigode castanho-escuros.”

Aqui convem assinalar uma contradição entre essa pintura do almirante, devida ao contra-almirante Otavio Perré, e a “aristocratica cabeça loura” de umas impressões de Afonso Celso, transcritas linhas atrás. Louro ou não o almirante? É facil liquidar a duvida, mesmo porque ainda vivem muitos que com ele conviveram. Em todo caso, desde já damos mais pelo depoimento de Otavio Perré, que foi commando de Saldanha da Gama na Escola Naval.

Prosegue o retrato: “Cabelos curtos, penteados para trás. Cabeça varonil. Bigode sem pontas, caídos naturalmente, sem cobrir a boca, ornada de bons e belos dentes. Era agil e musculoso. Nariz ligeiramente aquilino e bem feito. Era, em resumo, um tipo distinto, elegante e varonil.”

Tudo isso, porem, como sublinha o proprio autor desse retrato, “sem arrogancia ou sobranceira.” Aliás, já seria possivel antecipar um juízo sobre esse aspecto da personalidade do Almirante Saldanha, ao vê-lo, de volta dos longos cruzeiros navais, correr ao “Solar do Collegio” cheio de ternuras e presentes para todos, a começar pela sua velha mãe-preta, que ia ver na senzala e cujas mãos beijava com devoção.

O valor profissional de Saldanha da Gama afirmou-se muito cedo, pois fez a guerra do Paraguai como official subalterno. Nesta altura, todavia, já se revelava, o largo descortino de um alto espirito. As numerosas cartas que de lá dirigiu ao seu pai, e que foram divulgadas

por J. E. de Macedo Soares, em volume intitulado "Correspondência de Guerra", encerram surpreendentes páginas de crítica militar. Mais tarde, como chefe, reiterou amplamente todas as qualidades tão cedo evidenciadas. E teve em forte grau uma faculdade que é essencial a qualquer homem consagrado a funções de direção: a faculdade de conhecer e avaliar o valor dos outros homens. São notáveis, com efeito, os seus perfis dos chefes revolucionários com os quais lidou — Silva Tavares, Aparicio Saraiva, Ulisses Reverbel e outros. E' interessante notar que em todos esses perfis não dispensa o retrato físico de cada um. De Ulisses Reverbel diz, pitorescamente, que "apezar do desalinho do seu vestuário, apresenta o aspecto de um militar alemão." E continua: "Baixo, redondo de corpo, cara larga, animada por dois olhos pequenos, porem vivos, tem a tez muito tismada. Os cabelos apenas começam a pintar. Usa bigode aparado à moda antiga. E' o que melhor se exprime e o mais falante de todos esses chefes. Na sua linguagem, notam-se argucias de rabula".

Extraordinário de síntese, de agudeza, além de um primor de estilo esse perfil! Pois são todos assim.

Saldanha da Gama foi, sem sombra de duvida, um homem extraordinário, pela inteligência, pela cultura, pelo valor profissional, pelo caráter. Pode-se discutir, e é mesmo muito discutível a sua atitude revolucionária. Inda, porem, ao considerar essa atitude, um ponto ha insuscetível de qualquer controversia: a pureza dos propositos do Almirante. Quaisquer que tenham sido os seus objetivos políticos eram sinceros e correspondiam às suas convicções patrióticas, o que os torna respeitabilissimos. Encontramos até num dos seus manifestos revolucionários uma consideração altamente significativa, valida como permanente lição contra as deformações da verdadeira e justa função das forças armadas. "Por mais ilustradas que sejam as classes militares de qualquer país e elevado o seu efetivo numerico — fala o Almirante Saldanha — não está na essencia do seu papel a direção política dos destinos da pátria".

O livro do Capitão de Mar e Guerra Didio Costa, parte das comemorações oficiais do centenário do nascimento do Almirante Saldanha, não podia ser diferente do que é. Havia de ser naturalmente menos um estudo biografico que uma página apologetica, menos uma contribuição nova no terreno das pesquisas em torno do homem que um apanhado geral dos documentos oficiais sobre o almirante. E', em todo caso, no seu feito, uma obra de merito. E nem lhe faltam qualidades de agrado consubstanciadas num plano inteligente e numa linguagem revestida de encantadora simplicidade.

**EUCLIDES DA CUNHA, HISTORIADOR MILITAR — Umberto Peregrino — 1944.**

Umberto Peregrino focaliza um aspecto parcial, até hoje pouco estudado no autor de "Os Sertões" e que foi, realmente, importante, não só no livro, como em boa parte da obra toda de Euclides, o historiador militar. Função que Euclides teria desempenhado um pouco por circunstância, primeiro pela missão de que o incumbira Julio de Mesquita, a de correspondente junto às forças em operações contra o Conselheiro, mantendo, depois, no corpo da obra, mas quasi como uma parte autonoma, aquilo que, de simples correspondencia, viria a ser historia militar, como não havia ainda sido escrita, e não o foi mais, neste país. A posição de Euclides, como historiador militar, dentro dos quadros brasileiros, resulta de sua incontestavel superioridade para tratar o assunto, a que o servia a sua formação militar inicial, mas também o nivel baixissimo, em verdade, das contribuições que possam ser postas em confronto com aquela que ele compôs, talvez circunstancialmente. A formação do Exército, suas flutuações, seu papel político, e principalmente o seu papel militar dentro do quadro do desenvolvimento brasileiro, não têm encontrado, realmente, entre nós, quem tivesse sabido demorar-se, oferecendo alguma coisa proporcional à importancia dos eventos situando-os com isenção e rigor. A historia militar, entre nós, conforme acentua Umberto Peregrino, anda num nivel triste, sem trabalhos que lhe permitam um levantamento. Em confronto com esse pauperismo, a parte militar da obra de Euclides é, sem duvida, de um valor surpreendente. Mesmo sem esse confronto, é claro, ela seria importante. Ele não faz mais do que avultar a sua superioridade absoluta. Provando o valor e a segurança, além da importancia desse aspecto da figura literária de Euclides, deu-nos Umberto Peregrino uma contribuição das mais originais e valiosas sobre a personalidade do autor de "Os Sertões". Está o autor no dever de demorar-se em torno de outras faces dessa personalidade, para nos dar um estudo de Euclides que seja não só digno daquele que fornece o assunto, como demonstrativo da capacidade excepcional do autor para o trato desse assunto. (Cap. Nelson Werneck Sodré — O Estado de S. Paulo 4-V-944).

Acabo de ler a conferência "Euclides da Cunha, historiador militar", do capitão Umberto Peregrino. São apenas 44 páginas, mas um prodigio de condensação de idéias e solido resumo de pesquisas na obra do grande escritor brasileiro. O autor abordou um aspecto ainda não suficientemente estudado nos "Sertões" — o de um dos nossos maiores livros de historia militar.

Antes de tudo, Umberto Peregrino procura fixar bem o conceito desse genero historico, numa página concisa e cheia de ensinamentos. A historia militar implica dois elementos essenciais — esclarece-nos

ele: a tática e a estratégia. Esses termos, que na linguagem vulgar passam por sinônimos, na realidade, não o são, pois há certa diferença entre eles, diferença de grau, porém sempre sensível sob o ponto de vista técnico-militar. A tática significa a conduta das operações num grau menor, ao passo que a estratégia é o grau superior. "Assim — acentua bem o autor — materializando a distinção podemos dizer que as operações estratégicas realizam-se em geral fóra do alcance do inimigo e as operações táticas em sua presença; uma divisão pode emprender um deslocamento estratégico e ao cabo, travar um combate que será operação tática."

Ora, a maior parte de nossas obras de história militar não tem considerado a rigor os referidos elementos. A "Retirada da Laguna", uma das maiores expressões da nossa literatura de guerra, não é estritamente, uma obra de história militar. Verdadeira epopéia, ela constitui emocionante documento humano, todos os fatos sendo até apreciados em função do humano. Foi, aliás, nesse sentido que encarei o grande livro de Taunay, em artigo publicado no ano passado em torno de literatura de guerra no Brasil. Apraz-me ver a classificação de Umberto Peregrino coincidir com a minha.

Entretanto, os "Sertões" de Euclides da Cunha, visionando o aspecto humano, que caracteriza a literatura de guerra, abrangeram, também, os elementos tático e estratégico características, como já vimos, da história militar. De onde, pode-se dizer, sua dupla categoria e o seu imenso mérito.

Euclides não se limita a fazer obra de artista, de sociólogo, de repórter — é também o nosso maior repórter de guerra — faz história militar na mais elevada e moderna concepção científica. Eis o que Umberto Peregrino nos prova, num inteligente trabalho de análise e investigação, documentando-se com citações sempre oportunas e eloquentes. São novas perspectivas, despercebidas pelos leigos, que agora se projetam nitidamente aos nossos olhos e emprestam maior relevo a essa obra culminante de literatura brasileira.

O Cap. Umberto Peregrino tem margem para ampliar o seu tema, transformando em livro o que hoje aparece em elegante "plaquete". E tem, além de tudo, capacidade para dar-nos uma história militar do Brasil dentro da concepção por ele tão lucidamente enunciada. É uma obra que estamos no direito de exigir-lhe. (*Brito Broca* — A Gazeta de 26-5-944).

A conferência do Sr. Umberto Peregrino sobre "Euclides da Cunha, historiador militar", chega em boa hora para conter os ares paternos com que certos imitadores pretendem corrigir o maior e o melhor dos nossos escritores, que agora mesmo faz a América do

Norte descobrir o Brasil. A' proeza desses retificadores irrisórias e que se ajusta a sátira mal endereçada de Gilberto Amado: um oceano estudado por um conta gotas. O Sr. Umberto Peregrino, com perfeita consciência das dimensões de Euclides e a compostura cívica e intelectual que o assunto impõe, conseguiu marcar e iluminar mais um aspecto da multiplicidade inexaurível e eterna de Euclides. "Euclides da Cunha — conclue — escritor fortalecido pelo traquejo científico, enriquecido pela cultura sociológica, aguçado pela especialização geográfica", dotado de perfume senso crítico, infinito na capacidade de compreender, servido por uma assombrosa potencialidade verbal, fez essa História Militar plena, que vale a pena fazer. Junta-se ao nome de Euclides mais um título que lhe pertence — o de maior escritor militar do Brasil. "Arrazoando a nova condecoração, o Sr. Umberto Peregrino, técnico militar e escritor, não só apreende a figura humana de Euclides, como lhe acrescenta, em frisos brilhantes e intensos, mais um título de glória. Era bem a um oficial culto e digno, como o Sr. Umberto Peregrino, que cabia esta tarefa, reabrindo a porta dos quartéis ao egresso incompreendido, símbolo, também, da dignidade militar. Reaproximar o Exército de Euclides é aprofundar a comunhão entre o povo e os seus soldados, unindo os comandos espirituais, cujas vozes exprimem o que o Brasil possui de mais legítimo e exclusivamente seu. Pela mão patriótica do Sr. Umberto Peregrino, o egresso volta ao lar profissional que ele escolheu, para honrá-lo com seu exemplo e engrandecê-lo com a sua glória. (Roberto Lira — "A Noite" — 9-IV-944).

---

#### LIVROS RECEBIDOS :

*Plano de organização da Juventude Brasileira* — Cap. Moacir Faião de Abreu Gomes.

*Capítulos da História Nacional* — Alfredo Gomes — 1944.

*Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões* — Ten.-Cel. Alexandre José Gomes da Silva Chaves — Ed. A Defesa Nacional — 1944.

# REVISTAS EM REVISTA

Da REVISTA MILITAR — Do Estado Maior do Exército da Bolívia —  
Número de Janeiro-Fevereiro 1944 — "EL PETRÓLEO Y LA  
GUERRA" — Cel. Lucio Guzman Velasco.

O petróleo, começa com uma justa ênfase o articulista, é hoje em dia o sangue das nações. Privado de petróleo um povo estaria desarmado e paralizado. Não poderia nem trabalhar, nem mover-se, nem combater. Pode-se vencer sem ouro, sem pão, mas não se pode vencer sem petróleo. Os cavalos quasi foram completamente eliminados dos serviços militares; os soldados não marcham mais a pé, a não ser nas fases táticas das operações; tudo é mecanizado, auto-transportado, motorizado. Desde a linha de assalto até os mais remotos serviços de abastecimentos prevalece o petróleo.

A necessidade de petróleo se tem agigantado sobre a terra, no ar e na água. Ha quatro anos que o mundo vinha produzindo e consumindo quasi 300 milhões de toneladas de petróleo — mais ou menos 40 litros por cada ser humano que vive sobre a superfície terrestre — e não existia a guerra.

Nenhuma das nações beligerantes, salvo a Rússia, produz no seu sólo todo o petróleo de que necessita. Tanto a Inglaterra como a Alemanha devem depender da importação para manter suas disponibilidades do precioso carburante. Em tempo de guerra esta dependência pôde representar uma debilidade e uma vulnerabilidade, si o adversário tem meios de impedir o transporte de petróleo.

A primeira guerra mundial já demonstrara o valor do petróleo como instrumento de vitória. Sem uma urgente remessa de petróleo americano no verão de 1918 a França teria ficado privada de carburante e quiçá cairia com uma paralisia locomotriz.

Na guerra atual grande tem sido o esforço para cortar à Alemanha toda a possibilidade de receber petróleo. A Rússia proporciona-lhe 8 milhões de toneladas e 6 o resto dos países ocupados; seu consumo nos grandes periodos de offensivas militares passa de 50 milhões. Berlim afirma que mais de duas terças partes de suas necessidades são cobertas por gasolina sintética e se aproxima o momento da completa independência do exterior. Provavelmente vai exagero nessa afirmativa.

A liderança da produção mundial de petróleo pertence aos EE. UU., que produziram no seu território, em 1940, cerca de 200 milhões de toneladas de petróleo, ou sejam 62 % do total produzido no mundo. A Rússia ocupa o segundo posto, com 10,23 %. Seguem-se a Venezuela com 10 %, o Iran com 4 %, as Índias Orientais com 3 %, a Rumania com 2,44 %, o México com 2 %, a Colombia com 1,5 %. Os demais produtores de petróleo ficam abaixo de 1 %.

Os norte-americanos, criadores da indústria petrolífera, inventam continuamente novas máquinas e novos sistemas para extrair o precioso líquido subterrâneo de maiores profundidades e dele conseguir melhor rendimento. Ha qualquer coisa de dramático na gigantesca luta dos norte-americanos para extrair petróleo. Já puzeram em ação máquinas perfuradoras extraordinárias, e é assim que um poço na California atingiu a profundidade de 4.500 metros, enquanto milhares de quilômetros de oleodutos distribuem rios de petróleo por todo o território do país, e mais de 400 navios-tanques transportam para o exterior o precioso combustível.

#### OPERAÇÕES DE DESEMBARQUE — Cel. Segismundo Casado.

Observa o Cel. Casado que antes do atual conflito se generalizara o conceito de que a guerra de material produziria uma regressão da arte militar. Os fatos, todavia, estão demonstrando que a arte militar se revigorou com a guerra de material e que a influência do comando é mais intensa e direta sobre o desenvolvimento da luta. A complexidade dos elementos que participam da batalha moderna, sua coordenação e a surpreendente velocidade com que alguns deles atuam, exigem do comando rápidas decisões, até o extremo em que o cerebro individual cede lugar ao coletivo, razão pela qual os Estados Maiores são na atualidade algo mais que méros auxiliares do comando.

E de todas as operações militares as que oferecem mais dificuldades por sua complexidade e riscos são as que denominamos "operações de desembarque ou anfíbias." Estas operações exigem, não só a coordenação de forças terrestres, aéreas e navais, senão também a sua interdependência.

Quais, então, as condições mínimas que exige uma operação anfíbia frente a um inimigo bem preparado para impedi-la?

O Cel. Casado estabelece essas condições, grupando-as assim :

I — Assegurar a superioridade aérea durante todo o tempo necessário à ocupação e consolidação da cabeça de ponte.

II — Ocupar uma cabeça de ponte mínima de 15 km., para que seja possível realizar as operações de desembarque a salvo do tiro eficaz da artilharia de campanha dos defensores.

III — Como operação preparatoria do desembarque é indispensável destruir, ou ao menos neutralizar as baterias da defesa.

IV — Emprego combinado de forças aero-transportadas e de equipes de sabotagem, com o objetivo de paralisar ou perturbar o transporte de reforços ao setor da costa atacado, durante o tempo julgado necessário para consolidar a ocupação da cabeça de praia.

Muito verdadeiro, como se vê, o conteúdo desse esquema da atualidade militar, composto pelo Cel. Segismundo Casado. De certo a guerra de material, como predomina hoje, longe de anular o combatente e a importância do comando, valorizou-se. Não foi por outro motivo que o Gen. Montgomery ao despedir-se do VIII Exército, na Itália, assim se expressou: "Se me perguntardes qual o primeiro fator essencial para o êxito na guerra, eu vos direi que é o humano. Devemos recordar que não é o "tanque", o carro blindado ou encouraçado que vão ganhar esta guerra. São os homens que os governam. Esta é uma coisa superlativamente importante. O fator humano é absolutamente essencial." E no que toca ao comando é ainda terminante o seu depoimento: "O comando deve ser pessoal e verbal. Jamais dei uma ordem escrita aos meus generais."

Aliás, tem estado ao nosso alcance a comprovação dessas verdades. Ainda ultimamente tomando conhecimento do documentário cinematográfico da "invasão" não poderíamos deixar de refletir que, não obstante a gigantesca operação ter sido montada com todos os recursos e conduzida rigorosamente dentro das condições fundamentais catalogadas pelo Cel. Casado, o fator numero um dos seu êxito residiu no comportamento daqueles homens que, enfileirados, escoavam-se serena e prontamente dos barcos-transportes sobre as praias varridas pela metralha inimiga. Evidentemente se eles hesitassem ou não fossem suficientemente combativos ao deitar o pé em terra, de pouco valeriam a superioridade aérea e naval das suas cores.

Da "NAÇÃO ARMADA" — Número de Junho de 1944 — "A CAVALLARIA NA GUERRA MODERNA" — (DE 1914 a 1939) — Ten. Ernesto Silva.

Cheio de singularidades é o que escreve o Tenente veterinário Ernesto Silva sobre esse tema de atualidade tão sedutora quão perigosa.

"Entre nós — diz ele — a descrença e os ditos maliciosos, sobre o emprego exato dos animais na guerra, fizeram com que o abandono completo do cavalo de guerra se iniciasse de forma lastimante".

Não podemos atinar em que fontes o Tenente Ernesto adquiriu essas convicções. Não nos consta que tivesse começado entre nós o "completo abandono do cavalo de guerra". Nenhuma unidade de Cavalaria hipomovel foi suprimida ultimamente no nosso Exército, antes novos regimentos têm surgido, como o 15.º R. C. I. que é de criação recente. Também não sabemos de nenhuma restrição no vasto e ativo programa de equinocultura da Diretoria de Remonta, impulsionada por esse ardoroso e competente técnico que é o General Silva Rocha.

Onde, pois, os sinais desse "completo abandono do cavalo de guerra" denunciado pelo Tenente Ernesto?

Certamente não toma o articulista a criação de unidades motorizadas no nosso Exército como prova de que abandonamos o cavalo. Não lhe assacaremos essa grave injúria. Bem sabe o zeloso veterinário que a maior e melhor Cavalaria hipomovel da atualidade é a do Exército Vermelho, o qual, não obstante, é altamente mecanizado. E o campeão da Cavalaria soviética, o Gen. Budyení, costumava dizer que a formula russa não era "cavalo ou motor, mas cavalo e motor". Não são, portanto, termos antagonicos esses. Assim, se pretender suprimir o cavalo é leviandade, encarar com prevenção o aparecimento de unidades mecanicas de Cavalaria num Exército como o nosso equivale a prova de espírito retrógrado.

Dessa forma continuamos sem enxergar os motivos que conduziram o articulista àquela alarmada afirmação de que entre nós se iniciara o "completo abandono do cavalo de guerra".

Acompanhemos ainda o Ten. Ernesto Silva nas suas considerações: "A cavalaria, segundo deduzimos, pelas consecutivas leituras, não se ajustaria aos combates atuais sem que houvesse modificação no modo por que é empregada. E uma das falhas geralmente apontadas é a fraca potência de fogo da cavalaria, de modo que, ao aprear para o combate, ela não pode se portar como verdadeira infantaria".

Logo adiante ei-lo a catalogar, entre as missões próprias da Cavalaria, a de produzir o "rompimento das frentes".

Esses tópicos põem a descoberto que o articulista, conquanto cheio de interesse e apreço pela Cavalaria, não está perfeitamente aparelhado para defendê-la. Com efeito, para esse mister era preciso, antes de mais nada, conhecer a Cavalaria como arma.

O trabalho do Ten. Silva tem ainda um defeito essencial: é construído à base de experiências militares antigas, já amplamente superadas. E no caso da guerra de conquista da Etiópia, pelo exército facista, as suas considerações chegam a ter um sabor paradoxal. O articulista confessa que "o exército etiope possuía apenas bandos

esparços de cavaleiros"; quanto aos "italianos não usaram sua numerosa cavalaria e preferiram aplicar o motor"; contudo, a sua imprevista conclusão é de que "tanto italianos quanto etíopes não souberam aproveitar o terreno, apto ao emprego de grandes efetivos de Cavalaria", "mas a lição da guerra ficou", e a seu ver, "em épocas futuras não incidiriam mais neste erro e, em casos idênticos, veríamos, certamente, uma poderosa cavalaria entre as tropas mais aguerridas dos exércitos em luta".

Ora, sucede que tudo isso está em desacordo com o ponto de vista do Gen. Graziani, que comandou os exércitos conquistadores na campanha da Etiópia, expresso nos seguintes termos: "Convenci-me de que, dadas as enormes distâncias, a condução das operações neste teatro é sobretudo um problema de transportes motorizados e de estradas".

Alem de tudo o Tenente Ernesto Silva esqueceu, na hora de formular as suas previsões, que já na guerra atual houve nova campanha na Etiópia, quando os britânicos, emprenderam a libertação daquele país e não foi feita absolutamente à base de transportes nem de unidades hipomóveis; o que vale por um desmentido antecipado às suas previsões dagora...

# Restaurante Reis

**Reis, Almeida & Cia.**

O Restaurante que pela qualidade e pelo preço pôde servir desde o General aos soldados das forças expedicionárias

---

**Avenida Almirante Barroso, 18 e 20**

**Telefone: 22-0993**

**RIO DE JANEIRO**

## Amplia-se a grande obra idealizada e criada por Henrique Lage

Henrique Lage foi o grande industrial e patriôta que, com dedicação invulgar, surpreendendo os homens de sua geração, criou um mundo de indústrias com o nobre propósito de engrandecer sua pátria.

Durante anos, sem temer obstáculos, o saudoso industrial impulsionou as indústrias que sua decisão forte criara, indústrias que iam da extração do carvão, da navegação marítima à vertiginosa atividades de modelares estaleiros, capazes de dar ao Brasil os seus próprios navios.

Esse admirável entusiasta, cujo patriotismo contagiava a quantos dele se aproximavam, soube conquistar a estima de todas as classes, dos militares principalmente, tanto que os cadetes brasileiros o tinham como seu "amigo número um".

Homem de ação e de inteligência, Henrique Lage teve seus colaboradores, entre os quais avultava o dr. Pedro Brando, seu mais íntimo auxiliar nos principais cometimentos da poderosa organização por ele fundada. Unidos, identificados pelo mesmo pensamento de engrandecer o Brasil, os dois grandes brasileiros trabalharam incansavelmente, até que a morte, quando mais ainda a nossa indústria esperava de tamanho esforço, veio colher Henrique Lage.

### UM SUCESSOR À ALTURA DE UM GRANDE HOMEM

Morto Henrique Lage, a obra por ele criada não parou em seu avanço miraculoso, em sua capacidade realizadora e benéfica à segurança nacional. Foi mesmo esse seu caráter de ampla importância que levou o governo do Presidente Getúlio Vargas a entregar ao Estado o controle. E criada a "Organização Henrique Lage", com feição oficial, foi a figura do dr. Pedro Brando, o mais íntimo e laborioso colaborador do patriôta desaparecido, que a confiança do Chefe da Nação escolheu para tomar a direção de tão importante quanto complexo organismo. Era, assim, premiado devidamente um homem que soubera partilhar, com igual entusiasmo e coragem, dos riscos e dos êxitos de Henrique Lage.

### TRABALHO INTENSO E REALIZADOR

Não precisamos selecionar adjetivos para dizer do brilho e da segurança que marcam a superintendência do dr. Pedro Brando na "Organização Henrique Lage". Para exaltá-la aí está o acervo de serviços da mais alta importância prestados à nação, em escala sempre crescente, como o exige a hora de preparação guerreira que o Brasil está vivendo. Todavia vale ressaltar a cooperação valiosíssima que representam os navios construídos nos estaleiros da Organização, — tributo dos maiores à nossa defesa marítima, ao transporte de abastecimentos e de materiais para as tropas do Brasil.

Toma assim novos fulgores, pois, agiganta-se mesmo, sob a orientação enérgica e esclarecida do dr. Pedro Brando, a grande obra que Henrique Lage idealizou e começou a construir para grandeza da pátria que ele tanto amou e soube dignificar pelo trabalho profícuo e pelo patriotismo extremo e sem jaca, — virtudes essas que a palavra eloquente e autorizada do atual superintendente da "Organização Henrique Lage" não se cansa de exaltar de público para conhecimento de todos os brasileiros.

# BOLETIM

A BIBLIOTECA MILITAR está distribuindo aos seus assinantes o volume LXXVII da sua coleção e que vem a ser: COOPEREMOS PARA A BOA LINGUAGEM, de autoria do Ten.-Cel. Rui Almeida, professor no Colegio Militar e diretor da "Revista Filológica".

Trata-se de um volume que será certamente muito util aos leitores militares de todas as categorias, pois discute e esclarece à luz dos melhores documentos clássicos, velhas e novas questões de linguagem.

\*

Na capital do Território do Acre foi inaugurado recentemente um parque infantil que recebeu o nome de "Parque Infantil Cel. Lima Figueiredo". Com isso se homenageou ao mesmo tempo o sertanista que tantas vezes se aprofundou naqueles chãos remotos do Acre, e o ex-comandante da Escola de Educação Física do Exército, entusiasta batalhador pelo aperfeiçoamento físico do homem brasileiro.

\*

Está enfermo há algum tempo o Cel. Luís Lobo. Secretário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, de que foi um dos fundadores com Tasso Fragoso, Leitão de Carvalho, Severino Sombra, Genesio de Vasconcelos, o Cel. Luís Lobo, atualmente reformado, vinha sendo o grande animador dessa Instituição, com uma atuação inteligente e interessada.

Além disso exercia pontual atividade técnico-militar na imprensa e ultimamente publicara na BIBLIOTECA MILITAR um estudo sobre a "História Militar do Pará".

\*

Entre os oficiais do Estado Maior do Gen. V. Benício da Silva inclui-se presentemente o Maj. Salm de Miranda, que desde o termino do seu curso na Escola do Estado Maior vinha servindo no Q. G. da 1.<sup>a</sup> Divisão de Cavalaria, no Rio Grande do Sul.

O fato é altamente auspicioso, entre outros motivos porque restitue ao nosso convívio um oficial de comprovado merecimento. Seu nome está ligado a numerosos trabalhos de técnica militar e de cultura geral. E' de esperar que agora retome o seu ritmo de produção intelectual e venha a dar-nos novos e interessantes trabalhos.

\*

A REVISTA MILITAR DEL PERÚ, no seu número de novembro de 1943, transcreve de A DEFESA NACIONAL o artigo "Os serviços nas Unidades de carros até o escalão batalhão", de autoria do Cap. Fernando Belfort Bethlem.

Este jovem colaborador de A DEFESA NACIONAL, distinguido pela REVISTA MILITAR DEL PERÚ, é oficial da Arma de Cavalaria, já foi instrutor da Escola de Moto-Mecanização, esteve nos Estados Unidos entre as primeiras turmas que daqui foram fazer cursos no Exército Norte Americano, e atualmente integra as Forças Expedicionárias Brasileiras.

O Ten.-Cel. Artur da Costa e Silva, que se encontrava há vários meses nos Estados Unidos, fazendo o CURSO AVANÇADO DE TANQUES do Exército Norte Americano, acaba de regressar ao nosso país.

O ilustre oficial de Estado Maior já reassumiu as suas antigas funções de comandante da Escola de Moto-Mecanização do Exército.

Parte de um "Curso" sobre a vida, a personalidade e a obra de Euclides da Cunha, promovido pela Academia Carioca e Associação Brasileira de Educação, o Cap. Umberto Peregrino pronunciou recentemente uma conferencia subordinada ao título: "Euclides da Cunha na vida militar". Eis o esquema dentro do qual se desenvolveu o estudo do Cap. Umberto Peregrino, o segundo que faz sobre o seu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil: Euclides na Escola Militar — Como era a Escola Militar da Praia Vermelha — Explicação do ingresso de Euclides na Escola Militar — O transito de Euclides pela Praia Vermelha — A segunda fase de Euclides no Exército — Por que voltou Euclides ao Exército? — As atividades de Euclides como oficial — O correspondente de guerra — A vida militar de Euclides e a sua obra.

De autoria do Ten.-Cel. Romeo Barrientos Rosas o "Memorial do Ejercito de Chile" publica no número de março-abril deste ano um interessantíssimo estudo sobre "A ciência geográfica ao serviço da guerra".

Segundo o próprio autor esse estudo objetiva: "informar sobre a evolução da Geografia Militar; definir as concepções que hoje regem esse ramo das ciências militares na metodologia e na didática; evidenciar a transcendência da Geografia na preparação e na execução das guerras, o que fixa as afinidades entre o estadista e o estratega; demonstrar que a conduta das operações bélicas no cenário terrestre, aéreo e marítimo é função premordial da realidade geográfica; comprovar historicamente que o desconhecimento geográfico malogrou com incrível frequência a sorte de campanhas e batalhas; estabelecer, finalmente, as complexas conexões necessárias à Geografia Militar.

- de Pôrto Alegre — Tenente-Coronel;
- de Belo Horizonte — Tenente-Coronel;
- de Curitiba — Tenente-Coronel;
- de Recife — Major;
- de Salvador — Major;
- de Belém — Major.

As de diretor dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva de Juiz de Fora e Campo Grande são exercidas, a título precário e por indicação do Estado Maior do Exército, por oficial com o posto de Major, sem o Curso de Estado Maior.

(Aviso n.º 1.566, de 22 — D.O. de 24-6-943).

#### P. O. R. (solução de consulta).

O Comandante da 3.<sup>a</sup> R.M. consulta se podem ser aceitos nos C.P.O.R. ou N.P.O.R. os candidatos que apresentem certificados de conclusão do curso ginasial pelo atual regime de ensino.

Em solução, declaro:

Sendo o Ensino Secundário, pela lei atual, constituído de dois ciclos — Curso Ginasial e Curso Científico ou Clássico — só os possuidores do certificado de aprovação no segundo ciclo poderão ser aceitos como candidatos à matrícula, de acôrdo com o art. 45, letra c, do Regulamento para os C.P.O.R.

(Aviso n. 1.762, de 15 — D.O. de 17-7-943).

#### CURSO REGIONAL DE A. DE SARGENTOS (funcionamento).

Em aditamento ao Aviso n. 996, de 17 de abril de 1943, autorizo o funcionamento nas 6.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> R.M. do Curso Regional de Aperfeiçoamento de Sargentos, nas condições especificadas no referido Aviso.

Os efetivos deverão ser fixados pelos Comandantes de Regiões, não devendo, porém, ultrapassar de 5% do total de sargentos de cada arma.

(Aviso n. 1.561, de 22 — D.O. de 24-6-943).

#### ESTACAMENTOS DE EMBARQUES (quadro).

O ministro de Estado da Guerra resolve aprovar o quadro de efetivos de praças, que com esta baixa, para os Contingentes dos Destacamentos de Embarque de Pirapora, Joazeiro e Petrolina, na conformidade do Aviso n. 1.365, de 1 de junho de 1943, e Notas ns. 747 e 750, de 4 do mesmo mês e ano.

(Portaria n. 4.886, de 22 — D.O. de 24-6-943).

#### ESTACAMENTO DE FERNANDO NORONHA (ambulância).

A Ambulância Mista do Destacamento Misto de Fernando de Noronha passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.



(Aviso n. 1.559, de 22 — D.O. de 24-6-943).

#### ECONOMIA MILITAR (serviço).

Para que possa dar início ao Serviço de Economia Militar, amparando ou procurando despertar no soldado o desejo de formação de um pecúlio, autorizo aos comandantes de Corpos e chefes de Estabelecimentos Militares — conforme propõe a Caixa Econômica do Rio de Janeiro — a adoção das seguintes medidas:

1 — Permissão para o desconto, em folha de vencimentos das praças que desejarem, de uma determinada quantia, para ser depositada em seu nome numa caderneta da Caixa Econômica;

# **O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha**



**Durante uma ação  
dum Regimento de  
Infantaria.**

**(Caso concreto)**

**preço pelo reembolso postal Cr\$ 11,00**

**Autor**

**Cap. GERALDO DE MENEZES**

---

**À venda na Biblioteca de Defesa Nacional**

- 2 — Fixação da quantia mínima e máxima a ser descontada, de acôrdo com a tabela anexa;
- 3 — Guarda ou controle das cadernetas por parte do sargento encarregado da confecção das fôlhas de pagamento das praças, não podendo as mesmas cadernetas ser entregues aos depositantes sinão com autorização do capitão comandante da respectiva companhia;
- 4 — Organização, pelo sargento a que acima se faz referência, de uma relação mensal, em três vias, de todos os descontos feitos, ficando uma via com o mesmo sargento, outra com o fiscal administrativo e devendo a outra ser entregue ao representante da Caixa Econômica;
- 5 — Inclusão da rubrica "Caixa Econômica" na relação dos descontos feitos que é entregue todos os meses, em envelopes, aos soldados, juntamente com o pagamento;
- 6 — Autorização para que cartazes de propaganda da Caixa Econômica passem ser afixados nos alojamentos das praças;
- 8 — Permissão para que a Caixa Econômica possa remeter às escolas regimentais material de propaganda da Economia Militar;
- 9 — Permissão para que a Caixa Econômica possa realizar nas escolas regimentais, se achar interessante e de bom resultado, palestras e conferências sôbre a pequena economia.

#### TABELA DE DESCONTOS

*Limites mínimo e máximo do desconto mensal para depósito na caderneta da Caixa Econômica.*

	Cr\$	Cr\$
Sub-tenentes e sargentos .. .. .	5,00	a 100,00
Cabos e soldados engajados .. .. .	30,00	a 40,00
Soldados mobilizáveis .. .. .	10,00	a 30,00
Soldados não mobilizáveis .. .. .	3,00	a 10,00

(Aviso n. 1.758, de 15 — D.O. de 16-7-943).

#### EFETIVOS (informações).

Afim de que as informações atinentes aos efetivos sejam perfeitamente harmônicas, baixo este, como aditamento às "Instruções para a remessa de informações sôbre efetivos ao Gabinete do Ministro", baixadas com a portaria n. 4.379, de 17 de fevereiro de 1943:

1. — As Diretorias das Armas, de Saúde e de Intendência deverão encerrar os quadro e mapa, a que se referem os ns. 6 e 7 das Instruções baixadas com a portaria n. 4.379, de 17 de fevereiro de 1943, com as alterações que forem publicadas no *Diário Oficial* do último sábado de cada mês.
2. — Igual providência deverá adotar a Diretoria de Recrutamento, para confecção do quadro demonstrativo, relativo à última semana, referido no n. 5 das mesmas instruções.
3. — Nesses quadros e mapas deverão constar todos os oficiais da reserva convocados, discriminando:
  - a) os oficiais convocados pelo decreto n. 24.221, de 10 de maio de 1934 (antigos comissionados).

(Aviso n. 1.732, de 8 — D.O. de 14-7-943).

#### ESCOLA MILITAR (denominação).

O conjunto de edifícios, destinados à Escola Militar, que este Ministério está construindo na cidade de Resende, no Estado do Rio de Janeiro, passa a ter a denominação de Escola Militar de Resende.

(Aviso n. 1.737, de 13 — D.O. de 15-7-943).

"A Defesa Nacional" *editou*

# Estratégia do Terror

---

---

De Edmond Taylor

A leitura deste livro permite acompanhar a formação da mentalidade guerreira, a preparação psicológica para a derrota, o conflito das forças morais e a luta entre as vontades dos governos e dos povos, na mobilização dos espíritos e na execução da guerra total.

Encontra-se, ainda, nas suas páginas, muitas vezes, a explicação e as razões dos entrechoques havidos, no nosso teatro de operações, entre idéias e doutrinas, antes da declaração de guerra do Brasil aos países totalitários.

"ESTRATÉGIA DO TERROR" veio à lume nos Estados Unidos da América do Norte, em 1940; neste mesmo ano teve:

- a 1.<sup>a</sup> edição em maio;
- a 2.<sup>a</sup> edição em junho;
- a 3.<sup>a</sup> edição em julho, e
- a 4.<sup>a</sup> edição em agosto.

Em 1942 foi publicada uma edição de bolso a-fim-de por o livro ao alcance do maior número possível de leitores.

Este livro foi considerado de tal importância para esclarecer as elites do país e o povo em geral, que a sua publicação foi feita com a cooperação do Bureau de Produção de Guerra, do Governo Americano.

No Brasil, foi traduzido pelo Cel. J. B. Magalhães e editado pela revista de assuntos militares "A Defesa Nacional" que, desta forma coopera com esforço de guerra do nosso Governo.

**À venda nas Livrarias**

**Pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal "A Defesa Nacional"**

**Caixa Postal, 32 - Ministério da Guerra - Rio de Janeiro**

**ESCOLA DE MOTO-MECANIZAÇÃO (curso).**

A Escola de Moto-Mecanização deverá, ainda no corrente ano, fazer funcionar os seguintes Cursos:

A — Officiais da ativa.

a) para capitães:

- 10 Capitães de Infantaria;
- 3 Capitães de Cavalaria;
- 10 Capitães de Artilharia;
- 2 Capitães de Engenharia.

b) para tenentes:

- 10 Tenentes de Infantaria;
- 3 Tenentes de Cavalaria;
- 10 Tenentes de Artilharia;
- 2 Tenentes de Engenharia.

B — Officiais da Reserva:

- 19 Aspirantes ou tenentes de Infantaria;
- 7 Aspirantes ou tenentes de Cavalaria;
- 22 Aspirantes ou tenentes de Artilharia;
- 2 Aspirantes ou tenentes de Engenharia.

Os oficiais da Reserva deverão ser convocados para este Curso.

Os Cursos terão início em agosto e terminarão em dezembro do corrente ano, de modo a haver um período letivo útil de quatro meses, não sendo incluído nesse prazo o tempo necessário aos exames finais do curso.

(Aviso n. 1.655, de 2 — D.O. de 5-7-943).

**EXERCÍCIO FINANCEIRO (ajuda de custo).**

Declaro, para os devidos fins, que o exercício financeiro por conta do qual deverá correr a despesa da diferença de ajuda de custo prevista na letra B, do aviso n. 2.846-Adjc 2, de 27 de julho de 1940, será o mesmo em que ocorrer a chegada das famílias dos oficiais na nova sede da sua classificação, remoção, transferência por conveniência do serviço, nomeação para cargo ou função, matrículas em escolas ou centros de instrução do Exército ou em cursos especializados, em escolas civis, ou deslocado por efeito de mudança de sede da Unidade ou Repartição.

(Aviso n. 1.613, de 29-6 — D.O. de 1-7-943).

**FARMÁCIA CENTRAL DO EXÉRCITO (fornecimento).**

Em consequência da criação da Farmácia Central do Exército, que vem atendendo ao fornecimento indenizável de produtos farmacêuticos, medicamentos, material de penso e outros aos oficiais, praças, funcionários e serventes civis do Ministério da Guerra, fica extinto o Serviço dessa natureza até agora afetado à 1.<sup>a</sup> Divisão do Laboratório Químico Militar, que poderá, entretanto, manter idêntico fornecimento ao pessoal em serviço no próprio estabelecimento.

(Aviso n. 1.554, de 21 — D.O. de 23-6-943).

**SIRCULO OSBRIANO**

**3** anos  
de

**Ortografia**  
**Simplificada**  
**Brazileira**

"Devéras simplifica e uniformiza. Solusão  
rational, por iso e para iso, radical.

Nada invênta, nem subvért: aproveita tudo  
quanto ezistia de aproveitavel e estabelése disi-  
plina perficsa onde imperava atrevida, petulante  
anarcia".

**OPUSCULO 4.º :**

Comemorativo do 3.º aniversário da publicação da OSB.

Pelo **Jeneral KLINGER**

Colaborasão de vários Osbrianos

À venda na Biblioteca de "A DEFESA NACIONAL"

Preço : **16,00** - Para os assinantes : **12,00**

# FORMAÇÕES SANITÁRIAS REGIONAIS (pessoal).

Por haverem sido transformadas as Formações Sanitárias Regionais dos 9.º B. E. e 4.º B. C. do tipo "A" para o "B", ficam as mesmas acrescidas do seguinte pessoal, na conformidade do art. 203, § 1.º, do Regulamento do Serviço de Saúde do Exército em tempo de paz:

## 9.º B. E.:

Um sargento manipulador de farmácia.  
Um cabo de Saúde.  
Dois soldados padioleiros.

## 4.º B. C.:

Um 2.º tenente farmacêutico.  
Um sargento manipulador de farmácia.  
Dois soldados de saúde.  
Fica aumentado o Contingente das Oficinas de Reparações do Serviço de Material Bélico da 2.ª Região Militar, afim de que maior possa ser o rendimento de sua maquinária do seguinte pessoal:  
Um 3.º sargento carpinteiro.  
Um 3.º sargento armeiro.  
Um cabo serralheiro.  
Um cabo seleiro-correio.  
Três soldados artifices.  
(Aviso n. 1.670, de 6 — D.O. de 8-7-943).

# FORTE DE COIMBRA (cavalos).

E' mandado distribuir ao Grupo Portocarrero (Forte de Coimbra), a título precário seis (6) cavalos para os serviços da unidade.  
(Aviso n. 1.553, de 21 — D.O. de 23-6-943).

# GUARNIÇÃO DE CARAVELAS (constituição).

E' constituída a Guarnição de Caravelas (Estado da Baía), compreendendo as tropas com sede na mesma cidade.  
(Aviso n. 1.657, de 3 — D.O. de 6-7-943).

# GUARNIÇÃO DE FERNANDO DE NORONHA (doentes).

E' mandado aplicar aos militares atacados de *polinevrite de carência do tipo béri-béri*, em serviço na guarnição do arquipélago de Fernando de Noronha, o pisposto no Aviso n. 433, de 6 de julho de 1937, relativo aos que adquirem paludismo em certas guarnições de fronteira, devendo o atestado de origem, em tal caso, ser lavrado de acôrdo com as "Instruções Reguladoras dos Documentos Sanitários de Origem".  
(Aviso n. 1.656, de 2 — D.O. de 5-7-943).

# HOSPITAIS MILITARES (contingente).

As praças dos Contingentes dos Hospitais Militares ficam adidas, para percepção de fardamento, a um dos Corpos da Guarnição em que têm sede os referidos Estabelecimentos, a critério dos comandantes de Região Militar.  
(Aviso n. 1.748, de 13 — D.O. de 15-7-943).

# LICENÇAS A SERVENTUÁRIOS (recomendação).

Considerando que o momento atual exige o máximo de dedicação e mesmo de sacrifício de todos os brasileiros, quaisquer que sejam as funções exercidas;

# BIBLIOTECA DE "A DEFESA NACIONAL"

## LIVROS A VENDA

Anuário Militar do Brasil, 1935 .. . . . .	Cr\$ 17,50
Anuário Militar do Brasil, 1936 .. . . . .	Cr\$ 22,50
Anuário Militar do Brasil, 1937 .. . . . .	Cr\$ 17,50
Anuário Militar do Brasil, 1938 .. . . . .	Cr\$ 22,50
Anuário Militar do Brasil, 1940 .. . . . .	Cr\$ 27,50
Anuário Militar do Brasil, 1941 .. . . . .	Cr\$ 37,50
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	Cr\$ 31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (para oficiais) .. . . . .	Cr\$ 21,00
A Revolução de 1842 — Rudolf Bolting .. . . . .	Cr\$ 27,00
Alerta — Cel. Orozimbo Martins Pereira .. . . . .	Cr. 11,00
Aspecto Geográfico Sul-Americano — Cel. Mário Travassos	Cr\$ 6,00
As Condições Geográficas e o P.M. Brasileiro — Cel. M. Travassos .. . . . .	Cr\$ 5,50
A Concepção da Vitória entre os grandes generais — Cap. C. Dervieu Tradução do Cap. Frederico Mindello ..	Cr\$ 22,00
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota .. . . . .	Cr. 5,00
Boletim n. 2 — Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueiredo..	Cr. 11,00
Boletim n. 3 — Cel. Araripe e Ten.-Cel Lima Figueiredo ..	Cr\$ 11,00
Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes .. . . . .	Cr\$ 11,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Correia.. . . . .	Cr\$ 6,50

Considerando que são constantes os pedidos de licença de serventuários d'êste Ministério, muitas vezes por enfermidade que não os impossibilita de prestar serviços;

Considerando que os serventuários, quando licenciados, continuam a perceber as respectivas remunerações, sem permitir a substituição, o que perturba o andamento do serviço público;

Considerando que as licenças concedidas a funcionários, sem acesso, não lhes trazem o menor prejuízo, o que também acontece, de modo geral, ao pessoal extranumerário;

Considerando que são inúmeras as reclamações dirigidas a êste gabinete pelos diretores e chefes de estabelecimentos e repartições neste sentido, perfeitamente justificáveis.

Determino:

I) Que as licenças aos serventuários d'êste Ministério, além de 10 (dez) dias, só sejam concedidas mediante inspeção por junta médica, que, além do respectivo laudo, informará, com a maior precisão, se os mesmos estão impossibilitados de permanecer no exercício de suas funções.

II) que se observe, com o maior rigor, a assiduidade e dedicação dos serventuários no desempenho dos seus cargos, afim de que sejam dispensados os que não cumprirem com os seus deveres;

III) que a secretaria geral e a diretoria de Saúde providenciem, segundo as suas atribuições, no sentido de serem observadas rigorosamente essas determinações, quer nas repartições e estabelecimentos nesta Capital, quer nos Estados;

IV) que o processo de licença seja submetido à minha apreciação, para verificação de responsabilidade, quando a secretaria geral, em sua ação controladora, constatar que não houve o cumprimento dessas instruções. (Aviso n. 1.636, de 1.º — D.O. de 3-7-943).

#### LICENCIAMENTO DE OFICIAIS E SARGENTOS (idade).

1 — Os comandantes de Região Militar providenciem no sentido de serem licenciados do serviço ativo os sargentos que estejam convocados e tenham mais de 55 anos de idade (art. 77 do decreto-lei n. 3.940, de 16 de fevereiro de 1941).

2 — Afim de serem licenciados do serviço ativo, a Diretoria de Recrutamento indique os oficiais reformados (art. 68 do citado decreto-lei) que estejam convocados.

3 — Fica sem efeito o Aviso n. 1.611, de 29 de junho último. (Aviso n. 1.694, de 8 — D.O. de 10-7-943).

#### LICENCIAMENTO DE SARGENTOS (idade).

Os comandantes de Região Militar providenciem no sentido de serem licenciados do serviço ativo os sargentos que estejam convocados e tenham mais de 55 anos de idade (art. 77 do decreto-lei n. 3.940, de 16 de fevereiro de 1941).

Idêntica providência deverá ser tomada com relação aos sargentos convocados que vierem a completar o mesmo limite de idade.

(Aviso n. 1.611, de 29-6 — D.O. de 3-7-943).

#### LICENCIAMENTO DO SERVIÇO (praças).

Os comandantes de Região Militar devem providenciar no sentido de serem licenciados do serviço ativo os soldados e cabos que, não podendo reengajar por força do art. 143 da Lei do Serviço Militar, hajam permanecido nas fileiras em consequência da ordem de suspensão do licenciamento.

# Biblioteca de "A Defesa Nacional"

## Livros à venda :

Caderneta do Capitão de Infantaria . . . . .	Cr\$ 13,00
Cinalização a Braço e Ótica — Cel. Lima Figueiredo.. .	Cr\$ 3,00
Coletânea de Leis e Decs., 1544-1938 — Maj. Bento Lisboa	Cr\$ 13,00
Combate e Serviço em Campanha — Cel. Araripe . . . . .	Cr\$ 13,00
Contribuição para a História da Guerra entre o Brasil e B. Aires — Trad. Gen. Bertoldo Klinger.. . . .	Cr\$ 13,00
Código de Justiça Militar — Cel. José Faustino da S. Filho	Cr\$ 27,00
Curso de Topografia Militar — Cap. Olívio Gondin de Uzeda	Cr\$ 27,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga . . . . .	Cr\$ 7,50
Ensaio sobre Instrução Militar — Trad. Cap. J. Horácio Garcia . . . . .	Cr\$ 13,06
Escola de Pelotão — Cel. Araripe.. . . .	Cr\$ 13,00
Equitação em Diagonal — Major Oswaldo Rocha . . . . .	Cr\$ 13,00
Exemplo de Sessões de Estudo de Elemento — Cap. José J. Ramos . . . . .	Cr\$ 3,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. M. N. Assumpção . . . . .	Cr\$ 11,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos..	Cr\$ 3,00
Educação Física Militar — Major Guttenberg Ayres de Miranda . . . . .	Cr\$ 10,00
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota . . . .	Cr\$ 8,00

# SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

---

A DEFESA NACIONAL, visando facilitar aos seus sócios e assinantes a aquisição de livros — militares ou não — à venda nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu, na sua **Secção de Publicações**, o serviço de ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.

Os livros solicitados serão remetidos mediante o simples pedido, e o pagamento feito na agência postal da localidade onde se encontra o destinatário, na ocasião da encomenda.

As despesas relativas ao SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO, serão incluídas no valor do pedido.

A toda encomenda acompanhará a fatura respectiva.

Para facilidade do serviço, os pedidos devem ser feitos nesta ficha.

*Este número publica a relação dos livros à venda na Secção de Publicações de A DEFESA NACIONAL.*

Em...../...../.....

Sr. Diretor de Publicações

de "A DEFESA NACIONAL"

CAIXA POSTAL 32

Ministério da Guerra

RIO DE JANEIRO

Solicito enviar-me, pelo SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL, os seguintes livros:

Nome .....

Unidade ou rua.....

Cidade .....

Estado .....

O disposto neste Aviso não se aplica aos cabos beneficiados pelo Aviso n. 3.940, de 2 de outubro de 1940.

(Aviso n. 1.682, de 7 — D.O. de 9-7-943).

#### MAJORAÇÃO DE EFETIVO (pedido).

Os comandantes de Região Militar, o secretário geral do Ministério da Guerra e os diretores de Armas e Serviços só devem encaminhar pedidos de majoração dos efetivos de contingentes, após se haverem certificado da absoluta premência do aumento; mesmo neste caso, só deverão fazê-lo em março e setembro, afim de que apenas em dois Avisos anuais sejam feitas modificações nos quadros dos efetivos dos contingentes, os quais, ultimamente, têm crescido de modo desproporcional ao aumento que experimentaram os corpos de tropa.

(Aviso n. 1.735, de 8 — D.O. de 14-7-943).

#### MÉDICOS CIVIS (alteração de decreto).

A alínea *a* do art. 3.º e o art. 5.º do decreto-lei n. 5.164, de 31 de dezembro de 1942, ficam com a seguinte redação:

"Art. 3.º ..

a) no posto de 1.º Tenente: os médicos civis que não estejam compreendidos nas alíneas *b* e *c* deste artigo e sejam assistentes de faculdades ou exerçam função em caráter permanente no serviço médico de organização pública ou paraestatal ou ainda os diplomados que tenham de 10 a 15 (exclusive) anos de exercício profissional.

Art. 5.º Os oficiais médicos da Reserva de 2.ª Classe ou do Exército de 2.ª Linha, que tiverem concluído, com aproveitamento, o Curso de Emergência de Medicina Militar ou o Curso Especial de Adaptação e que ocuparem os cargos referidos no art. 3.º, ou tiverem dez ou mais anos de exercício profissional, fazem jus à imediata promoção aos postos correspondentes, mediante requerimento".

As alterações feitas pelo presente decreto-lei produzem efeito da data em que entrou em vigor o de n. 5.164, de 31 de dezembro de 1942.

(Decreto-lei n. 5.633, de 30-6 — D.O. de 2-7-943).

#### OFICIAIS GERAIS (quadro).

Fica aumentado desde já o Quadro de Estado-Maior General do Exército de dois Generais de Divisão para atender às necessidades advindas com a criação das Grandes Unidades retro citadas.

(Decreto-lei n. 5.594, de 18 — D.O. de 22-6-943).

#### OFICIAIS REFORMADOS (cargos).

Os oficiais reformados e os sargentos com mais de 55 anos de idade, que forem ou vierem a ser licenciados (aviso n. 1.694, de 8 de julho atual) continuam nos cargos que exercem, a menos que peçam exoneração ou sejam exonerados *ex-officio*.

(Aviso n. 1.726, de 8 — D.O. de 14-7-943).

#### OFICIAIS DA RESERVA (distintivos).

Consulta o 2.º tenente de Infantaria Valdir Duare Gomes, do 18.º Batalhão de Caçadores, se os oficiais da reserva, *quando convocados para o serviço ativo ou em estágio de instrução*, usam os uniformes do Exército sem os distintivos privativos da reserva.

Opina o consulente pelo uso dos mencionados distintivos, porque assim o determina o Estatuto dos Militares, em seu art. 97, e invoca para tanto o dispositivo no aviso ministerial n. 417-Dist. 1, publicado no *Diário Oficial* de 18-1-42 e, bem assim, o despacho ministerial, solucionando uma con-

# Biblioteca de «A Defesa Nacional»

## Livros á venda:

Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolívar Teixeira . . . . .	Cr\$ 17,00
Exercício de Combate de Companhia — Major Alcebiades Tamoyo . . . . .	Cr\$ 18,00
Fichário para Instrução de Educação Física — Cap. Jair Jordão Ramos . . . . .	Cr\$ 16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles . . . . .	Cr\$ 5,00
Formulário Processual — Major Niso Viana Montezuma..	Cr\$ 7,00
Guia para Instrução Militar — Major Ruy Santiago . . . .	Cr\$ 17,00
Guerra da Secessão — Ten.-Cel. Arthur Carnauba . . . .	Cr\$ 5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso . . . . .	Cr\$ 13,00
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo . . . . .	Cr\$ 13,00
Indicador Paranhos até 1935 . . . . .	Cr\$ 13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Balticas . . . . .	Cr\$ 5,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Maga- lhães . . . . .	Cr\$ 3,00
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto . . . . .	Cr\$ 11,00
Guia para o Cmt. do Pelotão de Fuzileiros — Maj. A. Tamoyo . . . . .	Cr\$ 9,00
História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — Gen. Tasso Fragoso . . . . .	Cr\$ 70,00

sulta do comandante do III/7.º R.I. e publicado no *Diário Oficial* de 16-1-43. Em solução, declaro:

Considerando que o Estatuto dos Militares, regulando o funcionamento das forças armadas — Exército, Marinha e Aeronáutica — estabelece preceitos gerais, que constituem apenas orientação de que se não devem afastar as organizações armadas do País;

Considerando que o regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército regulamentou o Cap. VI do Tít. II do Estatuto dos Militares;

Considerando que o art. 97 do decreto-lei n. 3.864, de 24 de novembro de 1941, dizendo que "os militares da reserva quando convocados para o serviço ativo ou instrução usam os uniformes das Forças Armadas ativas, com os distintivos privativos da reserva", não especificou quais são esses distintivos, deixando para a regulamentação em cada ministério escolhê-los a seu talante;

Considerando que o regulamento n. 124 definiu esses distintivos em seu art. 24 e disse, genericamente, que todos "os oficiais da reserva usam uniformes das forças ativas com os distintivos privativos da reserva" e em seu parágrafo único acrescenta que, quando convocados para o serviço e *arregimentados* não trazem os referidos distintivos, quis com isso, dentro do espírito do Estatuto dos Militares, evitar distinções, que desuniformizem o pessoal ou possam prejudicar a disciplina sobre ser semelhantes disposições adotadas em quasi todos os grandes exércitos do mundo;

Resolver, uma vez por tôdas, que:

1.º os militares da reserva usem os uniformes das forças armadas ativas com os distintivos privativos da reserva, exceto quando *convocados para o serviço ativo e arregimentados*, de acordo com a última parte do parágrafo único do art. 24 do R.U.P.E.;

2.º nas demais circunstâncias, inclusive em estágio de instrução, os militares da reserva usam os respectivos distintivos.

(Aviso n. 1.570, de 23 — D.O. de 25-6-943).

#### OFICIAIS TRANSFERIDOS (desligamento).

E' mandado sustar a execução dos avisos ns. 3.360, de 19 de dezembro do ano transato, e 361, de 8 de fevereiro último, acerca do desligamento de oficiais transferidos, procedendo-se, dora avante, com relação a esses oficiais, na forma das disposições vigentes sobre o assunto.

(Aviso n. 1.526, de 19 — D.O. de 22-6-943).

#### OFICINA DE ALFAIATE (criação).

Fica criada uma oficina de Alfaiates junto ao Depósito de Material de Intendência da 8.ª Região Militar, com a seguinte constituição:

3.º Sargento artifice, 1; 3.º Sargento contador, 1; Cabo contador, 1; Soldados artifices, 4; Soldado auxiliar, 1.

(Aviso n. 1.637, de 1.º — D.O. de 3-7-943).

#### ORGANIZAÇÕES AUTÁRQUICAS (equiparação).

Para os efeitos do disposto no aviso n. 3.167, de 2 de dezembro de 1942, os servidores das organizações autárquicas ou paraestatais são equiparados aos funcionários públicos.

#### ORGANIZAÇÃO DOS QUADROS E EFETIVOS DO EXÉRCITO (Lei).

O *Diário Oficial* n. 167, de 20, publica na íntegra o Decreto-Lei n. 5.388, de 12-7-943, que aprovou a Lei da organização dos quadros e efetivos do Exército. Atualiza disposições emitidos no Dec.-Lei n. 556, de 12 de julho de 1938.

# Biblioteca de "A Defesa Nacional"

## Livros à venda:

História do Duque de Caxias (ilustrada) — Cap. Frederico	
Trotta . . . . .	Cr\$ 5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso . . . . .	Cr\$ 13,00
Instrução na Cavalaria — Maj. João de Deus Mena Barreto	Cr\$ 11,00
Instrução na Cavalaria — Maj José Horacio Garcia . . . .	Cr\$ 5,00
Instrução de Observação nos Corpos de Tropa — Major	
Armando Batista Gonçalves . . . . .	Cr\$ 3,00
Limites do Brasil — Cel. Lima Figueiredo . . . . .	Cr\$ 11,00
Manual do Sapador Mineiro — Ten.-Cel. Benjamim R.	
Galhardo . . . . .	Cr\$ 16,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio P.	
Lira . . . . .	Cr\$ 13,00
Manual de Serviço em Campanha da Cavalaria — Trad.	
Major José Horacio Garcia . . . . .	Cr\$ 15,00
Mais uma Carga, Camaradas! — Gen. Benício da Silva . .	Cr\$ 21,00
Manobras de Nicac — Gen. Bertoldo Klinger . . . . .	Cr\$ 5,00
Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes . . . .	Cr\$ 11,00
Morteiro — Cap. Guttenberg Ayres de Miranda . . . . .	Cr\$ 10,00
Moto-Mecanizados (A Defesa contra Engenhos) — Cap.	
Hugo de Mattos Moura . . . . .	Cr\$ 4,50
Notas de Tática de Cavalaria — Cap. Alvaro L. de Areas	Cr\$ 11,00

# POMBAIS MILITARES (assistência).

Fica assegurada a assistência médico-veterinária aos pombais militares por parte do oficial ou órgão do Serviço Veterinário que mais perto funcionar, o qual deverá, para isso, organizar uma pequena farmácia de medicamentos urgentes, a serem fornecidos, mediante pedidos regulamentares, pelo D.C. M.V.E. ou D.R.M.V.

(Aviso n. 1.614, de 29-6 — D.O. de 1-7-943).

# PROMOÇÃO DE GENERAIS

Foram promovidos ao posto de General de Divisão os Generais de Brigada Valentim Benício da Silva, Boanerges Lopes de Sousa e Firmo Freire do Nascimento.

(Decreto de 19 — D.O. de 22-6-943).

# QUADRO DE EFETIVO DE BATERIA (aumento).

Fica acrescido o quadro de efetivos da 6.<sup>a</sup> Bateria Independente de Artilharia de Costa de um terceiro sargento, um cabo e quatro soldados, destinados a guarnecer o Projetor Arco "Sperry" de que dotada a referida Bateria.

# RÊDE RODOVIÁRIA (dispõe).

E' extensivo, à rêde rodoviária do país, o que estabelece, quanto à ferroviária, o artigo 2.<sup>o</sup> e seu parágrafo único do decreto n. 21.985 de 20 de outubro de 1932, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto n. 12.926, de 15 — D.O. de 17-7-943).

# REGULAMENTO DISCIPLINAR DO EXÉRCITO (alteração).

O n. 105 do artigo 12 e o artigo 78, tudo do Regulamento Disciplinar do Exército, passam a ter a seguinte redação:

"Art. 12. ....

105 — Dirigir memoriais ou petições ao Chefe do Governo sôbre assunto da alçada do Ministro da Guerra, salvo em grau de recurso e com a devida permissão, nos casos que não colidam com a disciplina (art. 78, §§ 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup>).

Art. 78. Todo militar poderá queixar-se ou representar contra qualquer ato infringente das leis ou regulamentos militares, do seu comandante ou chefe, ato que o atinja, direta ou indiretamente, ou a subordinado de que seja chefe imediato, devendo êsse recurso ser precedido do pedido de reconsideração, sempre que êste pedido tiver cabimento.

§ 1.<sup>o</sup> Das soluções da queixa ou representação só cabe recurso até o Ministro da Guerra.

§ 2.<sup>o</sup> Contra a decisão do Ministro da Guerra o único recurso admissível é o pedido de reconsideração à mesma autoridade".

(Decreto n. 12.731, de 5 — D.O. de 7-7-943).

# RESERVA DAS FORÇAS ARMADAS (Radiomadores).

O *Diário Oficial* de 1.<sup>o</sup> de julho, publica o Decreto-Lei n. 5.628, de 29 de junho de 1943, que dispõe sôbre o aproveitamento dos Radiomadores como reserva das Forças Armadas.

# RESERVISTAS CONVOCADOS (casados).

Em aditamento ao Aviso n. 1.386, de 3 de junho de 1943, declaro que só gozarão dos benefícios constantes do mesmo os soldados conscritos e os reservistas convocados que já eram casados na data da sua incorporação, fato êsse provado com a apresentação da respectiva certidão.

(Aviso n. 1.562, de 22 — D.O. de 24-6-943).

# RESERVISTAS CONVOCADOS (etapa).

Torno extensivo aos reservistas convocados para o serviço ativo, o pagamento da etapa de guarnição, de que trata o artigo 113, parágrafo único,

## Biblioteca de "A Defesa Nacional"

### Livros à venda:

Notas sobre o Emprego do Batalhão no Terreno — Cmt.

Audet . . . . . Cr\$ 4,00

Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré . . . . . Cr\$ 9,00

Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino . . . Cr\$ 16,00

Noções de Topografia de Campanha — Gen. Paes de

Andrade . . . . . Cr\$ 11,00

O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe . . . . . Cr\$ 7,00

O Livro do Observador — Cap. Paladini . . . . . Cr\$ 11,00

O Livro do Soldado — Cel. Araripe . . . . . Cr\$ 7,00

O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap.

José Horacio Garcia . . . . . Cr\$ 6,50

O Oficial de Informações — Trad. Major José Horacio

Garcia . . . . . Cr\$ 7,00

Organização de Competição entre Equipe — Cap. Jair

J. Ramos . . . . . Cr\$ 3,00

O Surto no Japão — Maj. Nicanor G. de Souza . . . . . Cr\$ 2,00

O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira . . . . Cr\$ 5,00

O Tiro da Secção de Morteiro Brandt 81 m/m — Major

Pavel . . . . . Cr\$ 16,00

O Tiro de Grupo nas Intervenções Rápidas — Cap. Lin-

dolfo Ferraz Filho e Breno Borges Fortes . . . . . Cr\$ 6,00

Redação e Administração:  
**QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO**  
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

## EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.  
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

## SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Srs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio de Janeiro.

- a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.
- b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objectos na praça do Rio de Janeiro.

## SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Oronímbo Martins Pereira  
Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

## CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser encaminhadas ao Ten.-Cel. Ilang Figueiredo, Caixa Postal, Ministério da Guerra.

## PREÇOS

Oficiais e sub-tenentes .....	ano .....	Cr\$ 30,00
	semestre .....	Cr\$ 15,00
Argentos.....	ano .....	Cr\$ 25,00
	semestre .....	Cr\$ 14,00

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, os assinantes do estrangeiro, devem pagar mais Cr\$ 2,40 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de Cr\$ 50,00 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

## Colaboram neste número:

- Gen. Ademar Braga  
Gen. Cel. Paulo Mac Cord  
Ten. Cel. A. N. Pereira  
Ten. Cel. Armando Vespasiano  
Cap. Lindolpho Ferraz Filho  
Cap. Riquelme de Costa e Silva  
Cap. De Caranhuas Antunes  
1.º Ten. Bragança M. Alves  
1.º Ten. A. C. do Nascimento Jr.  
1.º Ten. Newton C. A. Mello  
1.º Ten. Franklin Serrano



Cr\$ 4,00